

Crise econômica ensina paraibanos a poupar dinheiro

Frente às incertezas geradas pelas dificuldades no país, muitas pessoas têm se esforçado para economizar o salário do mês. Para isso, é preciso ter foco e planejamento. [Página 17](#)



Foto: Divulgação/Maternidade Frei Damião

Proteção ao bebê no aconchego do colo

Na pandemia, programa implantado pela Maternidade Frei Damião oferece a "Hora do Colinho" para recém-nascidos privados da presença da mãe. [Página 6](#)

Foto: Divulgação



Exclusivo Diretor de 'Deserto Particular', aposta do Brasil para o Oscar 2022, Aly Muritiba fala sobre seu novo filme e a série que está rodando na PB. [Página 9](#)

Cultura

Esportes

Foto: Rogério Capela/CPB



De São Bento, PB Silvana Fernandes é eleita uma das três maiores paratletas do mundo pela Federação Internacional de taekwondo. [Página 21](#)

Entrevista

Foto: Evandro Pereira



Energia renovável Professor da UFPB, Carlos Cabral, afirma que o reúso é fundamental para o planeta. [Página 4](#)

CIÊNCIA E LOGIA

Editais financiam propostas para o Centro Histórico de JP

Parque Tecnológico que está sendo instalado pelo Governo do Estado estimula a revitalização da área. [Página 19](#)

Paraíba

Foto: Secom-PB



Outubro Rosa Pacientes se apoiam na ciência e na fé para enfrentar o câncer de mama. [Página 5](#)

Consumo de bebidas alcoólicas aumenta entre as mulheres

Sobretudo as mais jovens estão bebendo mais e especialista alerta para riscos de doenças decorrentes do excesso. [Página 7](#)

Brasil

MG lembrará o encontro entre Epitácio Pessoa e rei da Bélgica

O paraibano, então presidente da República, recebeu o rei Alberto I, em Belo Horizonte, há 101 anos. [Página 14](#)

Almanaque

Memorial é marco da cultura e do misticismo no Sertão da PB

Museu guarda objetos do fundador de Poço de José de Moura, considerado um "vidente" pelos moradores. [Página 25](#)

Colunas

/// A beatlemania foi muito mais do que um marco temporal, tornou-se o símbolo de uma geração que se dispunha a mudar o mundo. [Página 2](#)

Rui Leitão

/// O amigo de meu pai explicou-me o que era a Caína. Trata-se do nono e mais profundo círculo dos Infernos, na topografia que Dante fez daquela região. [Página 2](#)

Sitônio Pinto

/// Dedicatórias, do próprio punho, não só falam de seus autores, mas, também, do destinatário, além do que (...) imprimem como que uma aura especial de raridade ao volume dedicado. [Página 11](#)

Hildeberto Barbosa Filho



Conversa com o GOVERNADOR

NA RÁDIO TABAJARA

TODA SEGUNDA-FEIRA
AO VIVO, ÀS 13H

facebook.com/GovernoParaiba
youtube.com/GovParaiba



A implacável vontade de poder

Autoconfiança: de onde vem a crença em si mesmo?



Autoconfiança

Autoconhecimento

Da vida para o palco: o palco para a vida



Autoconfiança

Autoconhecimento

Da vida para o palco: o palco para a vida

Pensar Especial deste mês elegeu o tema 'autoconfiança': afinal, de onde vem a crença em si mesmo? Professores, psiquiatra, psicóloga, estudante e artistas procuram responder a pergunta.

Editorial

De encontro a

E as pessoas estão, literalmente, distanciando-se cada vez mais da terra. De uma perspectiva física, as mãos estão nos volantes e os pés nos isolantes de borracha, sejam sapatos, tênis e sandálias, sejam aceleradores, freios e tapetes de piso dos automóveis. Sob um prisma mais subjetivo, a cabeça está em outro planeta; no mundo do som, da imagem, da velocidade e da instantaneidade das redes sociais - que denominaram de “realidade virtual”.

Se os pés e as mãos quase não tocam mais o que é da natureza – e agora ainda mais, com o advento das luvas de plástico e a camada de álcool em gel, proteção sanitária adicional contra o coronavírus -, os olhos também captam, através de filtros, o que é do homem e da mulher e o que é do universo – as câmeras dos aparelhos de telefonia celular. E que tipo de som soam aos ouvidos entupidos pelos fones de audição eletrônica?

As correntes de energia que brotam da terra não revigoram mais o corpo e a mente nem sintonizam mais as batidas do coração humano com o pulsar do Cosmos. Do mesmo modo, as cargas silentes e invisíveis que descem do céu, percorrendo a estrutura humana da cabeça aos pés, não completam o ciclo, ligando-se ao centro do planeta, haja vista que reverberam nas palmilhas de borracha que segregam do chão as solas dos pés.

Longe da terra, longe de si mesma - levando-se em conta certa concepção holística da vida -, a humanidade fragmenta-se no individualismo; no cada um por si, tornando-se alvo fácil do apelo consumista do capitalismo. O privilégio recai no ter, em detrimento do ser. Então, de variados modos, os poucos que têm muito lutam por suas riquezas, tentando evitar que a multidão dos que têm pouco ou nada têm lhes tome algum quinhão.

E humanidade caminha assim de encontro a si mesma... aqueles poucos saindo dos condomínios de luxo para os balneários – alguns, até a passeios no espaço vão -, e aqueles tantos mais deixando marquises, casas e residenciais populares em busca de emprego; de qualquer coisa que faça dinheiro ou – os resignados - de um naco de pão. Tantas bombas, fuzis e metralhadoras armazenados, no mundo inteiro, não é uma política à toa.

Artigo

Rui Leitão

iurleitaoo@hotmail.com.br | Colaborador

A Beatlemania

A juventude em êxtase. O mundo inteiro entra numa alucinada e apaixonada admiração por um quarteto de jovens ingleses que veio para mudar comportamentos, indumentárias e conceitos. A beatlemania nasceu em 13 de outubro de 1963, quando quatro ingleses na faixa dos 20 anos, surpreenderam, promovendo a mais revolucionária das mudanças de procedimentos de que temos conhecimento na história.

Naquela noite do início da década de 1960, eles cantaram apenas duas músicas: “She Loves You” e “Twist and shout”. O bastante para fazer entrar em delírio os fãs que se aglomeravam em torno do local onde se apresentavam. Nascia a beatlemania, atitudes e condutas ditadas por um modismo influenciado por tudo o que eles faziam. A partir daí, nada foi como antes. Se Iniciava um novo tempo, e eu estava inserido no contexto.

Na verdade, tudo começou no início daquele ano, quando alcançaram, pela primeira vez, o topo das paradas britânicas com o single “Please, Please Me”. Os Beatles, grupo composto por Jonh Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr, rapazes saídos de Liverpool, tornaram-se, repentinamente, num fenômeno inédito, provocando uma espécie de furacão instantâneo. Causando histeria onde quer que tocassem.

Ao vermos imagens e vídeos da época, impressiona a intensidade com que a juventude os idolatrava, chorando, desmaiando, gritando, durante as suas apresentações em todos os recantos do planeta. Esse culto à banda não morreu, continua fervorosamente manifestado na atualidade, mesmo

após a sua dissolução. Não era apenas a música produzida que importava, mas, também, a vida pessoal deles e a relação com a legião de admiradores. Daí o nascimento do termo “beatlemania”. Durou apenas dois anos, mas foi o suficiente para que suas canções se transformassem em verdadeiros hinos da juventude até os dias de hoje

Relembro disso com saudade. Letras revolucionárias e irreverentes, contestando as regras impostas pela sociedade conservadora da época, incendiaram as mentes jovens. Roupas com cores fortes, anéis e sapatos com saltos altos, e cabelos compridos, passaram a fazer a referência de estilo da juventude. Eles chegaram para mudar e mudaram.

A beatlemania foi muito mais do que um marco temporal, tornou-se o símbolo de uma geração que se dispunha a mudar o mundo. Dela surgiu o “iê-iê-iê” no Brasil e toda uma nova forma de fazer música, com recursos da eletrônica, inovando

os ritmos e performances artísticas. Os Beatles passaram a ser exemplos de postura e pensamento de um novo tempo.

Sinto orgulho de fazer parte dessa geração: a época em que os jovens por meio da música promoveram uma revolução de costumes e de pensamentos. Desculpem meus filhos e netos, mas nem em 100 anos acontecerá algo igual. Os Beatles são insubstituíveis. Sem dúvida, formaram a maior banda de rock de todos os tempos. Seu legado continua intacto e extravasa o campo musical, sendo tema de estudos e análises sob os mais variados prismas, até acadêmicos.

Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

O arcanjo e o diabo

Um dia ele me contou um sonho. Alguém viera do Inferno lhe dar notícias:

- Stalin está no Inferno -, disse-lhe o visitante onírico.
- E Hitler? perguntou Gabriel.
- Hitler está na Caína.

O amigo de meu pai explicou-me o que era a Caína. Trata-se do nono e mais profundo círculo dos Infernos, na topografia que Dante fez daquela região. A Caína é o círculo infernal destinado aos fraticidas e parricidas. Esse topônimo foi derivado de Caim, que matou seu irmão Abel, como está registrado na comédia da Bíblia.

O engenheiro agrônomo e engenheiro agrimensor Gabriel Barbosa de Farias, formado em Minas Gerais, ainda encontrava tempo para Dante. Por essas e outras eu gostava de conversar com ele, desde meu tempo de menino. Gabriel era o único engenheiro agrimensor da Paraíba, pois o curso que fizera, de nível superior, foi extinto. Topografia passou a ser estudada nos cursos de Agronomia e Engenharia Civil.

Foi ele quem projetou e dirigiu a construção da Fazenda São Rafael, onde estão hoje o Campus da UFPB e a Rádio Tabajara. Aquela casa em frente à rádio era a residência do administrador da Granja (como era chamada), situada nas lindes da cidade. Nada mais resta do que foi a fazenda experimental. Projeto semelhante ele implantou no Acre – berço do primogênito Pérciles, radiologista, já falecido, irmão de minha infância. Sônia e Cleide nasceram em Tambiá, e Dário e Marta na Granja Branca de Neve, onde Gabriel morava com Odete, no bairro dos Expedicionários – do qual fez a topografia para o loteamento.

Saía governo, entrava governo, Gabriel permanecia à frente do Departamento da Produção

Agrícola (DPA). Ninguém dispensava seus serviços. Foi ele quem mudou os planos de Celso Furtado, quando se discutia a implantação da Sudene. O grande economista pronunciou uma conferência na Paraíba, defendendo a industrialização do Nordeste, que ficaria imune às secas, e o descarte de sua atividade agropecuária, caroável às secas. Gabriel publicou uma série de artigos no Correio da Paraíba, demonstrando a Celso a viabilidade da agropecuária no Nordeste, e o ilustre economista mudou de ideia. Os artigos estão esperando uma plaquete, que ainda não fizemos. Gabriel preocupava-se também com a piscicultura no Nordeste. Foi ele quem trouxe a tilápia para nossos açudes e à Lagoa.

No governo Gondim, o escultor Jackson Ribeiro foi pedir a Gabriel que liberasse o ferro-velho do DPA para ele fazer uma escultura. O DPA ficava em frente à Bica, e o ferro-velho lá embaixo da ladeira, perto da casa que alberga o Teatro Piolim. Depois de concluído o trabalho, Jackson chamou Gabriel para ver:

- O que acha?
- Parece com Cérbero, o porteiro do Inferno.

E o batismo ficou até hoje, motivando a rejeição que persegue o pobre diabo, sempre enxotado dos logradouros onde o colocam. Censurem, antes, a (divina) Comédia, de Dante. O Porteiro do Terceiro Círculo é exorcizado como se fosse um ícone do cão, um avatara de satanás, transubstanciado no demônio. Mu-dem-lhe o título e cessará a perseguição. Se ele fosse chamado de “Concreto de Jackson Ribeiro”, ou “O zagueiro”, ou “O boxeador”, ou, ainda, “O homem da senzala”, ou mesmo “Rei Zumbi”, não provocaria polêmica. Também, não teria tanto prestígio.

O diabo é o nome.

Caína é o círculo infernal destinado aos fraticidas e parricidas. Esse topônimo foi derivado de Caim, que matou seu irmão Abel

Fotolegenda

Foto: Ortilo Antonio



Dividindo o lixo

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

O que muda com a negativa da “minirreforma” trabalhista?

Medida Provisória trazia “colcha de retalhos” para a CLT que flexibilizava direitos assegurados constitucionalmente

Beatriz de Alcântara
alcantarabtriz@gmail.com

A rejeição do Plenário do Senado à Medida Provisória (MP) 1.045/2021, também conhecida como minirreforma trabalhista, é vista de maneira positiva por parte dos magistrados trabalhistas e de procuradores. Segundo a advogada Daniella Tavares, especialista em direito do trabalho, a MP trazia uma espécie de “colcha de retalhos” para a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), flexibilizando direitos já assegurados constitucionalmente aos trabalhadores e essa era a principal crítica ao documento.

O texto original da MP 1.045/2021 foi editado pelo presidente Jair Bolsonaro em abril deste ano, instituindo o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda. Nele constavam medidas trabalhistas de enfrentamento à pandemia da covid-19 que possibilitou o funcionamento das empresas através de redução de salários e suspensão de contratos. A negativa do Senado ao documento impacta os empregadores que não poderão mais realizar acordos individuais com os seus funcionários em relação a esses pontos.

Em relação às flexibilizações previstas pela minirreforma trabalhista, Daniella Tavares ressalta que as empresas ainda podem reduzir os salários, contanto que siga a determinação da Constituição Federal de que ele seja reduzido por meio de negociação “em convenção coletiva ou acordo coletivo com a participação do sindicato profissional”, afirmou a advogada.

Além disso, existem outras alternativas dispostas na CLT que auxiliam na re-

dução de custos para as empresas, “como a utilização do banco de horas, em vez da realização do pagamento de horas, priorizar o trabalho em home office, reduzindo os custos com vale transporte, entre outras”, pontuou Daniella.

Outra orientação importante é de que, caso as empresas precisem de recursos financeiros, há como solicitar empréstimos com taxas de juros mais baixas. “Encontra-se vigente ainda a Lei nº 13.999/2020 que institui o Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe), para o desenvolvimento e o fortalecimento dos pequenos negócios”,

Executivo

O texto original da MP 1.045/2021 foi editado pelo presidente Jair Bolsonaro em abril deste ano

argumentou a especialista em direito trabalhista.

A MP ainda tratava da criação de alguns programas novos, principalmente relacionados à empregabilidade do público de 18 a 29 anos. O primeiro era o Regime de Qualificação Profissional (Requip), que também englobava pessoas desempregadas a mais de dois anos ou beneficiários de programas de transferência de renda, voltado a “celebração de contrato de até 22 horas semanais e a obrigatoriedade de um curso de qualificação oferecido pelo Sistema S ou pelo empregador”, explicou Daniella Tavares.



Maioria dos sindicatos comemorara a queda

Outro programa era o Primeira Oportunidade e Reinserção no Emprego (Priore) destinado ao público jovem sem o primeiro registro na CLT e também a adultos com 55 anos ou mais sem vínculos formais há mais de um ano. “Os contratos poderiam ser celebrados com prazo de máximo 24 meses, a remuneração de no máximo dois salários mínimos e redução da alíquota do FGTS de 8% para até 2% dependendo do porte da empresa”, destacou a advogada.

O Programa Nacional de Prestação de Serviço Social Voluntário, para jovens de 18 a 29 anos e pessoas acima de 50 anos, possibilitava contratos temporários com prefeituras, remuneração de ao menos um salário-mínimo hora e contratos que não podiam substituir profissões regulamentadas ou cargos e empregos públicos. “A partir da rejeição da MP 1045, as empresas e os órgãos públicos não poderão contratar empregados por estas modalidades, tendo em vista a ausência de aprovação legislativa”, apontou Tavares.

A maioria dos sindicatos comemorou a queda da minirreforma e, para a advogada, algumas medidas precarizavam o trabalho, pois “reduziriam direitos constitucionalmente garantidos, como por exemplo a redução do adicional de horas extras de 50% para 20%, para profissionais de categorias especiais e a redução da alíquota do FGTS”, comentou.

Com o avanço da vacinação nos estados e a queda nos números de casos da covid-19, as empresas estão retornando gradualmente ao trabalho presencial, preservando em sistema remoto aqueles que fazem parte dos grupos de risco ou que ainda não se vacinaram. “Muitas empre-

sas têm cumprido corretamente com as normas de saúde e segurança do trabalho, mas outras tem flexibilizado esses cuidados, sendo alvos de denúncias por parte dos trabalhadores e investigações do Ministério Público do Trabalho”, disse Daniella Tavares.

Durante o período de 1º de março de 2020 até 20 de setembro de 2021, o Ministério Público do Trabalho na Paraíba registrou 15.165 procedimentos relacionados à covid-19, sendo 1.469 deles denúncias. Em todo o país esse número foi de 47,8 mil apenas no contexto da pandemia. O MPT-PB também instaurou mais de 600 inquéritos civis ou investigações voltadas à situação com o novo coronavírus. Além disso, expediu 250 recomendações a empresas e institui-

ções públicas em relação às medidas sanitárias e de segurança na pandemia, mais de sete mil notificações, ofícios e requisições, fez quase 4.700 despachos e firmou 76 Termos de Ajuste de Conduta (TAC).

Ainda relativo à questão da vacinação, mais especificamente ao Passaporte de Vacinação, a advogada trabalhista, Daniella Tavares, lembra que em dezembro de 2020, o Supremo Tribunal Federal julgou e concluiu que a vacinação é constitucional, legítima e obrigatória. E que, apesar de não ser forçada, “aquele que se recusar terá restrições a certas atividades ou a frequência a determinados lugares”, reiterou. Para a decisão, foi considerado que o interesse particular não pode se sobrepor à saúde coletiva.

Em casos de suspeita ou violação dos direitos trabalhistas, o funcionário pode realizar denúncia anônima por meio do site do Ministério Público do Trabalho ou ajuizar uma reclamação trabalhista na Justiça do Trabalho com um advogado de sua confiança.

Foto: Arquivo Pessoal



“Os contratos poderiam ser celebrados com prazo de máximo 24 meses, a remuneração de no máximo dois salários mínimos e redução da alíquota do FGTS de 8% para até 2% dependendo do porte da empresa”, explica a advogada Daniella Tavares

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

FORMAÇÃO DE FEDERAÇÕES PARTIDÁRIAS PODE GERAR EVENTUAIS OBSTÁCULOS NOS ESTADOS



Foto: Divulgação

A formação de federações de partidos no país, que foi um dos pontos aprovados na minirreforma eleitoral pelo Congresso Nacional, continua gerando incertezas entre lideranças políticas, aqui e alhures. A grande questão que se coloca é o cenário nos estados, onde eventualmente partidos podem estar de lados opostos, mesmo que seus dirigentes, em nível nacional, decidam pela aliança de quatro anos, que é o tempo mínimo para a vigência de uma federação. Um caso típico desta situação está na Paraíba. É que o presidente nacional do Cidadania, Roberto Freire, afirmou que estavam em curso tratativas para uma possível união entre partido e o PV, assim como também com o PSDB. Esta semana, em entrevista à Band News Manaíra, o governador João Azevêdo (foto) fez justamente essa leitura, ao ser indagado sobre essa possibilidade, lembrando que “nem o PV nem o PSDB estão na base do governo” na atualidade, o que criaria um empecilho para que seus integrantes pudessem estar no mesmo palanque do Cidadania, caso as legendas formassem uma federação.

NA PRÓXIMA SEMANA

Nesta próxima semana, de acordo com o governador João Azevêdo, haverá reunião da Executiva nacional do Cidadania, quando questões relacionadas às eleições de 2022 estarão na pauta, entre as quais o debate sobre a formação de federação com outras legendas. “Temos que ter um pouco de paciência para como ficará esse cenário”, disse

TODOS DA ESQUERDA

As CPLs são, sem dúvida, uma ‘vitrine’ para senadores e deputados que dela participem. Prova disso foi o resultado do Prêmio Congresso em Foco 2021, na categoria ‘Melhores do Senado’. Os vencedores, pelo voto popular, foram três parlamentares que se destacaram na CPL da Covid, nesta ordem: Randolfe Rodrigues (Rede), vice-presidente do colegiado; Humberto Costa (PT) e Fabiano Con- tarato (Rede).

MAIS DE 80 PREFEITOS

“Sem fazer comparações, sou o governador que mais recebeu prefeitos em audiência. Já são mais de 120 que eu recebi e tenho ainda agenda com mais 80”. Do governador João Azevêdo, em entrevista a uma rádio, reafirmando que recebe qualquer gestor municipal que solicite audiência, independentemente do partido ao qual pertença.

BASE DE APOIO

Ainda na entrevista, o governador João Azevêdo afirmou que, devido ao período eleitoral que se aproxima, “é natural que tentemos ampliar a base de apoio”. Especificamente em relação a Romero [Rodrigues], não discutimos nada ainda. E por que eu digo ainda? Porque eu posso dialogar com ele na maior naturalidade do mundo”.

“O MÉRITO VAI SER JULGADO AO NOSSO FAVOR”

“Eu tenho certeza de que o mérito vai ser julgado ao nosso favor”. Da prefeita de Conde, Karla Pimentel (Pros), confiante de que a Justiça Eleitoral irá cancelar a cassação de seu mandato, cuja decisão foi juíza Lilian Frassinetti Correia, da 3ª Zona Eleitoral de Santa Rita. A prefeita conseguiu liminar para se manter no cargo até que o mérito seja apreciado.

QUEM COMANDA

Há outro aspecto que tende a ser também problemático na formação de federações, nos estados: a decisão de quem irá comandar o grupo. Na Paraíba, na hipótese de haver uma aliança com PV e PSDB, quem ficaria nessa condição é o Cidadania, por ser o partido maior. “As pessoas desses partidos ficariam?”, questionou o governador.

Carlos Cabral
Professor da UFPB

“Temos que aproveitar tudo e o reúso é a alternativa”

Pesquisa da UFPB tenta viabilizar a transformação de compostos orgânicos em energia a partir da geração de biogás e reutilizar água de banheiros para irrigação

Luiz Carlos
lulaip@gmail.com

Uma pesquisa desenvolvida no Laboratório de Energia Solar da UFPB está desenvolvendo minúsculas de compostagem para geração de gás e aproveitamento dos resíduos usados para produzir adubo. Quem orienta a pesquisa é o professor Carlos Cabral, para quem “o que se tenta aqui é fazer valer a máxima de Lavoisier: na natureza nada se cria tudo se copia”. Nessa conversa com A União, Cabral explica como todo o processo é feito, desde a utilização de dejetos humanos, até a limpeza da água que poderá ser reaproveitada para irrigação. Para ele, o reúso não é a solução para todos os problemas ligados à geração de energia, mas é importante para a conservação do meio ambiente e para se colocar energia de forma barata para comunidades carentes. Um dos objetivos do projeto é levar as pequenas usinas para as escolas e comunidades rurais, uma vez que essas unidades de

produção podem gerar a energia necessária para o consumo. O custo é muito barato, mais em conta até do que a construção de uma fossa séptica em alvenaria e com a vantagem de não poluir os lençóis freáticos. Carlos Cabral diz que a pesquisa atende às preocupações básicas da sustentabilidade: técnica, econômica, ambiental e social, além de lembrar que o que “é lixo para um serve

como insumo para outro”. O pesquisador diz que a UFPB “perdeu um pouco o bonde da História”, ao não acompanhar o desenvolvimento da energia solar, cuja fonte é ilimitada apesar da necessidade crescente da população. “Não temos mais o São Francisco com seus grandes canyons, onde se pode acumular e produzir energia e nem temos quedas d’água disponíveis. Só resta, a produção na Amazonia, mas com a característica de se precisar de lagos, o que causa grandes danos à natureza”.

Para Carlos Cabral, a reutilização completa de algo orgânico que seria o lixo não é a solução para tudo - não existe uma solução que atenda tudo - mas a combinação do uso e, principalmente, a ideia do reúso são fundamentais para a economia e a preservação do meio ambiente

Quando ampliar a utilização doméstica, pode-se usar resíduos do vaso sanitário e transformar em gás

A entrevista

Uso do lixo orgânico, reúso da água, reúso da energia, que seria a transformação de uma fonte em outra. Pergunto como estão as pesquisas?

Aqui nós temos dado continuidade a pesquisas tentando arranjar formas de sobreviver. Os recursos têm desaparecido desde 2013, praticamente a gente não tem recurso de novas fontes e o governo federal fechou a porteira e a torneira está muito devagar ainda. Por isso, o reúso tem sido a tônica porque é aproveitar o que a gente tem para investir em novas oportunidades.

Já vimos linha de pesquisa com algodão, com energia solar e agora o senhor tá orientando trabalhos e desenvolvendo uma pesquisa em relação ao reúso de qualquer produto orgânico?

A ideia é aproveitar o máximo possível, tanto no reúso de matéria como é no reúso de energia. Fazer valer a frase de Lavoisier: “na natureza nada se cria tudo se transforma”.

O resíduo orgânico tem contaminação, pode ter mal cheiro. Como é trabalhado para se obter o gás que vai ser o produto final dessa transformação?

O investimento tem sido na biodigestão anaeróbica, na transformação do resíduo orgânico em gás, que é o biogás de origem: uma composição forte em metano e CO2. Se tem a produção do gás e depois a purificação para uso,

para substituir o gás natural veicular - ou o biometano. É preciso um processamento e uma purificação para redução, porque o CO2 é resultado de uma combustão e ele não queima, só atrapalha. Então, é preciso remover o CO2 do biogás para que você tenha uma utilização mais adequada e mais nobre.

Esse processo para separação e para a utilização mais nobre que o seu senhor referiu é um processo complicado, vai exigir uma grande usina, por exemplo?

Como o processo de uso do biogás é de transformação, é teoricamente simples. Você não pode ter oxigênio. Quando ampliar a utilização doméstica, pode usar resíduos do vaso sanitário e transformar o resíduo em gás. Você pode fazer um tratamento e utilizar esse líquido como garantia de que você tá obtendo um resultado econômico, e tem que olhar o que é que você está contribuindo para o ambiente. E socialmente o que é que você tá deixando. Você também está olhando e batalhando para gerações futuras.

Quais são as preocupações?

A sustentabilidade tem a preocupação técnica, a econômica, a ambiental e a social. E a contribuição hoje do biogás pode ser residencial, pode ser educacional. Entidades educacionais podem utilizar o sistema para gerar gás para própria cozinha no ambiente da escola, sem exi-

gência de grandes estruturas, relativamente barato.

Relativamente barato quer dizer o quê?

Se você comparar uma fossa séptica utilizando reúso de materiais, tipo bombonas, que você pode encontrar com custo menor para construir do que uma fossa séptica em alvenaria e com uma durabilidade maior. Se estará tratando algo que levaria um tempo para degradar e estaria, também, conservando e atuando na direção de proteção ao meio ambiente.

Estamos falando, mais ou menos, em compostagem orgânica?

É uma compostagem que tem um outro lado. Essa fossa séptica tem uma outra contribuição, que é evitar a danificação dos lençóis freáticos.

Em que estágio essa pesquisa está?

No Brasil, a aplicação no Sudeste está em alta principalmente no Estado do Paraná, que tem feito a utilização na produção de biogás, com bastante ênfase, causa da grande produção suína, cujos resíduos e dejetos dos porcos estão sendo utilizados em usinas para produção de energia elétrica e, ao mesmo tempo, adubos para plantação.

Nesse caso da pesquisa da Paraíba qual é o diferencial?

O diferencial que nós estamos querendo atuar na proteção ao ambiente e produção de gás em escolas públicas. O

foco poderia ser escolas públicas porque se teria a produção da alimentação para educação que é um problema nosso, tratamento da água preta para produzir gás e, ao mesmo tempo, se produzir adubo orgânico, que pode ser utilizado para produção própria escola.

O que é essa água preta que o senhor se referiu?

Água preta é a água que vem dos vasos sanitários. Temos, tanto no edifício comercial ou no educacional, dois tipos de água. Uma água que tem resíduos orgânicos e outra que tem componentes químicos. A pia, por exemplo, para lavar prato se usa detergente, então isso inibe a produção do biogás, a reação, porque tem que fazer coleta separada. E se tem também a água cinza que pode ser tratada e melhorada para proteger o meio ambiente e ser utilizada na irrigação. A água preta é a que contém resíduos orgânicos e esses organismos serão tratados produzindo o gás e o CO2. E o

“O caminho é irreversível. A energia solar é abundante e a gente tem que fazer o uso dela e contribuir, porque se você desloca a matriz energética você diminui o consumo da energia hídrica e aumenta a água nos lagos”

resíduo ainda pode ser depurado e utilizado na lavoura.

A quantidade que se vai produzir de biogás vai exigir uma grande estrutura?

Não será maior do que a estrutura normal de uma fossa seca. As fossas comuns hoje são as chamadas fossas pretas. Elas degradam o lençol freático, o contaminando. O resíduo será separado em um processo sequencial. As primeiras bombonas podem utilizar somente para produzir gás e na sequência da limpeza da própria água há uma degradação natural e você consegue transformar o que era sujeira.

O senhor acredita professor que o reúso é o futuro?

A reutilização completa de algo orgânico que seria o lixo não é a solução para tudo - não existe uma solução que atenda tudo - mas a combinação do uso e principalmente a ideia do reúso são fundamentais. O que se transforma em lixo de um serve como insumo para outro, então, interesse maior é harmonizar a natureza. E o meio ambiente agradece, especialmente no que diz respeito à utilização de água e energia que são dois, digamos assim, recursos limitados.

Professor, a Universidade Federal da Paraíba é sempre pioneira?

Olha, nós perdemos um pouco o bonde da História, porque começamos com transformações termodinâ-

micas, tivemos investimento da década de 70 em pesquisa para energia solar, mas só fontes de transformações termodinâmicas a baixas temperaturas. Tivemos a perda de investimento em conversões direta. Hoje as placas são todas importadas e a gente podia, o Brasil poderia estar produzindo painéis solares, mas faltou investimento na base na formação de pessoas e o econômico também para que a coisa pudesse ser construída do Brasil. Mas o caminho é irreversível. A energia solar é abundante e a gente tem que fazer o uso dela e contribuir, porque se você desloca a matriz energética você diminui o consumo da energia hídrica e aumenta a água nos lagos.

O consumo é ilimitado?

Não temos fontes ilimitadas. A gente tem uma população que cada vez mais utiliza energia e não da para ficar somente com uma fonte. Por isso que a quantidade de produção de energia hídrica tem diminuído. A natureza tem sentido, a densidade de chuva diminuiu e a gente precisa acumular para poder produzir energia. Não vamos mais ter Itaipu. Se precisa volume e queda de água e a gente não tem mais queda. A água está muito mais no Norte. Não tem mais como o São Francisco, com grandes canyons, onde se pode acumular e produzir energia com uma danificação menor ao meio ambiente. Na Amazônia, se precisa ter lagos e como é plano você tem uma um ataque ao meio ambiente muito grande.



Foto: Arquivo pessoal

Pacientes se apoiam na ciência e na fé contra o câncer de mama

Para enfrentar o tratamento, eles afirmam que buscaram manter sempre pensamento positivo e esperança na cura

Laura Luna

lauraluna@epc.pb.gov.br

Receber um diagnóstico de câncer não é nada fácil. O medo e a insegurança costumam se fazer presentes neste que pode ser considerado um dos mais desafiadores momentos da vida de qualquer pessoa. Mas há uma questão que deve ser levada em consideração e que faz toda a diferença: o que fazer e como agir quando se recebe o diagnóstico. No mês de alerta no combate ao câncer de mama, que é o tipo mais comum em mulheres no mundo todo, vamos conhecer histórias de quem venceu a doença, seguindo à risca os tratamentos e, antes de qualquer coisa, acreditando com todas as forças na possibilidade de cura da doença.

Pela foto utilizada na rede social é possível perceber o quanto a aposentada Geralda Mendes é de bem com a vida. O sorriso ‘de orelha a orelha’ não nega e sempre foi assim, mesmo quando em dezembro de 2007, aos 44 anos, soube que estava com câncer de mama em grau três. “Eu mesma

“De peruca, em pleno tratamento, e mesmo assim eu estava lá e consegui concluir o curso de pedagogia”.

E se o assunto é pensamento positivo, Fátima Lucena é o nome. Pode até soar estranho, difícil de compreender em um primeiro momento, mas acredite: a psicóloga costuma agradecer por ter tido câncer de mama. “Se não fosse pelo câncer não ajudaria tantas pessoas”, conta a entrevistada que venceu a doença há 21 anos e desde então tem se dedicado a apoiar mulheres em tratamento. “A vida é do jeito que a gente vê e eu sempre vi a vida bonita. Nunca tive desânimo, tristeza e eu posso até dizer às pessoas que a vida é bela, não importa a doença ou o problema que você tenha”. Com Fátima sempre foi assim, mesmo quando recebeu a notícia da doença. “E nem é porque sou psicóloga, é porque minha avó me ensinou a olhar o céu cinza e ver azul”, conta. O processo até a cura foi lento e, claro, até difícil em alguns momentos, mas não é sobre isso que Fátima Lucena costuma falar. “Em minhas palestras, meus testemunhos, faço questão de dizer o quanto sou grata por tudo que passei e digo também que no meu caso a alegria, a força e o pensamento positivo me ajudaram 100% a chegar na cura”.

Fé em Deus e na medicina. Foi onde Jacó Gomes encontrou forças quando, há sete anos, recebeu o diagnóstico que apenas 1% das pessoas acometidas pelo câncer de mama recebe. No homem a doença é rara, incomum, mas acontece. “Fui sorteado”, lembra o entrevistado que há sete anos soube que estava com um nódulo na mama e precisava operar com urgência. Em meio à turbulência da notícia que soou como se o chão se abrisse, disse, veio a força. O suporte da esposa e dos filhos e a fé inabalável foram essenciais durante todo o processo que iniciou com a cirurgia de mastectomia- retirada total da mama- seguida de químio e radioterapia. Tratamento que, somado a uma vontade imensa, levou Jacó à vitória. “Eu sempre com a fé focada em Deus, tinha convicção que Deus ia me curar, mesmo as pessoas às vezes olhando pra mim com olhar de tristeza e aquilo me abatia um pouco”. E se a insegurança vinha em alguns instantes, Jacó tratava logo de mandar o sentimento para longe. “Deus me fazia esquecer, mudar os pensamentos na hora”. O pastor evangélico aproveita e reforça o que, para ele, fez toda a diferença durante o processo que durou cerca de um ano e meio. “Clame por Deus. Não se entristeça, tenha ânimo, viva a alegria dentro de você”.



Mamografia é considerado o principal exame para o diagnóstico do câncer de mama e deve ser realizado periodicamente pelas mulheres



Diagnóstico precoce traz 95% de chance de cura

Com quase 30 anos de dedicação ao diagnóstico da mama, a mastologista Joana Barros conta que os tratamentos são inúmeros e variam a depender de como a doença se apresenta. Mastectomia, quimioterapia, hormonioterapia, imunoterapia são algumas das possibilidades. Importante destacar que é o diagnóstico precoce a maior arma contra a doença. Joana Barros acredita que uma população bem informada e com acesso à mamografia, considerado o principal exame diagnóstico, são essenciais no combate à doença, que na fase inicial tem 95% de chance de cura. Mas apesar de todo o aparato médico, a especialista também reconhece a força que pode surgir nas fases desafiadoras da vida e de como essa vontade de buscar a cura é essencial. “A perda da mama, como é necessário em alguns casos, não significa a perda da vida e a paciente pode usar essa condição até para renascer. Vemos muitas se empoderando e mudando a forma de encarar a vida”. Joana Barros, que é também coordenadora da Ong ‘Amigos do Peito’- responsável por oferecer suporte a pessoas com câncer de mama - lembra da importância que a ajuda mútua pode ter na trajetória, muitas vezes solitária, contra a doença. “Está se formando uma corrente, onde aquelas que tiveram câncer de mama

acabam ajudando e apoiando tantas outras, até porque câncer de mama pode acontecer com qualquer uma de nós”.

Fala reforçada pela psicóloga clínica, Leonice Mindelo, que atua também como voluntária na Ong ‘Mãos que Acolhem’ onde trabalha junto a portadores de câncer de mama e outros tipos da doença. “Acreditar e confiar na cura é essencial. E é preciso se voltar para as coisas boas da vida”. Leonice destaca a força de vontade que cada paciente deve buscar, mesmo nos períodos de maior fragilidade. “Quando a paciente começa a confiar e acreditar que vai se curar, a autoestima começa a se elevar e a vida muda para melhor”. A próxima etapa, na avaliação da psicóloga, é correr atrás de fazer aquilo que se ama. Retomar as atividades de antes da doença faz a diferença na vida de qualquer paciente que precisou diminuir o ritmo por causa do tratamento. “Voltar ao trabalho, fazer exercício físico, se arrumar, se maquiar. Fazer coisas que sejam prazerosas e que as deixem felizes”, completa. Pode até não ser tão fácil, já que cada pessoa reage de maneira diferente, mas é preciso buscar, afinal de contas, foi-se o tempo em que o câncer era sentença de morte. “É seguir a terapia medicamentosa e pensar positivo. Mente sã, corpo são. É acreditar que tudo vai dar certo”.



“Sou muito religiosa e acredito muito na cura de qualquer doença colocando Deus à frente”

“De peruca, em pleno tratamento, e mesmo assim eu estava lá e consegui concluir o curso de pedagogia”

Geralda Mendes

Aposentada

“Acreditar e confiar na cura é essencial. E é preciso se voltar para as coisas boas da vida”

“Quando a paciente começa a confiar e acreditar que vai se curar, a autoestima se eleva e a vida muda para melhor”

Leonice Mindelo

Psicóloga clínica



Fotos: Arquivo pessoal

‘Hora do Colinho’ tenta suprir a ausência de mães com covid-19

Projeto da Maternidade Frei Damião foi desenvolvido durante a pandemia para compensar a falta do colo materno

Beatriz de Alcântara
alcantarabriz@gmail.com

Natural de Belém, no Agreste paraibano, Neylianne Gomes, de 36 anos, passava tranquila pela sua terceira gestação, planejando mais um parto normal até contrair a covid-19 e ver os planos mudarem do dia para a noite. Com a mãe entubada logo após dar à luz, José Vinícius quando chegou ao mundo não tinha o colo dela e também não podia receber a visita do pai ou de outros familiares, devido às restrições da pandemia. Na falta do acolhimento parental naquele momento, o bebê recebeu afeto das muitas mãos que compõem a Maternidade Frei Damião, em Cruz das Armas, e fez nascer (junto com ele) o projeto “Hora do Colinho”.

Com quase 31 semanas de gravidez na época, Neylianne ficou em estado grave da doença

e precisaria ser entubada e, com isso, seu parto aconteceria enquanto estivesse desacordada. Mesmo com a certeza no coração de que não morreria, conforme ressaltou ela, o desejo era de ver seu filho antes da entubação. “Eu nunca achei que ia morrer, sabia que iria enfrentar muitas dificuldades, mas iria vencer sim em o nome de Jesus. Toda a minha família ficou aflita com o que estava acontecendo, mas nunca perderam a fé que tudo iria passar”, contou a mãe de José Vinícius. Ao todo, foram 16 dias entubada e 44 dias totais de internação.

A urgência do parto fugiu completamente dos planos de Neylianne que sempre se manteve atenta com a saúde. “Minha gestação foi tranquila, fazia todas as minhas atividades normalmente. Sempre optei por um parto normal. Sou mãe de três: Vanícia Nayanne, Neylanne Vanízia e José

Vinícius. As meninas nasceram de parto normal e gostaria que fosse da mesma forma”, comentou Gomes. O bebê nasceu saudável, contudo, por ser prematuro precisou ficar 18 dias internado no hospital recebendo cuidados.

Dentre os cuidados direcionados ao recém-nascido, esteve o projeto “Hora do Colinho”, que surgiu junto a sua internação, na necessidade de suprir de alguma forma a ausência do colo da mãe – que seguia entubada. “Fiquei super feliz em saber que meu filho foi tão bem acompanhado, apesar da minha ausência enquanto estava na UTI. Sou muito grata a toda a equipe pelo acolhimento e cuidado com José Vinícius”, destacou Neylianne.

Para a mãe, o projeto demonstrou muita humanidade e proporcionou diversos benefícios ao seu bebê enquanto esteve ausente. “É sabido as dificuldades

existentes em crianças que ficam na UTI, principalmente no que diz respeito à privação dos estímulos externos e principalmente da presença física da mãe (de pegar, amamentar, estar perto a todo tempo), e ver que dentro de um hospital existe um projeto como esse é de uma sensibilidade e humanização muito grande”, argumentou, emocionada.

Passado o período mais difícil, Neylianne teve que lidar com as incertezas referentes à amamentação. Por ter tomado uma medicação que interrompia a produção de leite, a fim de evitar complicações, ela conta que na saída da UTI percebeu junto com uma enfermeira o colostro – o primeiro leite produzido pela mãe durante o aleitamento. “Foi uma emoção sem explicação. As profissionais do Banco de Leite vieram estimular e logo saiu o meu tão sonhado leite”, compartilhou.

José Vinícius

nasceu saudável, contudo, por ser prematuro, precisou ficar 18 dias internado no hospital recebendo cuidados

Mesmo com a produção do leite, ainda havia dúvidas de que o bebê pegasse o peito para se alimentar, pois haviam passado 44 dias desde seu nascimento. “Para mim, a certeza de amamentar era nítida. Como, de fato, quando cheguei em casa não teve complicações. Ele pegou direitinho e até hoje mama muito bem”, finalizou Neylianne.

Fotos: Arquivo pessoal



A Hora do Colinho da Maternidade Frei Damião é um projeto que tranquiliza os recém-nascidos e foi destacado por Neylianne Gomes (C); já enfermeira Mariluce Ribeiro (D) relata que sempre gostou de colocar os bebês em seu colo

Protocolo descreve cuidados que devem ser tomados durante o projeto

O projeto teve início durante a chamada segunda onda da covid-19, em que houve um aumento significativo dos casos e óbitos maternos, além das restrições que impossibilitavam os pais ou demais familiares visitarem os bebês. Foi nesse período que, na Frei Damião, ao menos duas gestações precisaram ser interrompidas de forma prematura pela segurança das mães e das crianças. “Comecei a perceber o aumento da inquietação e choro dos bebês. Sabendo que o choro gera gasto de energia e perda de peso, comecei a oferecer meu colo e observar as reações deles”, justificou a enfermeira Mariluce Ribeiro.

Atualmente, existe um protocolo que descreve minuciosamente todos os cuidados que devem ser tomados durante a execução da “hora do colinho”, desde a forma correta

de segurar o bebê até a paramentação. De acordo com Mariluce, não existe uma hora determinada para o “colinho”, vai depender da necessidade do recém-nascido, mas é estipulado no mínimo 40 minutos para que o bebê seja acalmado. Os benefícios são: maior tempo de sono, ganho de peso, redução no tempo da internação, melhor absorção da dieta e diminuição do choro.

O início do projeto foi marcado pela ‘carência’ dos bebês que perderam suas mães para a covid-19 ou que elas estavam internadas, sem condições de acolhê-los. Entretanto, a enfermeira idealizadora conta que a “hora do colinho” já foi aplicada em outras situações, como bebês órfãos por outras complicações durante ou pós-parto; ou em estado de abandono. “Existem diversas situações, como problemas

sociais de extrema pobreza e a distância da capital, por terem outros filhos a mãe não pode ficar acompanhando o bebê, para isso que nasceu o projeto Hora do Colinho, para oferecer

“Comecei a perceber o aumento da inquietação e choro dos bebês. Sabendo que o choro gera gasto de energia e perda de peso, comecei a oferecer meu colo e observar as reações deles”

colo aos bebês privados desse colo materno ou de familiar”, explicou Ribeiro.

A inspiração para o projeto foi e é o amor. A enfermeira Mariluce Ribeiro relata que sempre gostou de colocar os

bebês em seu colo para tranquilizar eles e, na presença de órfãos, sentia-se comovida com o fato de que eles não teriam o colo de mãe. “Já temos a “Hora do Soninho”, em que apagamos as luzes e colocamos músicas de ninar, mas alguns mesmo assim ficavam chorosos e inquietos, então me paramentava e conversava com eles”, comentou.

Foi desses momentos de “conversa” com os recém-nascidos que surgiu o nome para o projeto. “Perguntava: você quer “hora do colinho”? E assim trazia eles para meu colo. Fui ler um pouco sobre o poder do colo e pode ter certeza colo cura, porque a enfermagem é isso amor e empatia, é a mão que tem o colo e que acalenta”, disse Mariluce. “Sei que é difícil ressignificar uma perda materna, mas um cuidado humanizado, usando uma tecnologia

leve, que não tem custos, pode minimizar os danos que isso possa ocasionar na vida desses bebês”, pontuou Ribeiro.

Os dados da Maternidade Frei Damião informados por Mariluce apontam para o óbito de 25 mães e 150 gestantes que foram internadas com complicações da covid-19. Enquanto elas se cuidavam de um lado, seus bebês eram cuidados do outro através da terapia “hora do colinho”. Uma das principais motivações para continuar o trabalho é o resultado desse cuidado para a família envolvida, principalmente àquelas que a mãe sobrevive. “É uma gratidão que essas mães sentem, as que conseguiram vencer a covid, quando sabem que seus bebês tiveram esse acolhimento no momento em que estavam impossibilitadas”, concluiu a enfermeira.

Estudos indicam que a proporção de homens e mulheres com problemas causados pelas bebidas alcoólicas é quase equivalente

Cresce consumo de álcool entre as mulheres, diz especialista

Apesar do hábito ser mais frequente entre os homens, elas já representam parcela considerável dos pacientes hepáticos

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

O consumo excessivo de bebidas alcoólicas traz uma série de prejuízos físicos e emocionais e é mais verificado nos homens, principalmente a partir dos 40 anos. Eles são os pacientes com maior risco de desenvolver doenças hepáticas (que afetam o fígado), porém, os distúrbios psicológicos resultantes do alcoolismo já podem ser percebidos entre os mais jovens, potencializando, inclusive, problemas de saúde mental já existentes. Estas informações são do hepatologista do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW-UFPB), José Eymard.

Ele aponta que apesar dos problemas hepáticos causados pelo álcool serem mais frequentes nos homens, já existe uma quantidade considerável destas doenças em mulheres, pois estas são mais sensíveis às lesões provocadas por essa substância. “Antigamente, menos mulheres bebiam, hoje o consumo de álcool tem aumentado muito entre elas, principalmente as adolescentes. As mulheres são mais suscetíveis às doenças crônicas relacionadas ao abuso de álcool”, explicou.

Segundo o médico, o tempo de bebida a longo prazo, a suscetibilidade individual (tendência em apresentar o problema), a carga alcoólica consumida diariamente e a existência de outras complicações anteriores, como o fígado gorduroso, sobrepeso, diabetes, doenças hepáticas como a hepatite B e a hepatite C, são fatores que agravam ainda mais a situação do paciente.

O fígado é um dos principais órgãos atingidos por esses produtos e a cirrose hepática se destaca entre as doenças causadas especifi-

camente pelo consumo abusivo de bebidas alcoólicas. O hepatologista cita ainda os transtornos psiquiátricos, alterações cardiovasculares (lesão cardíaca/insuficiência cardíaca), lesão cerebral (com quadro de demência/ perda cognitiva ao longo do tempo) e a insuficiência pancreática (problemas na digestão e absorção de nutrientes).

Na parte psiquiátrica, é grande a possibilidade de sintomas como demência e agressividade. O especialista acrescenta que é preciso um tempo prolongado de consumo para que as complicações no organismo (lesões cardíacas, hepáticas, pancreáticas,

Antigamente, menos mulheres bebiam. Hoje, o consumo de álcool tem aumentado muito entre elas, principalmente as adolescentes. As mulheres são mais suscetíveis às doenças crônicas relacionadas ao abuso de álcool

cerebral) comecem a aparecer e por isso que muitas vezes elas surgem a partir dos 40 anos. Mas, a parte psiquiátrica, modificada pela dependência química já é percebida entre os mais jovens e é uma das consequências mais graves.

A psicóloga clínica, Twanne Aparecida explica que o abuso do álcool é responsável por diversos problemas de saúde mental, potencializando doenças já existentes ou gerando novas complicações. Hoje, existem estudos registrando que a

proporção de homens e mulheres com problemas causados pelas bebidas alcoólicas é quase equivalente.

A especialista comenta que os meninos são estimulados desde cedo a gostarem destes produtos, pois isto é traduzido como sinal de masculinidade ou virilidade. Mas, as mulheres também se destacam, desta vez como forma de “aliviar” o stress das responsabilidades. “Na maioria dos casos, o uso começa cedo. Há relatos de pessoas bebendo aos 12, 13 anos e vai aumentando gradativamente até chegar a um transtorno, dependendo do organismo”, ressalta.

As consequências incluem lapsos de memória, alucinações, delírios, crises convulsivas, alterações na vida social e financeira, prejudica a gestação, dentre outras complicações. “Geralmente as pessoas que fazem uso de bebida alcoólica, buscam o álcool e outras substâncias como forma de fuga. Na maioria dos casos, já apresentam algum transtorno que nem sempre é diagnosticado, como depressão ou crises de ansiedade. Isso faz com que o uso excessivo do álcool aumente os sintomas”, alerta.

Ela esclarece que o álcool é uma droga depressiva e, assim, a euforia e perda da timidez presentes após a primeira dose, em seguida dá lugar a uma pessoa sonolenta, com comportamentos deprimidos ou agressiva, depois que ela toma quantidades maiores e ocorre um declínio do efeito. “As pessoas que já tenham um diagnóstico de depressão ou ansiedade e fazem uso de psicotrópicos, quando elas também bebem, a bebida pode anular o efeito da medicação ou aumentar os sintomas que a pessoa já tem”, pontuou.



Fator genético e quantidade ingerida

É amplamente conhecido que o álcool causa doenças de fígado, mas existem vários fatores de risco como o fator genético. Mas, este ainda não é o fator mais importante, conforme afirma José Eymard. “Não tem como saber quem é a pessoa que está mais ou menos suscetível a desenvolver problemas. Existem pessoas que bebiam muito e não tiveram problemas no fígado e outras que bebiam pouco e desenvolveram cirrose ao longo do tempo”, esclareceu o hepatologista.

Ele observa que o tipo de bebida, carga alcoólica e o tempo que a pessoa passa bebendo são mais importantes para detectar problemas. “Geralmente o consumo é equivalente a mais de duas doses de álcool por dia, sejam duas latas de cerveja de 350ml, duas taças de vinho, duas cachacinhas. Isso diariamente por mais de dez anos, é considerado uma dose de risco. Isso equivale a acima de 20g para mulher e acima de 40g de álcool/dia para o homem”, analisa o médico.

Pandemia

A chegada da covid-19 ampliou todos os problemas relacionados ao álcool, já que as pessoas em isolamento social viram na bebida uma forma de se sentirem melhores diante das restrições. Os dois especialistas citam que a pandemia aumentou a frequência, o consumo e a carga alcoólica, isto é, as pessoas beberam mais unidades, por mais tempo, e bebidas mais fortes.

Inclusive, o abuso do álcool, conforme aponta a psicóloga, veio acompanhado de questões como a violência doméstica, já que em muitos lares os casais foram obrigados a conviver mais tempo juntos, o que afetou os relacionamentos já complicados anteriormente. “Houve um aumento

muito grande do consumo na pandemia, já que as pessoas sem poder sair, viram na bebida, uma forma de aliviar ou desestressar o que sentiam”, comentou a profissional.

Alcoolismo

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o alcoolismo é a dependência do indivíduo ao álcool. Este uso constante e sem controle de bebidas alcoólicas pode prejudicar o funcionamento do organismo, trazendo ainda problemas sociais, familiares, afetivos, financeiros e outros.

Muitos acreditam que apenas é alcoólatra, aquela pessoa que bebe diariamente. Porém, a psicóloga explica que o indivíduo que consome uma grande quantidade apenas nos finais de semana, também pode ser considerado alcoólatra, a partir de vários sintomas. “Muitas pessoas acreditam que o alcoólatra é a pessoa que consome todo dia e não necessariamente. A pessoa que não bebe todo dia, mas em todo final de semana, tem ressaca, só vai para uma festa se tiver bebida alcoólica e não consegue ficar o final de semana sem beber, são os chamados alcoólatras funcionais”, afirma.

O alcoólatra não se sente confortável em ambientes sem álcool e começa a apresentar sintomas de abstinência como irritabilidade, dores estomacais e crises de ansiedade. “Transtorno é tudo aquilo que nos prejudica de uma certa forma. Se eu começo a criar desculpas para não cumprir compromissos, se alguém liga e diz que vai ter uma festa e ‘vamos tomar uma’ e eu dou um jeito de ir, deixo de estar com a família ou falto o trabalho por estar com ressaca, isso já é um sinal de alerta para detectar um possível transtorno, um alcoolismo”, finalizou Twanne Aparecida.



Fotos: Divulgação



A cultura do caju foi o motor econômico do município até que os repetidos períodos de estiagem provocaram a quebra na produção; hoje, construções como a igreja de Nossa Senhora de Fátima se converteram em atração turística da cidade



A festa de emancipação política tem três dias de programação, abrangendo do público infantil ao idoso, com caminhada, feira da cultura, torneio de futebol, corrida de bicicleta, celebrações religiosas e um desfile com banda marcial

Tenório resiste à estiagem e muda a vocação econômica

Famoso pela cultura do caju, município se destaca na produção de caulim usado como matéria-prima para cerâmica

Sara Gomes
saragomesreporteruniaoo@gmail.com

O município de Tenório-PB, localizado na microrregião do Seridó oriental, foi um grande produtor de caju, mas a seca acabou com essa importante fonte econômica. Hoje, a cidade se destaca na extração de caulim, fornecendo matéria-prima para uma importante indústria de

revestimento cerâmico em João Pessoa. Além da atividade de mineradora, a economia de Tenório se desenvolve a partir de atividades diversificadas como a produção de milho e feijão na agricultura familiar. O funcionalismo público municipal e estadual também é predominante. O professor de língua portuguesa Renilson Nóbrega, 47 anos, conta que Tenório era conhecido como

a Terra do Caju, há 20 anos. “Após a colheita do feijão e do milho em julho, os agricultores começaram a cultivar a terra para o caju, colhendo a plantação no começo de outubro. Enviávamos castanha à Fortaleza”, lembrou.

O turismo é pouco desenvolvido no município. Todavia, a cidade recebe um fluxo de pessoas considerável nos dois eventos que marcam as

comemorações da cidade: a emancipação política do município no dia 29 de abril; e a festa da padroeira de Nossa Senhora de Fátima, celebrada no dia 13 de maio.

No evento da emancipação política acontecem três dias de programação, abrangendo do público infantil ao idoso. A programação abrange caminhada, feira da cultura, torneio de futebol, corrida

de bicicleta, celebrações religiosas, desfile da banda marcial e uma festa tradicional no encerramento. Já a Festa de Nossa Senhora de Fátima acontece entre os dias 13 e 31 de maio, com a participação de pessoas das comunidades rurais e das cidades vizinhas.

Informações técnicas
O município de Tenório possui uma área territorial de

87.452 km² e uma população estimada de 3.103 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Tenório localiza-se ao norte do município Equador, no Rio Grande do Norte; a oeste do Junco do Seridó e Assunção; ao Sul de Juazeirinho; e a leste de Seridó. Apresenta clima típico do semiárido do Nordeste brasileiro e vegetação do tipo Caatinga.

Nome do município inspira versões da origem indígena à econômica

A origem do nome do município traz consigo várias versões. A figura de um índio vindo do Rio Grande do Norte, aparece recorrente nas versões contadas, mas há também uma conotação mais objetiva, voltada para um olhar econômico. O professor Renilson Nóbrega explica que há dois relatos sobre a história do índio. “Um índio chamado Tenório se instalou nestas terras com seu povo e por ser reza-dor, muitas pessoas vinham se consultar com ele. O lugar foi batizado com seu nome. Outra versão revela que um índio, ao passar por essa região, teria

morrido às margens do riacho Tenório e que este fato seria o motivo para marcar o local com o nome do pajé”, contou. Em 1930 ocorreu um fator importante nas terras tenorenses. Segundo informações do site da Prefeitura de Tenório, a família Batista (Cícero, Manoel e Joel), que eram pequenos e médios produtores rurais, compraram as terras do senhor Severino Galdino de Araújo. O povoado começou a ser desmatado a partir da agricultura de subsistência, com os produtos mais procurados da época: feijão, milho, mandioca, além do sisal e algodão.

A partir do desbravamento tem início a construção das primeiras casas de alvenaria, começando o desenvolvimento do plano urbanístico, ao lado da casa do senhor Cícero Batista de Azevedo e outros moradores. O povoado foi fundado em agosto de 1952, tendo como marco inicial a realização de uma missa na residência de Cícero Batista de Azevedo e uma feira livre. A moradora Sebastiana de Azevedo, 59 anos, tinha 10 anos quando o povoado de Tenório começou a se desenvolver economicamente. Ela lembra

que os agricultores iam à cidade de Juazeirinho vender o que sobrava da agricultura de subsistência. “Com o dinheiro arrecadado, eles começaram a comprar alimentos e produtos para montar seu comércio. Aos poucos, o distrito de Tenório começou a ficar independente”, contou. Em maio de 1959, o distrito Tenório tornou-se subordinado a Juazeirinho, permanecendo nessa condição até 29 de abril de 1994 - data da sua emancipação política.

Infraestrutura
A cidade possui quatro es-

colas municipais e uma estadual. Duas escolas municipais e uma estadual estão situadas na cidade, as outras duas se encontram nas comunidades rurais. Tenório possui apenas uma Unidade de Saúde da Família (USF), quem precisa de atendimento de urgência se desloca às cidades vizinhas. Infelizmente, a cidade ainda não possui saneamento básico. A perfuração de poços artesianos foi o que amenizou a seca no município. Desse modo, a cidade de Tenório já avançou bastante, mas precisa melhorar ainda mais, proporcionando qualidade de vida à população.

Depois da crise sanitária retirar o filme do circuito dos cinemas, premiado longa-metragem ‘Rebento’ chega às plataformas de vídeo pela internet. [Página 12](#)



Foto: Danyck/Divulgação

Foto: Divulgação



‘Deserto Particular’: à procura de uma vaga ao Oscar

Protagonizado por Antonio Saboia (foto), filme narra a história de um ex-policial em Curitiba que parte para o Sertão baiano à procura da garota com quem mantém um relacionamento virtual e que nunca encontrou

Jornal A União entrevistou o diretor baiano Aly Muritiba, que atualmente está gravando uma série no Cariri paraibano

Lúcio Vilar
Especial para A União

Seus filmes já foram premiados e fizeram história no Fest Aruanda do Audiovisual Brasileiro. Ele, porém, nunca esteve presencialmente nas duas edições em que concorreu, respectivamente, com curta (*Com as próprias mãos*) e longa-metragem (*Para minha amada morta*). Esse ano será diferente: além de se fazer pre-

sente na mostra competitiva nacional com *Deserto Particular*, indicado como representante brasileiro a uma vaga na disputa pelo Oscar de Melhor Filme Internacional, Aly Muritiba já se encontra em solo paraibano desde setembro. Imer-so na região do Cariri, está em pré-produção de uma série que será por ele dirigida (junto com Fabio Mendonça) para o player Amazon, *Cangaço Novo*, a ser lançada em 2022.

Confira, a seguir, uma entrevista exclusiva do re-alizador baiano concedida à reportagem de **A União** para entender como um ex-bilhe-teiro de trem e ex-agente pe-nitenciário se tornou diretor, roteirista, produtor e mon-tador de cinema que arran-cou dez minutos de aplausos emocionados do público, nes-te ano, no mais antigo evento de cinema do mundo: o Festi-val de Veneza, na Itália.

A ENTREVISTA

Onde você estava e qual foi sua reação imediata ao anúncio da indicação de seu filme *Deserto Particular* como representante brasileiro ao Oscar de Melhor Filme Internacional?

Estava no Cariri paraiba-no, na região de Parelhas, no meio do mato, perto do Lajedo do Pai Mateus, fazendo *tech scout* (visita técnica) de uma série que vamos rodar aqui na Paraíba. E aí, no intervalo do almoço, consegui conexão com a internet, e a assessora de imprensa já havia ligado várias vezes. Quando liguei de volta, ela me contou e, enfim... fiquei doido, né?! Pior que tinha o resto do dia inteiro pra seguir e foi meio difícil trabalhar, mas tive que voltar para o mato. Foi uma emoção muito grande, e uma baita responsabilidade e um baita privilégio também de poder representar o Brasil com meu filme. Depois de tantos anos de trabalho e fazendo ali o “passo a passo” e de exposi-ção internacional com meus trabalhos anteriores, ter esse reconhecimento agora no país é muito especial.

Quando a ficha caiu, se é que caiu... de que o longa iria além de suas próprias expectativas pessoais? Foi na recepção calorosa da sessão no Festival de Veneza que culminou com o Prêmio do Público, um dos mais ambicio-nados pelos diretores?

Eu já tinha a sensação que tinha um grande filme, mesmo antes de o filme ser rodado, porque tinha um roteiro que eu achava muito sólido e uma história muito

emocionante. Mas, a certeza mesmo disso veio em Veneza, quando o filme foi ovacionado por dez minutos, com a sala de cinema lotada de gente em pé, batendo palma, emocionados, com olhos marejados, e aí, no dia seguinte, as pessoas me encontravam na rua e vinham falar comigo sobre o quanto o filme lhes tinha feito bem, o quanto o filme era bonito, etc. Aí a ficha foi caindo que eu tinha feito um grande filme capaz de tocar as pessoas, independentemente de suas origens, independentemente de que país elas são.

Você declarou recentemente que não vem “da elite”, que seu inglês é “canhestro” e que seu sobrenome não é “Meireles”, nem tampouco “Salles”. Quem é, afinal, Aly Muritiba?

Quem é Aly Muritiba é uma pergunta muito complexa, mas, dentro do contexto cine-matográfico, é um cara como tantos outros e tantas outras

que batalham para cacete para realizar seu ofício, para fazer e viver de cinema no Brasil. E que vem de uma origem muito simples, muito pobre: eu sou do Sertão da Bahia, filho de caminhoneiro com dona de casa, que a duras penas migrou pra São Paulo e estudou His-tória na USP, depois estudou cinema na FAAP, e, nesse meio tempo, foi bilheteiro de trem, agente penitenciário, bombei-ro militar, enfim, eu sou um trabalhador brasileiro. Antes trabalhava em outras coisas, agora trabalho no cinema.

Seu filme *Deserto Particu-lar* é um drama que se passa num país árido de afetos e desfigurado, ambientado no Sertão baiano. Paradoxal-mente, acena com ternura, amor e delicadeza em doses surpreendentemente arreba-tadoras. Conseguiremos fazer essa travessia/transição da ficção à realidade?

Ah, eu não tenho a me-nor dúvida de que a gente



Foto: Divulgação

Muritiba é um ex-bilheteiro de trem e ex-agente penitenciário que se tornou diretor

+ Zezita Matos: “É um filme de um amor que a gente está precisando”

Quem está em *Deserto Particular* é a atriz Zezita Matos. A artista paraibana contou à reportagem que recebeu o convite para o filme através de um dos produtores. “Quando ele me enviou o roteiro, eu não pensei duas vezes em fazer a avó nesse filme que tinha como neto o ator Pedro Fasanaro”. E razões para ela, não faltaram: “É um filme de um amor que a gente está precisando tanto neste momento, não só no Brasil, mas no mundo inteiro”, disse convicta do significado do longa-metragem.

Zezita já tinha referências ante-riores do diretor Aly Muritiba, inclusive

participou de um júri em que o prêmio maior foi para o filme *Para minha ama-da morta* (com a paraibana Mayana Neiva). “Então, chegou tudo de uma vez para eu dizer sim, inclusive traba-lhar com o diretor de arte que preparou minha casa, linda, lá em Juazeiro da Bahia. Ficamos hospedados em Petro-lina e todos os dias íamos para Juazei-ro”, relembra. “Foi um prazer muito grande fazer a personagem da vó, e estou, claro, muito feliz com o sucesso do filme, que é muito merecido, vocês vão assistir e descobrir o que estou dizendo”, frisou a atriz paraibana.



Foto: Divulgação

Atriz paraibana Zezita Matos interpreta o papel de uma avó no premiado longa-metragem de Aly Muritiba

consegue fazer essa transição, que a gente consegue pôr em prática, relações mais afetivas, mais amorosas, que a gente consegue no nosso cotidiano, no nosso dia a dia nas relações que a gente trava com as pes-soas, ser mais tolerante. É por isso até que eu fiz esse filme, por acreditar piamente que agente pode voltar ao tempo em que sorrir para o outro muito melhor que apontar o dedo para o outro. Em que estender a mão para o outro é muito melhor do que acusá-lo de qualquer coisa. Eu acredito muito no poder do amor.

Quando outro filme seu (*Jesus Kid*, baseado na obra homônima de Lourenço Mu-tarelli), conquistou três prê-

mios no Festival de Gramado, este ano, você já estava em pré-produção, na Paraíba, de uma nova série. Como está sendo essa experiência?

Eu não comecei a filmar, a gente ainda está na pré-pro-dução, mas tem sido incrível a gente estar aqui, na Paraíba, conhecer esses lugares mara-vilhosos, e esse povo maravi-lhoso. Ficar cortando o Sertão e o Cariri paraibano todos os dias tem sido muito importante para me “aterrar”, para me colocar de volta e em contato com o Brasil profundo que é muito belo, muito pulsante.

Se a arte mitigou os efei-tos da pandemia, como você encara o campo cultural que, no Brasil, padece das impli-

cações do engessamento de órgãos como a Agência Na-cional do Cinema (Ancine), além do enfraquecimento generalizado de políticas públicas?

Estamos vivendo um momento muito difícil, em todas as áreas aqui, no Brasil, mas a área cultural tem so-frido especialmente durante este período, nós tivemos a extinção do Ministério da Cultura, a gente tem uma Secretaria de Cultura que é um tanto quanto inoperante, a Ancine tá paralisada, o Fun-do Setorial do Audiovisual não tem lançado editais. Então tem sido um período de muitas agruras pro setor, mas, vai passar. Em 2023 tudo vai ser diferente!

Artigo Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Políticas sociais no Brasil

Analisar o desenvolvimento das políticas sociais no Brasil é paralelamente uma maneira de acompanhar as alterações que envolvem a história da questão social. Toda política social implica em direito dos cidadãos garantidos pelo Estado com a distribuição de bens e serviços.

Na sociedade brasileira coexistem condições sociais e econômicas extremas. Se por um lado encontramos milhões de pessoas vivendo abaixo da linha de pobreza, alguns milhares desfrutam privilégios econômicos e sociais. As más condições de vida, com efeito, favorecem a exploração do trabalho, porque os indivíduos acabam se submetendo com mais facilidade a situações adversas em busca de meios imediatos para sua subsistência.

Numa sociedade em que a dinâmica estrutural é resultado de classes que contendem entre si, novos aspectos conjunturais são formados incessantemente. Em determinadas circunstâncias os embates entre capital *versus* trabalho podem favorecer a classe dos trabalhadores, como produzir efeitos apaziguadores. A chamada Legislação Trabalhista, por exemplo, nada mais é do que o efeito do enfretamento desse tipo. Ao mesmo tempo conquista dos trabalhadores e estratégia de controle do capital. Sem greve e mobilizações dificilmente ela existiria.

Ao longo do desenvolvimento histórico, as lutas de classe refletem a percepção da questão social. Isto fica evidente com as transformações que ocorreram em 1930 sob o governo de Getúlio Vargas. Nessa época a questão social passou por uma radical transformação, deixou de ser caso de polícia para figurar como um verdadeiro problema político. A ameaça dos movimentos operários obrigou a burguesia a intervir incisivamente no sentido de arrefecer os conflitos. O Estado então instituiu em 1943 a CLT e as prestações de serviços básicos gratuitos.

Durante o período da ditadura militar novas relações de força se estabeleceram. O recrudescimento do poder

discricionário, a supressão de direitos e o sufocamento dos movimentos sociais marcaram indelevelmente este período. As decisões políticas seguiam imperativamente a via horizontal, não havia discussões democráticas. Avanços importantes só seriam sentidos com a redemocratização do País.

A decadência do regime ditatorial aconteceu na década de 1980. Neste período se inicia a fase de ruptura. Na sociedade civil agitaram-se diversas manifestações políticas e sociais. O processo culminou em 1988 com a criação de uma nova Constituição Brasileira, baseada em princípios democráticos e liberais de caráter universalista. A carta magna incorporou diversas reivindicações antes esquecidas.

Apesar dos indiscutíveis avanços políticos engendrados nessa nova fase histórica, as políticas sociais não chegaram a corresponder concretamente às necessidades reais da sociedade. Geralmente os interesses econômicos dos governos sustentaram-se às expensas das políticas sociais. Uma forte onda neoliberal foi responsável pelo retraimento do Estado, que resultou na diminuição de investimentos em áreas essenciais ao bem-estar coletivo.

A educação e a saúde pública estão entre as áreas mais desfavorecidas. Os governos pós-ditadura – Collor, Itamar e Fernando Henrique Cardoso – obedeceram fielmente à doutrina neoliberal. Na esfera econômica, privatizaram diversas empresas estatais, entre elas, organizações de caráter estratégico como as companhias telefônicas e de água e energia. O discurso frequentemente utilizado para legitimar essas iniciativas se fulcrava na ideia de que levariam o País à modernidade. A intenção não era apenas efetuar reformas estruturais, mas institucionais.

A agenda neoliberal se radicalizou ainda mais nos governos de Michel Temer e Bolsonaro/Guedes, ajudando a produzir um aumento nas desigualdades sociais.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

A arte de acolher o outro

A empatia é um tema que constitui a singularidade de um indivíduo nas relações subjetiva e intersubjetivamente com o outro. Esse conceito foi estudado pela filósofa e teóloga alemã Edith Theresa Hedwig Stein (1891-1942), tendo o objetivo de afirmação dos valores pessoais e dos outros em suas relações, a partir de uma troca recíproca de conhecimento, que garante a dignidade da existência humana. Essa reciprocidade é qualificada pela vivência da empatia que nos possibilita colocar-se noutro novo entendimento e descobrir valores desconhecidos. Edith Stein apresentou essa tese em 1916, através da sua tese de doutorado *Sobre o Problema da Empatia*, orientada pelo filósofo e matemático alemão Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859-1938), que fundamentou os princípios da fenomenologia.

Os estudiosos na obra de Edith Stein geralmente apresentam a sua produção filosófica em três períodos. O primeiro pode ser caracterizado como o período fenomenológico, que se estende desde sua tese de doutorado até a sua conversão ao catolicismo em 1922; o segundo inicia em 1922 e vai até a sua passagem pelo convento do Carmelo, em Colônia, onde estudou a relação entre a pessoa humana e a sociedade através do caráter pedagógico-antropológico; e o terceiro começou em 1938 a 1942. Esse último apresenta a grande erudição de Edith, também é conhecida pelos escritos entre a filosofia de São Tomás de Aquino e a fenomenologia Husserliana. Naquele terceiro período, ela apresentou uma harmonização entre a aplicação do método fenomenológico e as questões metafísicas, considerando os processos históricos que possibilitariam esclarecer a estrutura essencial comum a todos os seres humanos e descobrir a essência última que garante a singularidade. Isso apresentou a necessidade de definir “O que é o ser humano?”. Através de pergunta se tornou o objeto de análise da maioria das ciências que estavam em processo de desenvolvimento como a psicanálise e a sociologia, também como a história e teologia. De forma mais intensa, os questionamentos apresentados por Edith Stein inovaram a Escola Sociológica de Baden e a Fenomenologia de Gottingen. Ambas as escolas neokantianas de Baden e a fenomenológica Gottingen têm como objetivo compreender e formular leis



Foto: Reprodução

Edith Stein: “Empatia” é a coexistência harmoniosa entre subjetividade, indivíduo e comunidade

universais (nomotéticas) e individuais (idiográficas) que compõem as ciências humanas e suas questões antropológicas.

A fenomenologia, a partir de Edmund Husserl, buscou desenvolver um método para uma nova ciência que teria como tarefa clarificar os fenômenos, isso é, desvelar as ações humanas e a constituição de imagens de ser humano a partir da experiência imediata que ele tem de si mesmo e de suas vivências. Essas teses foram analisadas por Edith Stein quando serviu como voluntária da cruz vermelha, no hospital de Mährisch Weißkirchen, durante a primeira guerra mundial. Aquela sua vivência possibilitou estar em contato com soldados e pacientes de várias nacionalidades, isso a impactou e a fez analisar, diante dos sofrimentos daqueles soldados, o que constitui a essência do ser humano e a singularidade que existiu em cada um. Ao descobrir no ato de amar o sofrimento do outro, Edith Stein apresentou ao “fenômeno da empatia” a possibilidade do desenvolvimento cognitivo e uma tolerância para as vivências da comunidade, na qual se está inserido o indivíduo e a sua constituição a partir dessa coexistência.

Edith Stein apresentou o conceito de “empatia” enquanto movimento, que permite a constituição do sujeito na própria singularidade e o seu agir na comunidade, também como movimento que potencializa a sua transformação e desenvolvimento ao longo do tempo. É através da “dinâmica empática”, em contato com o passado e a partir da singularidade do próprio sujeito, dá-se

o acolhimento do “agir no presente”. Nesse contexto, o conceito de “empatia” tornou-se uma reflexão sobre regimes políticos e do Estado, porque a “empatia” tem um valor estrutural. Isso estimula e potencializa a convivência harmoniosa dos indivíduos a partir da relação entre comunidade e subjetividade. Diante disso, o sentimento ou gesto da “empatia” é um processo a partir do qual uma comunidade ou indivíduo se desenvolve através dos compartilhamentos dos sofrimentos, das vivências e do reconhecimento da singularidade do outro, isto é, como ele é... nas suas falhas e na própria dor que o constitui.

A “empatia” também se constituiu como uma resposta aos movimentos totalitários desde o início do século 20. É uma resposta construída no diálogo com filósofos, escritores, artistas, cientistas e o indivíduo, que buscam refletir sobre a atuação dos intelectuais e dos povos e toda sociedade, a fim de questionar ideologias, sistemas políticos de Estado e questões de ordem mundial, de forma a priorizar a dignidade humana. Foi de grande importância as contribuições do psicanalista Sigmund Freud (1856-1939) para inserir o conceito de “empatia” para os questionamentos e coexistência diante dos fenômenos religiosos. Trata-se justamente de certo sentimento oceânico o qual, como a empatia, pode ser compreendido como “experiência da consciência alheia em geral”. Os diálogos buscam formulações teóricas a fim de dignificar e acolher o “fenômeno do sofrimento humano” em sua totalidade, não apenas como alma/espírito e vontade ou apenas corporificação, também com base nas vivências compartilhadas a partir das quais o sujeito reconheceria e se construiria a partir e junto ao outro, considerando também as falhas psíquicas e suas patologias.

■ Sinta-se convidado à audição do 341º Domingo Sinfônico, deste dia 24, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer o tango e bandoneonista argentino Astor Pantaleon Piazzolla (1921-1992). A dança do tango representa um conflito. As habilidades dos golpes viris se concentram entre as pernas masculinas, e a mulher responde aos ataques com suavidade... ela usa a própria sensualidade para transformar o embrutecimento em beleza e a “dança da vida” numa arte.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Estilo e sentidos

A escritora Ângela Bezerra não é mais presidente da Academia Paraibana de Letras. Isso não é novidade. A primeira mulher a chegar ao cargo fez o melhor, em termos de consciência reconhecível, e, acima de tudo, com seu talento, realizou um trabalho de cunho intelectual. Não poderia ser diferente.

Quando soube que a professora Ângela Bezerra não era mais presidente da Academia Paraibana de Letras, pensei: Puxa vida! Que legal, tudo tem seu tempo – até mesmo se adiantar no tempo e passar o trono antes do fim.

Ela fez sua parte e passou o comando para o acadêmico Ramalho Leite. Não pense que foi uma decisão errada. São as escolhas; quando são boas, merecem aplausos.

Não sei se algum outro presidente, fora o saudoso Juarez Farias, que teve essa decisão de Ângela, se não teve, não terá. Ângela sabe onde o galo canta desde pequena. Ela nasceu no sereno de Bananeiras e foi criada na Fazenda Confusão.

Ângela não fez uma gestão silenciosa. Pelo contrário, em plena pandemia presidiu duas eleições, deu posse ao acadêmico Eitel Santiago e o último, o vencedor nas urnas, jornalista Helder Moura, será empossado na gestão de Ramalho Leite.

Ângela trouxe à tona a *Revista da Academia*, que estava esquecida e deixou um convênio importantíssimo, com a Fundação Joaquim Nabuco de Pernambuco. Tudo Ângela.

A APL chegou aos 80 anos de fundação em sua gestão, e foi festejada culturalmente on-line, porque ainda estamos em pandemia.

Também sairá um livro, com a colaboração dos acadêmicos com o perfil intelectual da entidade nos seus 80 anos. O livro será publicado pela Fundação Joaquim Nabuco, na versão impressa, com selo da Editora Massangana, que pertence à fundação. Tudo Ângela.

Agora cabe ao presidente Ramalho Leite, terminar a empreitada, com o vice, Sales Gaudêncio, figura de proa, como diziam os colonistas sociais.

Ângela para estudar, Ângela para crescer, Ângela para realizar, Ângela para resolver.

A história de vida dessa mulher marca acontecimentos de uma memória exata, de quem lutou até hoje para sobreviver, do seu canto onde mora, aos trabalhos publicados e, sua maior arte, o ofício de professora. Ângela nunca foi uma personalidade opaca. Seu brilho sempre foi intenso.

Instigada pela memória do saudoso poeta Luiz Augusto Crispim, Ângela foi mais forte que o “trono”. No cordão da amizade, ela tem muitos amigos ou poucos, mas sabe os que somam.

Sobre os acontecimentos culturais, ela tem uma memória que pulsa. Fará 80 anos em 2022 e vai bem mais. Nem o tempo, nem a ausência da mãe, Dona Mirian, puderam abater sua pessoa. Ela conhece a morte, sabe que é dura na queda e segue sendo a menina dos olhos turquesa, que conheci no final dos anos 1980.

Qualquer assunto educativo ou cultural a resolver, ela está de pé. Em sua casa tem seus livros, obras de Alexandre Filho, um dos melhores artistas do mundo. Tem seu gato Leãozinho e fotografias emolduradas de amores, tempos e antepassados.

Ângela ocupa seu tempo lendo e escrevendo. Ela bem sabe, do que é capaz, do que fez pela Academia de tantos homens instruídos e cultivados.

Parabéns Ângela, seu trabalho não cessa, sua vida é igual a minha, temos estilo em todos os sentidos. Saravá!

Kapetadas

- 1 - Urge muitas jazidas de superego.
- 2 - Argumento é a mímica do pensamento. Dedo em riste é a mímica da falta de argumento.
- 3 - Som na caixa – “Eu vejo em minha frente Ângela”. Jobim.

Foto: Marcus Antonius



Ângela Bezerra de Castro foi a 1ª mulher a assumir a presidência da APL

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Fundação Casa de José Américo traz de volta o seu cineclube

Houve de ser, desde o começo, uma aliança perfeita. Uma entidade então reconhecida por seu status social, cultural e patrimonial, abrigando uma outra sob o mesmo teto e dando-lhe os espaços desejados ao seu exercício cultural e societário. Entidade essa advinda dos anseios e experiências de um grupo militante de numa arte-de-luz-e-sombras, que ainda encanta o mundo todo. Grupo que passou a retribuir o respeitoso gesto de amparo com algum norte e apoios formais às suas ações com o audiovisual e o cineclubismo.

Esse feito aconteceu havia mais de 10 anos, quando fora criada a nossa Academia Paraibana de Cinema. Advinda do esforço de alguns sonhadores, aos quais me incluo. De início a APC apenas existia em nossas mentes e na formalização cartorial de seus estatutos. Mas lhe faltava um teto. Coisa que, à época, buscávamos desesperadamente.

Uma luz nos daria rumo certo, como se fora um brilhante farol, lá para os lados marinhos do Cabo Branco, em João Pessoa. O convite de um dos nossos de academia e então presidente da Fundação Casa de José Américo (FCJA), o professor Damião Ramos Cavalcanti, com anuência do Governo do Estado, acolheria os nossos anseios e ações. Quando, então, passaríamos a representar, de fato, o cenário cultural cinematográfico paraibano.

Sob o comando do jornalista Willis Leal, estando eu na vice-presidência, a APC desenvolveu uma série de atividades, inclusive publicações periódicas mensais, como a *Revista da Academia*, além de reuniões semanais na Sala Barreto Neto,

Foto: Divulgação



Reunião do Conselho do Cineclube da FCJA, sob a presidência do prof. Damião Ramos Cavalcanti (ao centro), antes da pandemia

esta, criada na gestão do professor Moacir Barbosa de Sousa.

Contudo, uma das participações especiais da Academia Paraibana de Cinema, junto à Fundação Casa de Zé Américo, foi na criação de seu Conselho de Cinema, lá indicação dos doze melhores filmes a serem exibidos durante o ano. Membros da APC ocupavam mais de 50% do colegiado do Cineclube da FCJA, dando-lhe uma maior credibilidade na indicação das obras em exibição.

Foram tempos iniciais efervescidos os do cineclube, o que me lembraria de uma época igualmente memorável, de amplos questionamentos culturais cine-

matográficos, quando fizemos parte da Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba (ACCP), lá pelos idos dos anos 1960.

Hoje, sob o comando da nossa presidente Zezita Matos, esperamos que a APC continue a prestigiar essa nova fase do Cineclube da FCJA (coordenado naquela época pela amiga Rejane), a exemplo do que fizemos no passado. E no atual estado de coisas, em que se vive pandemias de toda ordem, que mais parece não terem fim, vejo auspicioso o retorno do cineclube da Fundação Casa de Zé Américo. – Mais “Coisas de Cinema”, em: www.alexssantos.com.br.



APC apoia exposições em Jacumã-Conde

A Academia Paraibana de Cinema (APC), representada pelo prof. João de Lima, e Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), promoveram na semana passada a estreia do documentário *A Praça de Joás*, com roteiro e direção de Gutemberg Pequeno. A exibição do curta-metragem se deu na Associação dos Pescadores de Jacumã, na Cidade de Conde, no Litoral paraibano.

O audiovisual aborda as ações do técnico Joás Antônio Ribeiro, que era superoitista, extensionista do Nudoc, e militância em trabalho comunitário no bairro Castelo Branco. O vídeo tem imagens de filmes Super-8 da época, inclusive realizadas pelo próprio Joás Ribeiro, do início de 1982.

Em cartaz

ESTREIAS

DUNA (Dune. EUA. Dir: Denis Villeneuve. Ficção Científica e Fantasia. 14 anos). Inspirado na série de livros de Frank Herbert, o filme se passa em um futuro longínquo. O Duque Leto Atreides administra o planeta desértico Arrakis, também conhecido como Duna, lugar de única fonte da substância rara chamada de “melange”, usada para estender a vida humana, chegar a velocidade da luz e garantir poderes sobrehumanos. Para isso ele manda seu filho, Paul Atreides (Timothée Chalamet), um jovem brilhante e talentoso que nasceu para ter um grande destino além de sua imaginação, e seus servos e concubina Lady Jessica (Rebecca Fergunson), que também é uma Bene Gesserit. Eles vão para Duna, afim de garantir o futuro de sua família e seu povo. Porém, uma traição amarga pela posse da melange faz com que Paul e Jessica fujam para os Fremen, nativos do planeta que vivem nos cantos mais longes do deserto. CINEPOLIS MANAIRA 9 - MacroXE (3D): 14h30 (dub.) - 17h50 (dub.) - 21h10 (leg.); CINEPOLIS MANAIRA 10 - VIP: 13h45 (dub., 2D) - 17h (leg., 3D) - 20h15 (leg., 3D); CINEPOLIS MANGABEIRA 1 (dub., 3D): 14h15 - 17h30 - 20h45; CINEPOLIS MANGABEIRA 2 (dub., 2D): 21h20; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 14h20 (sáb., dom. e qua.) - 17h10 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 14h20 (sáb., dom. e qua.) - 17h10 - 20h.

RON BUGADO (Ron's Gone Wrong. EUA. Dir: Sarah Smith. Animação, Comédia e Aventura. Livre). Ron Bugado conta a história do jovem Barney, um menino de onze anos que tem dificuldade de fazer novos amigos, e seu companheiro Ron, uma inteligência artificial de alta tecnologia que anda, fala e é o “melhor amigo fora da caixa” de Barney. Mas quando Ron começa a ter seu funcionamento comprometido, os dois saem em uma aventura repleta de ação, onde a amizade entre os dois se mostra verdadeira. CINEPOLIS MANAIRA 2 (dub.): 14h; CINEPOLIS MANAIRA 4 (dub.): 13h30 - 16h - 18h30; CINEPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 13h45 - 16h20 - 18h45; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 14h10 (sáb., dom. e qua.) - 16h10 - 18h10; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 14h10 (sáb., dom. e qua.) - 16h10 - 18h10 - 20h10.

CONTINUAÇÃO

007 - SEM TEMPO PARA MORRER (007 - No Time to Die. No Time to Die. EUA. Dir: Cary Fukunaga. Thriller, Ação e Aventura. 14 anos). Depois de sair do serviço ativo da MI6, James Bond (Daniel Craig) vive tranquilamente na Jamaica, mas como nem todo

dura pouco, a vida do espião 007 é agitada mais uma vez. Felix Leiter (Jeffrey Wright) é um velho amigo da CIA que procura o inglês para um pequeno favor de ajudá-lo em uma missão secreta. O que era para ser apenas uma missão de resgate de um grupo de cientistas acaba sendo mais traiçoeira do que o esperado, levando o agente inglês 007 ao misterioso vilão, Safin (Rami Malek), que utiliza de novas armas de tecnologia avançada e extremamente perigosa. CINEPOLIS MANAIRA 11 - VIP (leg.): 14h15 - 17h45 - 21h15; CINEPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 21h10; CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 19h45; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 19h45.

AMARRAÇÃO DO AMOR (Brasil. Dir: Caroline Fioratti. Comédia. 12 anos). Lucas (Bruno Suzano) e Bebel (Samya Paschoa) é um casal apaixonado que decide oficializar a união para todos. Mal sabem eles que a religião vai ser um ponto de discórdia entre suas respectivas famílias. Enquanto o pai da noiva (Ary França) luta para fortalecer as tradições judaicas; Regina (Cacau Protásio), mãe de Lucas, se esforça para que seu filho leve para sua futura família as tradições da umbanda. CINEPOLIS MANAIRA 8: 13h40.

FÁTIMA - A HISTÓRIA DE UM MILAGRE (Fatima. EUA. Dir: Marco Pontecorvo. Drama histórico. 12 anos). Em 1917, Lúcia, uma pastora de apenas 10 anos, e os seus dois primos mais novos, Jacinta e Francisco, têm visões de Virgem Maria, que lhes surge com uma mensagem de paz. As suas revelações inspiraram dezenas de milhares de fiéis que se deslocaram até Fátima, na esperança de testemunhar um milagre, mas não agradaram a Igreja e o Governo de Portugal, que tentaram forçá-los a recontar a sua história. O que se viveu em Fátima mudou para sempre as suas vidas. CINEPOLIS MANAIRA 8 (dub.): 15h40; CINEPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 13h30; CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 14h45; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 14h45.

HALLOWEEN KILLS: O TERROR CONTINUAA (Halloween Kills. EUA. Dir: David Gordon Green. Terror. 16 anos). Depois de quatro décadas se preparando para enfrentar Michael Myers, Laurie Strode (Jamie Lee Curtis) acredita que, enfim, venceu. Minutos depois de deixar o assassino queimando, Laurie vai direto para o hospital com ferimentos graves de vida ou morte. Mas quando Michael consegue escapar da armadilha de Laurie, sua vingança e desejo por um banho de sangue continua. Enquanto Laurie luta contra a dor, ela tem que se preparar mais uma vez para se defender de Michael e consegue fazer toda a cidade de Haddonfield se

juntar para lutar contra o monstro. Mulheres se juntam e formam um grupo de vigilantes que vão atrás de Michael e acabá-lo de uma vez por todas, garantindo o retorno de um Halloween tranquilo e paz na cidade. CINEPOLIS MANAIRA 2: 16h30 (dub.) - 19h (dub.) - 21h30 (leg.); CINEPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 16h15 - 18h50; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 16h20 - 18h20 - 20h20; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 16h20 - 18h20 - 20h20.

PATRULHA CANINA: O FILME (Paw Patrol: The Movie. EUA. Dir: Callan Brunker. Animação. Livre). O filhote Ryder e seus amigos têm um grande desafio: impedir o novo prefeito da cidade, Humdinger, de causar muitos problemas. Juntos e equipados com muita tecnologia, a Patrulha Canina luta para salvar os moradores da Cidade da Aventura. CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 14h40 (sáb., dom. e qua.); CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 14h40 (sáb., dom. e qua.).

O ÚLTIMO DUELO (The Last Duel. EUA. Dir: Ridley Scott. Drama histórico. 14 anos). Disputa entre o cavaleiro Jean de Carrouges e o escudeiro Jaques Le Gris, acusado de ter violado a esposa do cavaleiro. A luta, estabelecida pelo próprio rei da França, Carlos VI, marca o grande drama de vingança e crime do século 14, que tem a esperança de ser resolvido somente após o combate. Baseado no romance homônimo de Eric Jager. CINEPOLIS MANAIRA 8 (leg.): 20h45; CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 16h55; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 16h55.

VENOM: TEMPO DE CARNIFICINA (Venom: Let There Be Carnage. EUA. Dir: Andy Serkis. Aventura, Terror e Fantasia. 14 anos). Depois de um ano dos acontecimentos do primeiro filme, Eddie Brock (Tom Hardy) está com problemas para se acostumar na vida com o symbiote Venom. Eddie tenta se restabelecer como jornalista ao entrevistar o serial killer Cletus Kasady, também portando um symbiote chamado Carnage e que acaba escapando da prisão após sua execução falhada. Baseado no vilão dos quadrinhos da Marvel. CINEPOLIS MANAIRA 4 (dub.): 21h; CINEPOLIS MANAIRA 6 (dub.): 13h30 - 18h - 20h30; CINEPOLIS MANAIRA 7 (dub., 3D): 15h - 17h30 - 19h45; CINEPOLIS MANAIRA 8 (dub.): 18h20; CINEPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 14h - 16h30 - 19h - 21h30; CINEPOLIS MANGABEIRA 5 (dub., 3D): 15h30 - 18h - 20h30; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 14h55 (sáb., dom. e qua.) - 16h50 - 18h45 - 20h40; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h55 (sáb., dom. e qua.) - 16h50 - 18h45 - 20h40.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Dedicatórias manuscritas

Gosto de conviver com os meus livros. Olhar para eles, retirar esse ou aquele da estante, folhear suas páginas, reler passagens que sublinhei motivado pelo fervor da leitura em seu momento mágico, entre outros apelos, fazem o prazer iterativo de minha rotina.

Tiro uma manhã ou uma tarde, por exemplo, para revisitar as oferendas manuscritas das dedicatórias pessoais. Sei que elas, as dedicatórias, constituem uma paixão particular do leitor que sou, com sua história feita de alegrias e desgostos, ganhos e perdas. Essas dedicatórias, do próprio punho, não só falam de seus autores, mas, também, e de forma indireta, falam do destinatário, além do que, para os que sabem o sabor da bibliofilia, imprimem como que uma aura especial de raridade ao volume dedicado.

Há aquelas meramente protocolar, em geral com os simples cumprimentos do autor, assinalando sua estima e sua admiração. Há as que remetem para uma possível amizade, se não pessoal, pelo menos a amizade dita literária, fundada no comércio de livros ou em certas “afinidades eletivas” que pontuam, à distância, o intercâmbio da vida cultural em suas idas e vindas, em seus altos e baixos.

Existem outras, de sua parte, mais circunstanciadas, sinalizando sutilmente para o complexo de sentimentos que permeiam as relações entre os escritores, com suas admirações, fidelidades, desafeições, gratidão, inveja, ressentimento, ilusões, tudo, enfim, a compor um mostruário psicológico e moral que interfere, aqui e ali, na sociabilidade dos autores, talvez até, quem sabe, na fatura interna de seus respectivos processos de criação.

Sou daqueles que acreditam e apostam na textualidade das dedicatórias, embora não me considere um dos melhores de seus redatores. A caligrafia, a impaciência e a pressa contribuem, quero crer, para o fracasso absoluto de minhas dedicatórias manuscritas. Ainda bem que outros não agem assim. Ao contrário, procuram se esmerar na elaboração estilística de suas dedicatórias como se as dedicatórias fossem, aliás, como de fato são, um texto à parte. Com sua autonomia, legitimidade e beleza.

Quando o poeta goiano Gabriel Nascente publicou *A taça derramada* (1999), me remeteu um exemplar com esta dedicatória: “Ao valoroso amigo Hildeberto B. Filho, o airoso (e irado) poeta da Lira de Viver, acima de todos os grilos nas câmaras da lua, Esta taça de amizade”. Enviando-me *Boa noite-noite, crepúsculo* (2002), escreveu: “Ao poeta e bom amigo, Hildeberto Barbosa Filho, este crepúsculo se abrindo na direção de novas luzes estelares, com a esperança de sempre”.

Dedicatórias assim nos enchem o coração de alegria e nos ensinam muito acerca da sensibilidade do poeta que as escreve e ofertam.

Sempre releio, com emoção renovada, a dedicatória que o poeta Jomar Moraes Souto me fez, certa feita, não de um livro seu, mas na coletânea de seu irmão, *Presença de Baldomiro*, com estas palavras: “Ao caro Hildeberto Barbosa Filho, registrando o carinho e a sensibilidade com que sempre tratou a memória e os escritos dos que (...) algo fizeram na difícil vida das letras, este breve legado de Baldomiro que só deu vinte voltas em torno do sol. Com a admiração de”.

Estas “vinte voltas em torno do sol” percutem em meus ouvidos como um dos melhores versos do autor do Itinerário lírico da cidade de João Pessoa!

Na segunda edição de seus *Perdidos astrolábios* (2002), Lúcio Lins me faz este ofertório singular: “Ao poeta Hildeberto B. Filho, parceiro de barco, mar e outras águas, com o abraço fraterno”. E o jovem poeta Astier Basílio, em seus *Funerais da fala* (2000), obra vencedora do Prêmio Novos Autores Paraibanos, da UFPB, assim se expressa: “Para meu pélogo de pedra em aroeira, mente que agoniza e veste o incerto na ira de viver finito e palavra, querido poeta e menestrel, mestre e amigo, de seu admirador, leitor, curioso, estudioso e amigo”.

A teoria literária, com suas pretensões científicas, chama as dedicatórias de “paratextos”, talvez colocando em segundo plano o valor estético que possam conter. Prefiro, no entanto, vê-las e tê-las como um texto em si. Rico na estesia e na substância humana. Estarei equivocado?

“Precisamos estar presentes nesse mercado”, diz cineasta

Depois da pandemia retirar o filme das salas de cinema, premiado ‘Rebento’ chega aos serviços de streamings

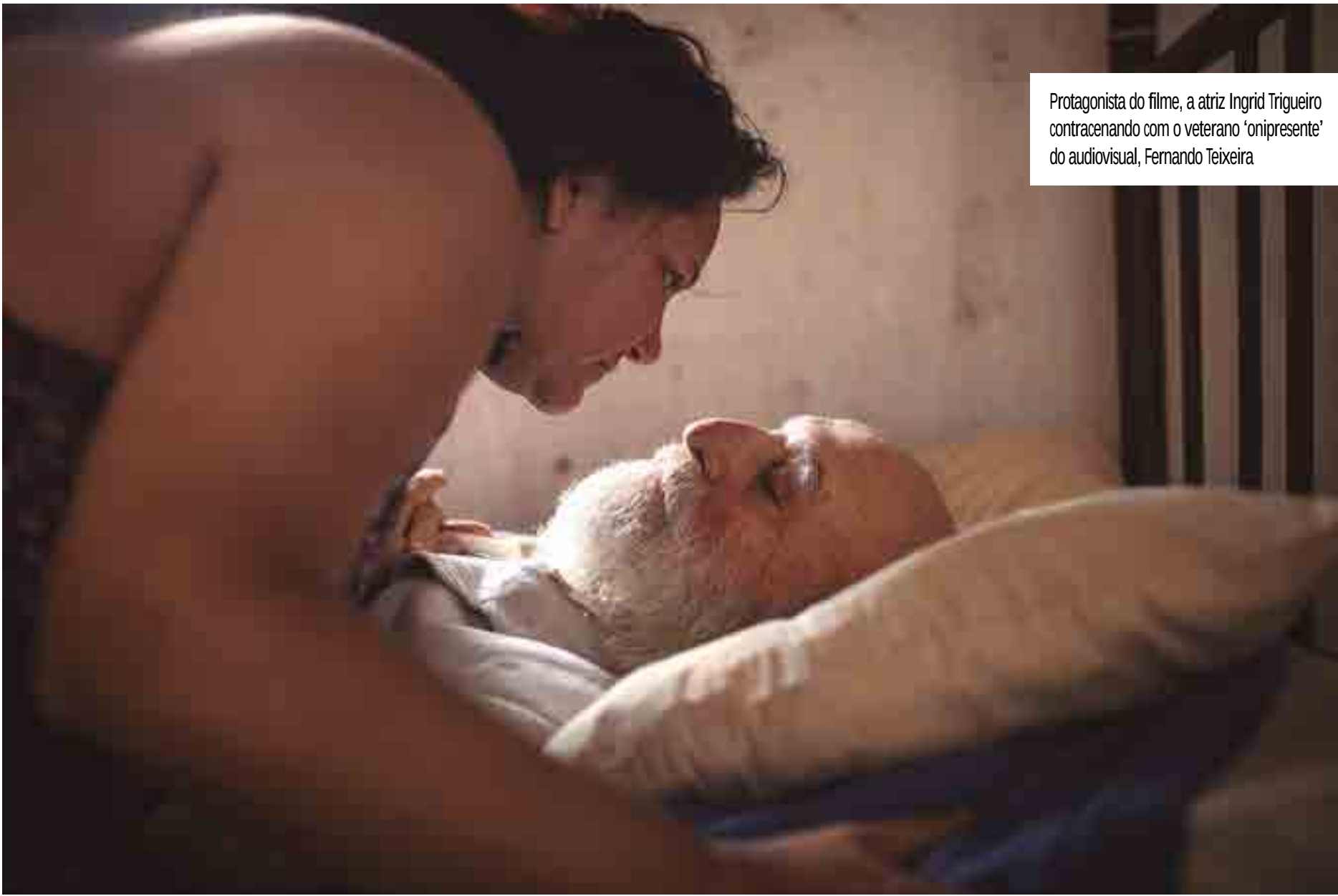
Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Depois de ser impedido de ter seu percurso natural em circuito de salas de cinema, o longa-metragem paraibano *Rebento* chega direto nas plataformas de *streaming* de vídeo. O filme está disponível ao público nos canais do Google Play, iTunes e Looke, que pode finalmente conferir a obra de estreia do diretor André Moraes que foi lançada na Mostra de Tiradentes, em 2018, e teve uma trajetória vitoriosa em festivais de cinema, garantindo 27 prêmios nacionais e internacionais.

“Essa trajetória que o filme construiu de reconhecimento foi muito importante para esse momento que a gente chega para entregar ao público, jogar nas redes e dar acessibilidade às pessoas verem o filme quando quiserem, onde quiserem”, destaca o realizador do longa, que foi o primeiro a ser contemplado pelo Edital Walfredo Rodriguez, da Prefeitura de João Pessoa, em 2012. “Eu perdi a conta de quantos festivais ele participou e isso é fruto de um trabalho de 40 artistas envolvidos, entre técnica e elenco”, contabiliza o diretor sobre *Rebento*.

A produção é um filme de um personagem que narra a história de uma mulher que comete um crime no início da obra e o público passa a acompanhar a sequência do dia dela depois desse crime. No elenco, nomes como o de Zézita Matos, Fernando Teixeira e de Ingrid Trigueiro, protagonista que ganhou alguns prêmios por sua atuação. O roteiro, direção e fotografia do filme também garantiram algumas das condecorações para o drama paraibano.

Quando André Moraes começou a desenvolver a ideia de *Rebento*, cerca de 10 anos antes de seu lançamento, as plataformas de *streaming* ainda não eram uma realidade ou uma pers-



Protagonista do filme, a atriz Ingrid Trigueiro contracenando com o veterano ‘onipresente’ do audiovisual, Fernando Teixeira

pectiva de distribuição. “Eu acho isso muito bom por um lado, mas a gente vai perdendo algumas coisas por outro. Como realizador, vou defender sempre a experiência da sala escura, mas também acho maravilhoso que o filme esteja disponível e aberto para as pessoas em casa”, afirma o diretor, lembrando que ainda estamos vivendo o processo de transição no consumo e que é preciso estar alinhado com o mercado audiovisual do momento.

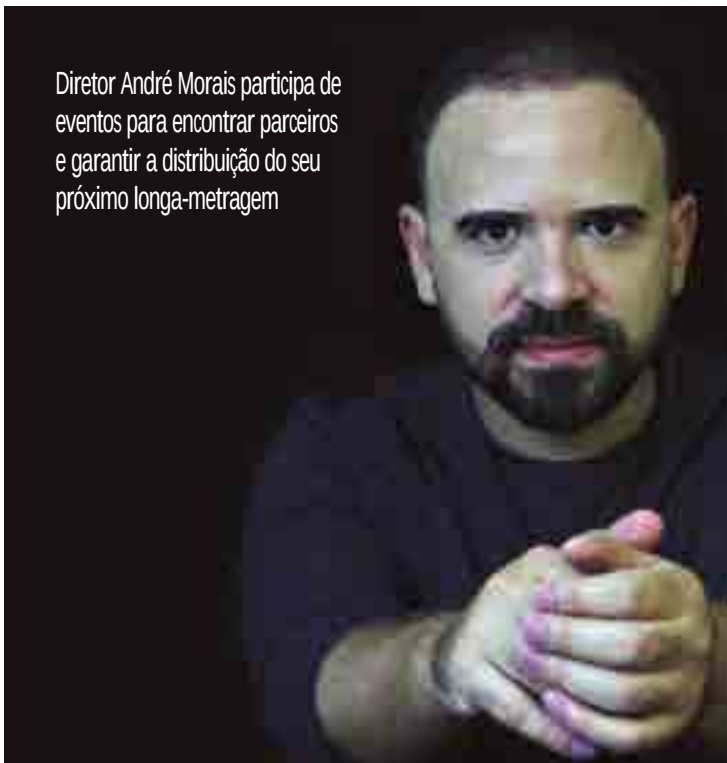
“Nós aqui, na Paraíba, que está começando a fazer a roda girar de forma mais contínua na produção audiovisual, principalmente em longa-metragem, precisamos estar presentes nesse mercado”, frisa Moraes, que há um

mês levou o projeto de seu próximo longa, que está em processo de pré-produção, para o Brasil Cine Mundi, evento que busca encontrar parceiros para garantir a realização e distribuição da obra. “Cada produção tem a sua natureza. Eu faria um filme diretamente para o *streaming*, sem dúvida nenhuma. Precisamos desenhar uma trajetória de lançamento que seja ideal para ele. Se for a sala escura primeiro, ótimo. Se for interessante ir diretamente para o *streaming* e depois para a sala escura, ótimo também”, garante o realizador.

Malaika será o segundo longa na carreira de Moraes, e tem gravações previstas para 2022 e lançamento

para o ano seguinte. O filme conta a história de uma adolescente albina inserida em uma família de pessoas negras, mas não existe definição de elenco ainda. A produção do realizador foi mais uma vez aprovada no Prêmio Walfredo Rodriguez e tem entrada em diálogos para distribuição e agenciamento de vendas para festivais internacionais.

Na equipe técnica estarão nomes que trabalharam com o diretor em *Rebento*, como João Carlos Beltrão na direção de fotografia, e Nina Rosa e Metilde Alves na produção executiva. “A gente está criando esse laço de amadurecimento conquistado com *Rebento*”, conclui o cineasta pessoense.



Diretor André Moraes participa de eventos para encontrar parceiros e garantir a distribuição do seu próximo longa-metragem

Netflix lança animação inspirada na cultura mesoamericana



Imagem: Divulgação

‘Maya e os 3 guerreiros’ traz uma princesa guerreira, cuja vida deve ser oferecida como sacrifício ao Deus da Guerra

Bárbara Correa
Agência Estado

“Se assim deve ser, então é o nosso dever”, esse é o lema da nova animação da Netflix que estreou neste fim de semana. Em nove episódios, *Maya e os 3 guerreiros* traz

lições valiosas como coragem, determinação e o poder da amizade não só para as crianças, mas toda família.

Em um mundo fantástico cheio de magia e controlado por quatro reinos, Maya, uma rebelde princesa guerreira, está prestes a

completar 15 anos e celebrar sua coroação. Mas, tudo muda quando os deuses do submundo chegam e anunciam que a vida dela deve ser oferecida como sacrifício ao Deus da Guerra, um preço que deve ser pago pelo passado secreto da família.

“A ideia é justamente essa, de que não importa quão louco esteja o mundo, cabe a você escolher fazer a diferença”

Se a guerreira não se entregar, o mundo enfrentará a vingança dos deuses. Então, ela embarca em uma jornada emocionante para cumprir uma antiga profecia que diz que a chegada de três grandes guerreiros vão ajudar a derrotar os deuses e salvar a humanidade.

“A ideia é justamente essa de que não importa quão louco esteja o mundo, cabe a você escolher fazer a diferença”, afirma Jorge R Gutiérrez, o criador e produtor executivo da minissérie do Netflix.

Ele, que também criou as animações *El Tigre: As Aventuras de Manny Rivera* e *Festa no Céu*, explica que a ideia original era transformar a história em três filmes e que a grande inspiração para a personagem foi a companheira, Sandra Equihua.

“Eu a conheci quando ela tinha 17 anos. Sandra era uma garota rebelde, o pai dela é um médico e as três irmãs também, mas ela queria ser artista. Então, eu me apaixonei por essa rebelde e foi isso que inspirou Maya”, revelou.

Em entrevista ao *Estadão*, Sandra Equihua, que é consultora criativa da produção, falou sobre outra inspiração para a animação: a cultura mesoamericana. *Maya e os 3 Guerreiros* é baseada em uma mistura das mitologias Asteca, Maia, Inca e a cultura caribenha moderna.

“Como uma latina-americana, quando nós estamos no nosso país de origem, nos vemos como diferentes. Mas, quando estamos longe de casa e vemos outros latino-americanos, não importa se você é do Brasil ou México, criamos uma conexão. Então esperamos que essa irmandade seja comunicada para o mundo”, disse.

“Nós só vemos histórias de diversas partes do mundo, mas nunca sobre a nossa. Então, não ver heróis que se pareçam com você pode te afetar. Muitas vezes, quando tinham heróis que pareciam com a gente, eles eram criados sob o olhar de um outro país sobre nós. Então, foi muito importante criar heróis que trouxessem representatividade para as crianças, baseados nas pessoas que conhecemos, e mostrar pro mundo”, acrescentou Jorge.

Cartel se expande

Cartel de drogas do PCC é o que mais cresce no mundo. Brasileiros transformam a Bolívia em “santuário” do Narcosul: lá, eles investem em negócios lícitos e mantêm a frota de aeronaves da organização. [Página 14](#)



Foto: Reprodução

João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 24 de outubro de 2021

A UNIÃO 13



Raoni Vitta, Maria Cristina e Harrison Targino são os candidatos que registraram chapa para a disputa da eleição da OAB-PB, que será realizada no dia 18 de novembro com seções eleitorais em vários municípios paraibanos

Três candidatos disputam a eleição para presidir OAB-PB

Candidatos intensificam campanhas nas redes sociais e destacam a necessidade de dar suporte à categoria, principalmente na pandemia

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Engajados nas redes sociais, os três candidatos à presidência da Ordem dos Advogados do Brasil Seccional Paraíba (OAB-PB), estão a todo vapor na campanha da eleição que ocorre no próximo dia 18 de novembro, apresentando suas propostas e opiniões. Em entrevista ao **Jornal A União**, eles defenderam suas ideias e responderam perguntas sobre o tema da precarização do trabalho na advocacia.

O tema, que já era discutido anteriormente, como a falta de um piso salarial ou mesmo de recursos para manter escritórios e pagar a anuidade da OAB, se tor-

nou ainda mais importante durante a pandemia. Os candidatos relataram a necessidade de dar um suporte à categoria, principalmente nesse período pandêmico.

A advogada Maria Cristina Santiago (Kiu), comentou que a advocacia já vinha passando por um período de crise que se agravou com a pandemia. “Problemas próprios da advocacia, como as altas taxas de custos processuais, morosidade da Justiça, uma dificuldade em relação ao desrespeito e preservação das prerrogativas do advogado e advogada. A pandemia acarretou uma crise e existiram muitos escritórios que foram obrigados a fechar, porque não tinham como manter, com uma escassez

de funcionários”, comentou.

Com exceção de algumas áreas do direito, como o da família, que teve um aumento nos casos de divórcio e de planejamento sucessório, muitos advogados ficaram em uma situação difícil, principalmente em março do ano passado. “Aqueles advogados que tinham uma condição melhor, ficavam em home office e mantinham suas salas,

mas a grande maioria fechou, porque diminuiu a renda e duplicou a despesa”.

Entre os profissionais que tiveram dificuldades nesse período, estão aqueles que não têm familiaridade com a tecnologia e não se adaptaram. Uma das propostas da candidata é dar capacitação aos advogados. “É necessário que exista uma atenção e seja dada capacitação continuada

para que as pessoas possam permanecer no mercado com essas novas exigências em torno dessa precarização. Empreender com novas aberturas de mercado com o conhecimento de novas competências”, comentou.

Além disso, Maria Cristina trouxe à tona uma proposta da gestão anterior, que ela pretende resgatar. A criação de um escritório modelo. “Foi prometido mas não foi feito, é feito em Campina Grande, pela subseção, projeto da atual gestão ficou na proposta e não se concretizou. Nosso escritório, o nome que é utilizado na subseção de Campina e vamos replicar na Paraíba inteira”.

Como única candidata à presidência do sexo femi-

nino, a advogada ressaltou que a sua campanha tem um foco no combate à violência de gênero. “Um terço das advogadas informaram que sofreram violência, assédio e discriminação em razão do gênero, em ambiente de trabalho. Vamos repudiar toda e qualquer forma de assédio. Nossa candidatura se traduz num espaço de representatividade”, ressaltou.

Em resumo ao que representa a sua chapa, a candidata enfatizou que “a proposta maior é o resgate da valorização da advogada e do advogado. Para que ele sinta que existe um retorno da anuidade que é paga. É um olhar mais atento para a pessoa do advogado e da advogada”.

“Um terço das advogadas informaram que sofreram violência, assédio e discriminação em razão do gênero, em ambiente de trabalho. Vamos repudiar toda e qualquer forma de assédio. Nossa candidatura se traduz num espaço de representatividade”

+ Raoni Vitta defende piso salarial

Já o candidato de oposição, Raoni Vitta, sobre o tema da precarização do trabalho, comentou sobre a cultura de parcerias que sempre existiu entre os advogados. “Se busca uma especialidade no início da carreira e para ter acesso à manutenção de clientes é importante que você consiga atender aquela pessoa em várias áreas. Para isso, se utiliza de parcerias, com outros colegas que atuam em outras áreas para que as demandas sejam sempre atendidas”, comentou.

Uma das propostas defendidas por Raoni é a criação de um piso salarial. “É fundamental termos pela primeira vez na história uma aprovação pela ALPB de um piso digno, porque não podemos ver colegas recebendo um salário mínimo, isso fere a dignidade da nossa profissão”, ressaltou.

Além disso, o candidato criticou a baixa remuneração oferecida por concursos públicos. “Isso também vale para os entes públicos, nós não podemos assistir a realização de concursos públicos, que preveem a remunerações em torno de R\$ 1300 a R\$ 1500. E, para isso, é fundamental a criação do piso salarial”.

Outra proposta do candidato é a criação do Centro de Mediação da OAB, com o objetivo de trazer mais celeridade para a advocacia. “Um processo para

ser sentenciado na Paraíba dura em média cinco anos. Isso acaba afetando o pagamento dos honorários contratuais. Portanto, ao criarmos esse centro, nós podemos diminuir drasticamente o gasto das partes e assim facilitar e acelerar o recebimento de honorários”.

Raoni Vitta ressaltou ainda a condição de trabalho dos jovens advogados. Ele propõe a criação de um programa de Residência Jurídica. “Será um

convênio com dezenas de escritórios para que abriguem jovens advogados que possam ter uma experiência prática de como advogar, e serem remunerados por isso. Em contrapartida, esses escritórios terão

descontos especiais nos estabelecimentos de recursos da Escola Superior de Advocacia”.

Ao resumir sua campanha, Raoni utilizou a palavra atitude. “A OAB da Paraíba tem falhado muito com graves problemas que a advocacia vem enfrentando, nós precisamos ter atitude para resolver os graves problemas do nosso Estado”. Ele ressaltou ainda que é o único candidato de oposição. “Diferente das outras duas chapas que são decorrentes de uma divisão da atual gestão, a nossa é a única efetivamente de oposição e resulta da união das duas chapas oposicionistas na última eleição”.

A criação do Centro de Mediação da OAB é uma das propostas do candidato Raoni

Harrison incentivará os jovens

O candidato Harrison Targino não conseguiu responder às perguntas da reportagem de **A União** sobre a precarização do trabalho, sob a justificativa de estar viajando pelo Sertão da Paraíba, para cumprir agenda. No entanto, a sua assessoria de comunicação enviou algumas de suas propostas: Programa Conectar, para capacitar, orientar e inserir o jovem advogado no mercado de trabalho; criação de núcleos descentralizados em defesa das prerrogativas pelo Estado; profissionalização da Procuradoria de Prerrogativas; criação da Pós-graduação gratuita de Gestão, Inovação e Marketing Jurídico;

“Eu sou advogado há mais de 30 anos, e durante este tempo eu só fiz praticar direito, fazer direito e ensinar direito. Represento um movimento, um coletivo formado por mulheres advogadas e homens advogados das mais distintas regiões do Estado, e das mais variadas áreas do direito, que buscam consolidar um modelo de gestão participativo e horizontal”, pontuou Harrison Targino.

O candidato, que recebe o apoio da atual gestão, também enfatiza em sua campanha que fará uma continuidade do mandato do atual presidente, Paulo Maia. “A gestão humanizada, interiorizada e participativa adotada pelo atual presidente, Paulo Maia, vai permanecer no meu mandato”.

E completa: “Toda a advocacia paraibana reconhece que Paulo Maia é o maior presidente em termos de realização de obras e de interiorização das ações da OAB-PB. Ele abriu as portas da instituição para todos os segmentos da advocacia e levou seus serviços para toda a Paraíba, num movimento nunca visto na história da Ordem no Estado”.

Sobre as eleições

As eleições para a diretoria da OAB-PB, Subseções e Caixa de Assistência no triênio 2022/2024 vão ocorrer no próximo dia 18 de novembro, das 9h às 17h na Seccional, em João Pessoa, e nas 11 Subseções da OAB no interior do Estado.

A resolução, aprovada no último dia 24 de setembro, disciplina paridade de gênero (50%) para a composição das chapas da Seccional, Subseções e Caixa de Assistência; além de cota racial para negros (pretos e pardos), no percentual de 30%, nas eleições da OAB.

“Nestas eleições já serão observadas as cotas para advogadas e advogados negros e a paridade de gênero, com 50% das chapas, em todas as esferas, compostas por homens e mulheres. Essas são as principais inovações e as demais regras seguem respeitando o regulamento geral da OAB e o provimento 146”, comentou o presidente da OAB-PB, Paulo Maia.



Fotos: Arquivo Público Mineiro

A Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, pronta para receber o presidente Epitácio Pessoa e o rei Alberto da Bélgica, em outubro de 1920

O que colhe quem acolhe?

Encontro histórico entre o presidente Epitácio Pessoa e o rei Alberto I, da Bélgica, que completa 101 anos, será lembrado em MG

Marcílio Franca
Especial para A União

A hospitalidade é um valor fundamental para o direito. Foi a partir do exercício da hospitalidade, do acolhimento do estrangeiro, do migrante, do diverso, do distinto e do distante, que se desenvolveram e consolidaram princípios ético-jurídicos como a fraternidade, a solidariedade e a tolerância, bases essenciais para os direitos humanos. O mundo começou a compreender o que era alteridade nas estalagens, nos albergues, nas hospedarias, oferecendo guarida e provisões a quem vinha de longe.

Minas Gerais é uma terra hospitaleira. Tão acolhedora que até mesmo a sua paisagem se curvou em calorosos amplexos montanhosos para poder abraçar o visitante. A mesa generosa e a fartura de boa prosa, servida por autores como Guimarães Rosa, Drummond, Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos e tantos outros, contribuem para o exercício constante das cordialidades mineiras. Tinha razão Clarice Lispector: “Ah, quantos perdem por não nascer em Minas!” Não foi à toa que a terra plural das Minas Gerais, aprimorando-se nas artes da hospitalidade, foi berço da tolerância e da liberdade entre nós.

Nos próximos dias 27 e 28 de outubro, as principais instituições de Minas Gerais se unem à Embaixada da Bélgica no Brasil e ao Consulado Honorário belga em Belo Horizonte para celebrar essa hospitalidade. Há

101 anos, a jovem capital mineira acolhia com requinte e esmero a visita do presidente Epitácio Pessoa e do rei Alberto I, da Bélgica, primeiro chefe de Estado europeu a visitar o país. O rei dos belgas vinha acompanhado da esposa, a rainha Elisabeth, e do filho, o príncipe Leopoldo (mais tarde rei Leopoldo III).

Uma longa série de celebrações marcará o centenário da visita real a Belo Horizonte - adiadas desde o ano passado por conta das limitações impostas pela covid. Haverá cerimônias no Palácio da Liberdade, no Tribunal de Justiça, na Assembleia Legislativa, no 1º Batalhão da Polícia Militar, na Câmara Municipal, no tradicional Colégio Santa Maria, na Mina de Morro Velho e no Museu das Minas e do Metal. Um dos pontos altos dos festejos, será a inauguração do belo busto do rei Alberto, obra do escultor mineiro José Synfronini de Freitas Castro.

Belo Horizonte era uma capital planejada de 23 anos quando o soberano e o presidente chegaram, depois de passar pelo Rio de Janeiro e São Paulo. Meses de preparativos, grande expectativa e euforia deixaram a cidade ainda mais bonita. Os desdobramentos sociais, políticos e econômicos daquela visita foram muitos. No campo econômico, recorde-se apenas a criação da siderúrgica belgo-mineira (hoje ArcelorMittal), logo em 1921.

A iniciativa das festividades do centenário coube ao eminente desembargador Marcos Henrique Caldeira Brant, superintendente da

Memória do Judiciário do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, membro do Instituto Histórico e Geográfico mineiro e integrante do Pronome - programa do Conselho Nacional de Justiça que cuida da memória do Judiciário brasileiro. Em nome da família Pessoa, registro o agradecimento público ao desembargador Brant pelo honroso convite que me dirigiu para estar presente àquelas merecidas celebrações. Estendo estes agradecimentos ao embaixador Patrick Herrmann, da embaixada da Bélgica em Brasília, e ao cônsul honorário da Bélgica em Minas Gerais, Henrique Machado Rabelo, que se irmanam ao desembargador Brant como anfitriões dessas festividades em torno da acolhida com que os mineiros brindaram um monarca e um republicano, há um século.

Em um mundo tão marcado pela incompreensão e pela intolerância, não poderia chegar em melhor hora a celebração cidadã que Minas Gerais rende ao diálogo, à hospitalidade, à compreensão, ao cosmopolitismo, ao multiculturalismo e à fraternidade entre dois povos. Muito mais do que reverenciar a memória individual do rei Alberto I, o Rei Soldado, exemplo de estadista reto e corajoso, ou do presidente Epitácio Pessoa, paradigma do nosso regime republicano, as solenidades de Belo Horizonte marcam, em essência, a comemoração daquela virtude cívica fundamental: a capacidade de estabelecer diálogos, base indispensável da política e da



A rainha Elisabeth, o presidente da República, Epitácio Pessoa, o presidente do Estado de Minas Gerais, Arthur Bernardes, e o rei Alberto, da Bélgica, na chegada a Belo Horizonte

diplomacia - duas outras searas em que os mineiros demonstram tanto savoir faire.

Em 1795, Immanuel Kant publicou o ensaio “Zum Ewigen Frie-

den”. Nele, apontou a hospitalidade como condição essencial para uma paz perpétua. Essa é, sem dúvida, a maior e melhor colheita de quem semeia acolhida.

(*) *Marcílio Franca é sócio do Instituto Hispano-Luso-Americano de Direito Internacional (IHLADI) e árbitro da Organização Mundial de Propriedade Intelectual (OMPI), da Court of Arbitration of Art (CAfA) e do Tribunal Permanente de Revisão do Mercosul (TPR). Professor do Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba.*

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Como era brejeiro meu Brejo

Com o vasto universo inteiro à sua disposição, o cronista optou por viver no planalto da Borborema entre as cidades de Bananeiras e Solânea. Vales e serras verdes, banhados por rios históricos e inextinguíveis, sob o domínio do rio Curimataú que recebe as águas dos rios Dantas e Picadas e os riachos Carubeba e Sombrio. O aspecto sombrio da atualidade: esses rios e córregos inconstantes não estão dando conta de suprir os viventes desse mais elementar líquido para a vida humana. Os rios e barragens do Brejo não atendem mais aos aglomerados urbanos da região. A barragem de Canafístula perece no mormaço sertanejo, em pleno brejo. Essa represa atende as cidades de Solânea, Bananeiras, Araruna, Cacimba de Dentro e Tacima. De regime de racionamento, passou ao modo fornecimento zero. A empresa fornecedora de água já comunicou às populações e administradores que adotem suas providências, porque se trata de colapso geral do abastecimento d’água na região. Quem tem cisterna pode assegurar o mínimo de água para o consumo por alguns meses.

Depois, é apelar para os caminhões-pipa.

Ao lado de minha casa tem um córrego onde os carros pipa vão abastecer. Logo cedinho, longas filas de caminhões assustam o tetéu e o caboré com o ronco dos motores e o falatório dos motoristas. Sem o frio do sereno que só o Brejo possuía nos invernos de antigamente. E esse “antigamente” é coisa de poucos meses. Quando cheguei aqui, no ano da peste de 2020, ainda se usava calça, bota e casaco nos dias gélidos. Hoje não tem mais frio, nem água. Em plena serra no Brejo paraibano, a beleza extraordinária ainda persiste, mas o clima degradingolou. Até as rãs abandonaram seu habitat, percebendo mudança na umidade. As veredas brejeiras vivendo a agressão da estiagem. “Não sei se o Sertão vai virar mar, como disse o profeta, mas o brejo tá virando Sertão”, deplora o brejeiro Ofinho. Ele se queixa do efeito estufa, mas bota um pedaço da culpa no desmatamento e a construção desordenada de poços artesanais, danificando o lençol freático, para atender às dezenas de condomínios erguidos ultimamente na região. “É a

tragédia do capitalismo selvagem acabando com a biosfera, ameaçando a natureza e modificando até o clima”, lastima. “Não sou contra o progresso, mas a forma de lidar com a ocupação urbana é que deveria ser revista”, esclarece o engenheiro Ofinho.

Nos grandes sertões das estiagens sem fim, alguns políticos aproveitavam a tragédia da seca para ganhar dinheiro. Desconfio que a tal “indústria da seca” vem tirando proveito dos problemas ambientais por essas bandas e já se instala. Talvez ressignificando ou adaptando os torpes esquemas. Outro dia ouvi de um pipeiro: “Eu assino documento de cinquenta mil, mas não recebo isso”. Ele fornece água para as prefeituras da região.

O ser humano sempre buscou adaptar-se ao meio em que vive. Vou tentando me acertar com os novos cenários, pessoas e desafios, depois que acabei por dar essa reviravolta na minha vida. Vim para uma temporada provisória e já se vão quase dois anos. Ainda não me habituei com certas coisas desse novo chão, incluindo o cântico dos pássaros. Ao amanhecer, quem me acorda não é mais o

bem-te-vi urbano nem as rolinhas e pardais. É o “espanta boiada” passando aos berros no fim da madrugada, que na minha terra essa pequena codorna se chama tetéu, cantador das antemanhãs da Paraíba. Depois chega o sabiá, e dos açudes e lagoas se levanta o socozinho com seu cinza azulado para fazer seu ninho no meu pé de cajá, ao lado do ribeirinho. Sonoridades inauditas como a curicaca, passando com seu grito grave e monótono. Outra ave que me apareceu, fazia tempos que não via, essa não me deu muita satisfação. O urubu de carniça, acatingado, feio, deselegante, desarmonioso e portador de mau presságio, conforme a crendice do povaréu. Voou sobre a casa, pousou no pau-brasil. Sinal de decadência e ruína, conforme a superstição. Nesse brejo a caminho de se tornar sertão, o urubu aparece como o anjo anunciador da vingança, porque durante milhares de anos o Planalto da Borborema impediu a umidade do oceano de chegar naquelas regiões, provocando as estiagens. O urubu espera pacientemente que a carne apodreça para melhor digeri-la.

Cartel de drogas do PCC é o que mais cresce no mundo

Marcelo Godoy
Agência Estado

A dificuldade de atuação da Polícia Federal (PF) no país vizinho e a localização geográfica central na América do Sul transformaram a Bolívia no santuário do Narcosul, como os investigadores chamam o cartel que reúne representantes da cúpula do Primeiro Comando da Capital (PCC) e associados no tráfico internacional de drogas. Eles investem em joias, clínicas médicas, restaurantes, fazendas e passeiam em segurança com as famílias na região de Santa Cruz de La Sierra, centro do poder do grupo e rota de passagem da droga que, vinda do Peru e da Colômbia, se junta à cocaína propriamente boliviana.

Dali, os “narcos” brasileiros se locomovem em aviões e helicópteros para passar férias nas praias do Nordeste, onde fecham negócios com as ndrine, as famílias que integram a ‘Ndrangheta, a máfia da Calábria. Mais poderosa das organizações criminosas da Itália, ela fica com 40% de toda a droga que o PCC negocia na Europa. Esse é o imposto para que os carregamentos de cocaína da América do Sul possam circular pelo continente. Ali, o quilo da droga, adquirido em Santa Cruz de La Sierra por US\$ 1 mil, alcança até US\$ 35 mil.

Fotografias e mensagens inéditas apreendidas nos telefones celulares do traficante Anderson Lacerda Pereira, o Gordo, e informações das inteligências do sistema prisional, da PF e da Polícia Civil paulista mostram a ostentação e o cotidiano dos líderes do cartel. Dono de uma rede de clínicas médicas em São Paulo, Gordo estaria investindo no mesmo ramo na Bolívia.

“O Narcosul, o cartel do PCC, é a organização criminosa que mais cresce hoje no mundo”, afirma o procurador de Justiça Márcio Sérgio Christino, responsável em 2002 pela primeira denúncia contra a cúpula da facção, quando Marco Willians Herbas Camacho, o Marcola, começava a ascender ao topo do grupo.

Lucro

Depois disso, muita coisa mudou. O lucro com o tráfico internacional de drogas, estimado em mais de R\$ 1,5 bilhão por ano, cresceu tanto que a facção decidiu, em agosto passado, suspender a cobrança de mensalidade de R\$ 950 de seus integrantes em liberdade. Essa contribuição, chamada de Cebola, era obrigatória desde os anos 1990, e servia para manter despesas como o PCC TUR, os ônibus que levam de São Paulo familiares de encarcerados até presídios no oeste do Estado. Também era usada para pagar os serviços da Sintonia dos Gravatas, o departamento jurídico da facção, cestas básicas e outros serviços do chamado “populismo carcerário” da organização.

“Isso só foi possível graças ao tráfico internacional”, diz o promotor Lincoln Gakiya. Ameaçado de morte pelo PCC, Gakiya é responsável pela Operação Sharks, que identificou os chefes da facção que assumiram o controle da organização nas ruas depois do acerto de contas que matou, em 2018, Rogério Jeremias de Simone, o Gegê do Mangue. O principal deles é Valdecil Alves dos Santos, o Colorido, de 49 anos. Colorido é o responsável pela logística do tráfico feito em nome do grupo. Homens do PCC e seus associados podem comprar, transportar e vender da “família”, mas também mantêm negócios pessoais.

Traficantes brasileiros transformam a Bolívia em “santuário” do Narcosul: lá, eles investem em negócios lícitos, passeiam em segurança com a família e mantêm a base da frota de aeronaves da organização



Fotos: Divulgação

■ Marco Willians Herbas Camacho, o Marcola (ao lado), é apontado pela polícia como o líder do PCC, apesar de estar preso desde 1999. Ele continua controlando todo o esquema da facção, que mantém frota de aeronaves na Bolívia. Na imagem acima, o promotor Lincoln Gakiya, ameaçado de morte pelo PCC



Chefão que controla frotas é do RN

A Bolívia, segundo Gakiya, ocupou a posição que nos anos 1990 era do Paraguai. Exemplo disso é que Marcola foi preso em 1999, em São Paulo, quando voltava do Paraguai, onde comprara uma fazenda. É na Bolívia que a facção mantém sua frota de aeronaves.

Hoje, essa frota é controlada por Colorido e pelos associados, como o Gordo. Nascido em Jardim de Piranhas, no Rio Grande do Norte, Colorido está foragido desde 2014, quando saiu do presídio de Valparaíso, interior paulista, após receber o benefício da saída temporária no Dias dos Pais.

Ele foi preso pela primeira vez em 1993, em Atibaia (SP), acusado de uma lesão corporal. Nos dez anos seguintes, seria acusado meia dúzia de vezes por tráfico, receptação, formação de quadrilha, falsidade ideológica e homicídio, até ser preso. Passou onze anos na cadeia, envolveu-se em duas rebeliões e ascendeu na facção. “Ele se tornou o principal articulador do tráfico internacional do PCC”, afirma Gakiya.

Na Bolívia, Colorido controla ainda uma frota de caminhões para o transporte da droga. Tem como braço direito Sérgio Luis de Freitas, o Mijão. Mijão seria dono de um restaurante em Santa Cruz de La Sierra. Outros traficantes da facção também investem parte do dinheiro na Bolívia.

Nos quatro celulares de Lacerda, o Gordo, apreendidos pelo 4º Distrito Policial de Guarulhos, em 2020, a perícia achou fotografias dele inspecionando

aviões em Santa Cruz de La Sierra, além de festas e passeios de sua família no país. Ele ainda fotografou sedes de empresas e até mesmo reuniões com supostos fornecedores de droga em um bar. “As imagens mostram uma rotina absolutamente tranquila dele na Bolívia”, conta o delegado Fernando Santiago, que comandou a Operação Soldi Sporch e está no Departamento

Estadual de Investigações sobre Narcóticos (Denarc).

Traficantes como Gordo usam criptomoedas nas transações internacionais. “Eles pagam até US\$ 20 mil por ‘voo cego’ feito por pilotos de aeronaves para o Brasil”, afirma Lacerda. Gordo integra o grupo que cresceu na Baixada Santista, com laços fortes com a estiva do Porto de Santos. É aqui que entra aquele que é apontado pela PF como o maior traficante de drogas ligado à facção: tra-

ta-se de André de Oliveira Maceira, o André do Rap, que conta entre seus associados Suaélcio Martins Leda, o Canam, e Moacir Levi Correia, o Bi da Baixada. Gordo, Leda, Correia e André do Rap foram soltos por decisões judiciais entre 2016 e 2020 - dois por meio de habeas corpus, um em razão da covid-19 e outro recebeu o direito de responder ao processo por tráfico em liber-

dade. “Todos estão operando a partir da Bolívia”, conta o delegado Rodrigo Costa, responsável pelo núcleo da PF que investiga a facção em São Paulo.

A Bolívia ainda é apontada como o refúgio de Marcos Roberto de Almeida, o Tuta, outro investigado na Operação Sharks. Tuta era adido comercial do Consulado de Moçambique em Belo Horizonte e é apontado pela inteligência prisional como o chefe da facção nas ruas. O país africano era o destino de um carregamento de cinco toneladas de cocaína que a PF surpreendeu no dia 5, no porto do Rio. Escondida em caixas de sabão em pó, a carga foi a maior apreensão da história do Rio.

Da África, a droga iria para Las Palmas, na Espanha. A passagem por Moçambique era uma forma de driblar a vigilância das cargas vindas da América do Sul em portos europeus. Ela indica ainda uma nova rota do cartel - além dos portos de Santos e Itajaí (SC), a facção costuma usar Fortaleza, Recife e Natal para escoar a droga para Europa, África, Ásia e Estados Unidos.



Empresas são usadas para lavar o dinheiro

Um posto de gasolina em Mauá, na Grande São Paulo, é o elo entre a lavagem de dinheiro de Marco Willians Herbas Camacho, o Marcola, líder do Primeiro Comando da Capital (PCC), e mais uma empresa investigada pela Polícia Federal na Operação Lava Jato.

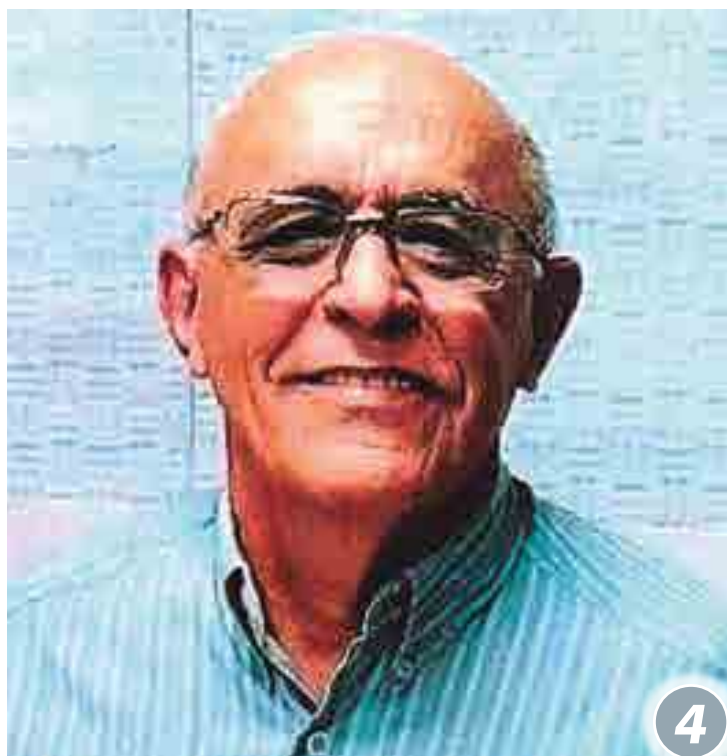
O posto tem entre seus proprietários a empresa DVBR Alfa Participações e é um dos 32 de uma rede por onde teria sido lavado dinheiro de um esquema da organização que movimentou de forma atípica R\$ 245 milhões, dos quais R\$ 60,6 milhões em espécie, de acordo com relatório da PF na Operação Rei do Crime. Segundo o delegado Rodrigo Costa, a operação investigou 78 empresas que, em quatro anos, movimentaram R\$ 32 bilhões e obteve o bloqueio de bens avaliados em R\$ 730 milhões.

A partir de 2018, os traficantes do PCC e seus associados passaram a usar a estrutura de doleiros para operar com criptomoedas e, assim, evitar a circulação de papel para os pagamentos da facção. “Você ainda tem entrega física, em espécie, mas para que vou me arriscar se posso dar um comando no computador e colocar 2 milhões em uma conta na China, sem controle? O bitcoin não tem controle. Posso pegar uma exchange no Brasil, mas posso abrir uma conta através de uma offshore na França, na Inglaterra, na China”, afirma Costa.

Além das criptomoedas, os traficantes estão usando o canal de voz de videogames, como a party, do Playstation, para driblar a vigilância policial.

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.



1 Cristianny Sobreira, Helder Moura, Romeu Lemos, João Leuson Palmeira, Padre Albeni Galdino, Auxiliadora Cardoso, Rogeraldo Campina, Selma Dias Holanda, Chiquinha Barbosa e Marcélia Cartaxo são os aniversariantes da semana.

2 Alter do Chão, distrito de Santarém, foi eleito, recentemente, o “Melhor Destino Turístico Nacional”, durante premiação que aconteceu em Brasília, no Distrito Federal. Participando de encontro de jornalistas no Pará, registrei o paradisíaco local que faz jus ao título recebido.

3 A empresária Raquelly Nícia, empreendedora e idealizadora da Up! Personalizados, empresa que já foi tema de reportagem na sessão “Mulheres Empreendedoras”, no site Pequenas Empresas, Grandes Negócios, tem em sua carteira de clientes empresas como Google, Alpargatas, Unimed João Pessoa e Ambev.

4 Na última quinta-feira (21), a Academia Cajazeirense de Artes e Letras realizou Sessão Especial Virtual, conforme estabelecido pelo Regimento Interno, em homenagem póstuma ao confrade Dr. Rafael Rodrigues Holanda (foto), que ocupava a Cadeira no. 29. Na ocasião, foi, oficialmente, declarada a vacância da Cadeira. A coordenação dos trabalhos coube à confrreira Mariana Moreira, sob a presidência do prof. Francisco Sales Cartaxo, presidente da ACAL, e a oração de homenagem póstuma sendo feita pelo prof. Francelino Soares, secretário-geral da entidade.

5 De acordo com a atual diretoria, o Aeroclube, localizado no bairro do Bessa, em João Pessoa, doou 82,5% da sua área para a Prefeitura Municipal da capital, a fim de que seja construído um complexo ecológico no local. Com o valor recebido do Governo Municipal, correspondente a 17,5% do terreno, será adquirida uma nova área nos arredores de João Pessoa, destinada às novas instalações.

6 O festival “Degustando o Brasil”, em parceria com o Le Cordon Bleu, considerado o maior instituto de gastronomia do mundo, realizou a sua sétima edição no Partage Shopping, em Campina Grande, de 21 a 24 de outubro. Na visão do diretor-executivo do “Degustando Brasil”, Isaac Batista (foto) o evento, que contou com aulas-show, a segunda edição do “Negócios à Mesa” e feira agroecológica, foi sucesso total.

7 O prefeito Cícero Lucena e o vice-prefeito Leo Bezerra promoveram evento para anunciar a realização do Natal dos Sentimentos, evento natalino que vai contar, ao longo do período de 25 dias, com uma série de eventos, integrando três polos instalados no Largo de Tambaú, na Praça da Independência e no Parque Sólon de Lucena.

8 João Pessoa, em agosto de 2022, sediará a VII Rodada de Negócios da Foco Operadora. O evento, anunciado na semana passada pelo secretário de Turismo da capital paraibana, Daniel Rodrigues (foto), deve receber cerca de 600 agentes de viagens de todo o país.

9 Durante encontro de jornalistas de turismo em Santarém, no Pará, foi criada a Federação Brasileira de Jornalistas e Comunicadores de Turismo (FEBTUR), e eleita uma diretoria provisória, presidida pelo jornalista baiano Gorgônio Loureiro.

10 A consultora de etiqueta e fundadora da Academia Nacional de Etiqueta, Sandra Azevêdo, programou uma verdadeira aula sobre como receber bem e impressionar seus convidados. Será durante uma live no próximo dia 26, às 19h.





Desafio de economizar é ainda maior com a inflação em alta, mas pode ajudar a superar momentos de dificuldade

Carol Cassoli
Especial para A União

Em tempos de crise, poupar é algo difícil. Dados do Banco Central mostram que o número de depósitos nas cadernetas de poupança vem caindo nos últimos meses no Brasil. Apenas em setembro, o registro de saques nas contas brasileiras superou o de depósitos em mais de R\$ 7,7 bilhões. Mesmo assim, para uma parcela da população, reservar uma parte do dinheiro conquistado no mês ainda é a melhor alternativa diante da instabilidade econômica.

Após se encontrar diante do desemprego e passar seis meses sem renda, o gerente administrativo Igo Arruda decidiu que estava na hora de mudar seus hábitos financeiros e começou a reservar parte de seus ganhos mensais. “Precisei me educar financeiramente”, conta. Hoje, aos 31 anos, Igo destina seu dinheiro a investimentos de renda fixa que, segundo ele, apesar de possuírem lucratividade menor são mais seguros.

Com a alta no preço de alguns itens que delimitam o custo de vida, como o disparo no preço da carne, dos combustíveis e da energia elétrica, a inflação atingiu o acumulado de 6,9% entre setembro do ano passado e setembro deste ano. Devido a estas mudanças no

cenário nacional, o Banco Central registrou que a retirada de recursos das cadernetas de poupança foi equivalente a R\$ 290,6 bilhões.

O economista Francisco Barros explica que este movimento de saque atual funciona como uma ferramenta de proteção aos brasileiros que, com salários menores, veem suas rendas serem corroídas pela inflação. De acordo com o economista, para grande parte das pessoas, é muito difícil poupar em um momento como o que o Brasil enfrenta hoje.

Por isso, o mais importante é que as pessoas desenvolvam o hábito do controle financeiro. “Naturalmente é preciso fazer um plano. Não é necessário ser algo complexo, com planilhas e tabelas, mas é interessante que as pessoas adquiram o hábito de anotar tudo o que recebem e todos os seus gastos também”, aconselha.

Enquanto muitos brasileiros vivem sem a garantia da renda necessária para sobreviver, Igo afirma que, a cada dia, se desdobra mais para manter o costume de guardar dinheiro. “Faço milagre para continuar poupando. Está cada vez mais difícil”, enfatiza.

Crise atrapalha poupadores
Mesmo com as dificuldades que

cercam o cotidiano da população e a baixa no mercado financeiro, o professor de matemática José Gonçalves integra o grupo de Igo e faz o possível para guardar e investir seu dinheiro. “Atualmente tenho uma parte em ações, uma parte em fundos de investimento e uma parte no tesouro direto”, explica.

José, que poupa com constância desde 2019, acredita que o fundamental em uma família que deseja poupar é a noção dos gastos mensais. “Eu acho importante que nunca se gaste mais do que a renda permite”.

Nos dois anos em que tem poupado, a fórmula do matemático para a economia familiar tem dado certo e José ainda não movimentou um centavo de seus investimentos. Apesar disso, a situação econômica evidenciada em todo o país tem se mostrado uma prova de fogo até para os mais controlados. O professor não nega que sentiu vontade de mexer em seus investimentos este ano. “Nos últimos dois meses tive uma leve vontade de tirar uma parte, porém procurei outras alternativas para resolver o problema que tive. Sei que, se mexer agora, isso pode virar costume e atrapalhar esse projeto a longo prazo”, José Gonçalves acredita que se policiar é o melhor remédio.

+

Dicas para poupar

Pensando nas condições às quais as pessoas estão sujeitas em meio à crise econômica, o economista Francisco Barros observa que as melhores alternativas para aqueles que desejam poupar são os investimentos simples. Para o especialista, um caminho viável são os investimentos na caderneta de poupança e as aplicações no tesouro direto. “A pessoa pode começar pela poupança ou pelo tesouro direto e, futuramente, ao ganhar mais confiança, investir em outros fundos com rentabilidades maiores”, orienta.

Com a experiência que adquiriu poupando, Igo Arruda não deixa de aconselhar quem deseja poupar. “Uma dica importante para quem quer poupar é: guarde primeiro. Reserve uma parte dos seus ganhos e já guarde, viva com o que sobrar”.

Para o gerente administrativo, cortar despesas supérfluas, como os pedidos em delivery é uma das alternativas para construir um futuro seguro. “Eu também nunca faço uma prestação longa se tiver outra em curso. O ideal é evitar acumular prestações. Se possível comprar a vista e barganhar desconto”, recomenda Igo.

Tipos de investimentos simples

POUPANÇA

Mesmo rendendo mais nos últimos meses, a poupança continua a perder da inflação, por causa de dois fatores. O primeiro são os juros reais negativos (abaixo da inflação). Recentemente, a taxa Selic (juros básicos da economia) foi elevada para 6,25% ao ano. O segundo fator foi a alta nos preços dos alimentos, dos combustíveis, da energia elétrica e do dólar, que continuarão a pressionar a inflação no segundo semestre.

Para este ano, o boletim Focus, pesquisa com instituições financeiras divulgada pelo Banco Central, prevê inflação oficial de 8,51% pelo IPCA. Com a atual fórmula, a poupança renderia pouco menos de 4,375% este ano, caso a Selic permanecesse em 6,25% durante todo o ano. O rendimento pode ser um pouco maior caso o Banco Central continue a aumentar a taxa Selic nas próximas reuniões do Comitê de Política Monetária (Copom). Mesmo assim, é uma forma de poupar.

TESOURO DIRETO

O Tesouro Direto é um Programa do Tesouro Nacional desenvolvido em parceria com a Bolsa de Valores para venda de títulos públicos federais a pessoas físicas, de forma 100% on-line. Lançado em 2002, o programa surgiu tendo como meta democratizar o acesso aos títulos públicos, permitindo aplicações a partir R\$ 30,00 e hoje já tem mais de 1,6 milhão de investidores.

O produto oferece títulos com diferentes tipos de rentabilidade (prefixada, ligada à variação da inflação ou à variação da taxa de juros básica da economia, a Selic), diferentes prazos de vencimento e de fluxos de remuneração. Além disso, oferece liquidez diária, sendo atualmente a aplicação de menor risco de crédito do mercado. Uma opção para quem quer conhecer outras formas de investir o dinheiro.

Foto: Freepik



Ao montar o próprio negócio, mulheres tornam-se mais independentes, seguras e confiantes, aumentando o sentimento de liberdade em relação ao parceiro

Empreender ajuda mulheres a deixarem relações abusivas

Pesquisa mostra que 48% das empreendedoras do Brasil conseguiram acabar com a violência sofrida em casa

Ludimila Honorato
Agência Estado

O Brasil é o sexto país do mundo com a maior proporção de adultos que não são empreendedores, mas pretendem abrir um negócio nos próximos três anos, segundo o Global Entrepreneurship Monitor (GEM). No caso de algumas mulheres, esse desejo é motivado pela independência financeira que vai permitir a saída de relacionamentos abusivos. Pesquisa anual do Instituto Rede Mulher Empreendedora (Irme) mostra que montar a própria empresa ajudou 48% das empreendedoras a dar um basta na violência doméstica.

A relação é complexa e está longe de ser de causa e efeito. Mas, ao empreender, as mulheres tornam-se mais independentes, confiantes e seguras, o sentimento de liberdade aumenta e a autoestima também. Com informação, conhecimento e habilidades socioemocionais desenvolvidas, elas conseguem encontrar caminhos

para sair de uma relação abusiva.

Ana Claudia Soares da Silva, hoje com 41 anos, tornou-se profissional autônoma em 2006 após um curso de despachante documentalista, em Duque de Caxias (RJ). Na época, ela vivia sob a violência psicológica e patrimonial do ex-companheiro, que conheceu na adolescência e com quem tem um filho. Durante os 15 anos em que viveram juntos, ela relata episódios de manipulação emocional que a fazia ter pensamentos limitantes sobre si.

“No início do nosso relacionamento, tudo o que eu queria comprar para o lar, eu falava para ele e ele dizia que não tinha dinheiro. Eu comecei a fazer aquilo que deveria e, no lugar de ‘ajudadora’, me tornei provedora e fui crescendo”, ela conta. Porém, a instabilidade familiar e a falta de apoio impediram que Ana Claudia se posicionasse mais firmemente como empreendedora. Então, se revezava entre o negócio próprio, como assessora e consultora em processos administrati-

vos junto ao Detran-RJ, e o trabalho em empresas.

Era desgastante lidar com o vício do marido em álcool, as palavras violentas, os gritos, as batidas de portas e janelas. Frases como “você se acha melhor do que os outros” saíam da boca dele e reverberavam o tempo todo na cabeça dela. “Eu não conseguia ser eu.” O marco da violência patrimonial foi quando ela não teve como pagar o IPVA da moto que comprou e, em troca de fazer isso pela mulher, o ex-marido a fez passar o veículo para o nome dele.

Quem via a família de fora não imaginava pelo que Ana Claudia estava passando, uma vez que a violência sofrida era impalpável. Diferentemente do que se pensa, violência doméstica não se restringe a agressões físicas; inclui também xingamentos, privação de dinheiro e desvalorização moral. A pesquisa do Irme aponta que 34% das entrevistadas já sofreram agressão e 42% conhecem alguma mulher que empreendeu para sair de uma relação violenta.

Violência doméstica nos detalhes

O levantamento, feito em parceria com o Instituto Locomotiva, está na sexta edição e ouviu 2.736 pessoas maiores de 18 anos que empreendem, sendo 313 homens e 2.423 mulheres. Pela primeira vez, havia perguntas sobre violência doméstica, mas o tema vem sendo percebido pela Rede Mulher Empreendedora há pelo menos cinco anos.

“A gente começou a ter clareza disso pelos depoimentos delas. Quando o negócio dava certo e elas começavam a ganhar dinheiro, diziam que conseguiam sair de situações de violência. A dependência financeira é um dos principais fatores para elas se manterem nessas situações”, conta Ana Fontes, fundadora e presidente da Rede e do Irme.

Discursos sutis indicam a violência presente. Embora 85% das mulheres casadas afirmem que o companheiro é grande incentivador, 32% afirmam que já houve conflitos por causa da dedicação delas ao negócio e 21% relatam que o parceiro já sentiu ciúmes da empresa.

Elena Maria Costa, de 48 anos, conta que o primeiro marido sempre a incentivou no trabalho como representante comercial autônoma, que compra

produtos diversos direto do fabricante para revender. Mas, quando ela passou a ter mais sucesso, ele a chamou de “louca”. Faz cinco anos que ele faleceu e a empreendedora casou novamente há três meses, e o novo companheiro seguiu com a violência psicológica e moral.

“No meu escritório, vêm homens buscar os produtos, nunca tive problema com assédio, mas ele achava que teria e dizia que eu erguia minha saia, falava que eu era desonesta. Às vezes, tinha de falar para os clientes que eu não estava em casa por causa dele”, relata. Elena participou de um curso da Rede Mulher Empreendedora em que se falou sobre os diferentes tipos de violência doméstica e a Lei Maria da Penha. Foi quando entendeu que xingamentos eram uma violência e mandou o companheiro embora.

Para a despachante Ana Claudia, até se reconhecer como vítima de violência doméstica, ela ouviu histórias semelhantes à dela. Fez psicoterapia e ao perceber-se capaz de se manter e ter conquistado a casa própria, pediu o divórcio no fim de 2019. “Depois da pandemia, pude fazer meu trabalho com excelência, aumentei os clientes, consegui me fortalecer.”

Acesso a crédito ainda é barreira, mas união impulsiona negócios

Para que os negócios sejam bem-sucedidos e as mulheres possam sair desse ciclo de violência, é preciso ter capital. No entanto, 47% das empreendedoras que solicitaram crédito no último ano tiveram o pedido negado. Além disso, apenas 30% delas sentem-se preparadas para conseguir linhas de crédito e empréstimos.

“Há uma série de contextos históricos, sociais, emocionais que fazem elas estarem nessa situação. A gente mostra a percepção das desigualdades, o acesso ao capital e a carga que elas têm de assumir ao cuidar do negócio, da casa e da fa-

mília”, observa Ana Fontes. “A gente só vai mudar isso profundamente se tivermos políticas públicas junto, de ter crédito facilitado e condições melhores de acesso ao mercado”.

Ela pontua que, além de as mulheres não serem bem recebidas quando buscam crédito, a informalidade e o gerenciamento da empresa são outros complicadores. Dois terços delas não separam as contas de pessoa jurídica da pessoa física e metade não tem conta bancária exclusiva para o empreendimento, o que para os bancos é uma barreira na concessão de capital. “Boa parte delas

tem negócios de moda, beleza, alimentação, estética, áreas que o sistema financeiro não tem muito apreço, vontade de dar recursos”, diz Ana.

Trabalho colaborativo
Apesar das dificuldades que enfrentam, nos negócios e na vida pessoal, as empreendedoras são uma alavanca para outras mulheres. Das que possuem sócios, 44% se aliam apenas ao público feminino, ante 3% dos homens que têm sociedade. Além disso, 73% dos negócios liderados por elas têm mulheres como colaboradoras. No caso das empresas

comandadas por homens, elas são maioria em 21% dos casos.

“Tem uma questão de liderança das mulheres, que é mais humana, colaborativa e com olhar mais integrado. Quando a gente pergunta por que estão abrindo o negócio, não é só pelo dinheiro, é sempre pelo propósito, para ganhar visibilidade e ajudar outras pessoas. Isso se reflete no tipo de negócio que abrem e em como contratam pessoas”, diz a presidente do Irme. A pesquisa mostra que as principais atividades desenvolvidas por elas são prestação de serviço (39%) e venda de produtos (34%).

PARA DENUNCIAR VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

- Se você é vítima ou presenciou algum tipo de agressão, pode procurar os seguintes canais:

■ **Polícia Militar:** ligue gratuitamente para o número 190 em caso de socorro imediato.

■ **Central de Atendimento à Mulher:** ligue para o número 180, canal criado pela Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres, que oferece escuta e acolhida às vítimas. As denúncias são anônimas e a chamada é gratuita.

■ **Delegacia Especial de Atendimento à Mulher:** são postos de atendimento da Polícia Civil especializados nesses casos, onde a mulher pode registrar a ocorrência. Acesse o site do Governo do Estado para saber onde ficam as unidades.

Editais buscam revitalização do Centro Histórico da capital

Parque Tecnológico Horizontes da Inovação incentiva a elaboração de projetos que solucionem os principais problemas da área

Renato Félix
Assessoria da SEC&T

O Parque Tecnológico Horizontes da Inovação, em processo de instalação no antigo Colégio Nossa Senhora das Neves, ambiciona ir além de sua definição prática: a de ser um ambiente para que empresas e pesquisadores que lidam com a inovação trabalhem, se desenvolvam e contribuam com o desenvolvimento da Paraíba. O parque também quer ser uma força motriz para uma revitalização daquela região do Centro Histórico de João Pessoa, incentivando uma série de outras ações. Embora a reforma da sede ainda esteja em andamento, algumas dessas ações já estão acontecendo.

Algumas ações são voltadas a chamar a atenção da cidade para o centro histórico, diagnosticar problemas e pensar soluções, por meio de

Concurso Ideias Inovadoras está com inscrições abertas até 4 de novembro vai distribuir R\$ 180 mil em prêmios

projetos que podem vir a ter o apoio do Parque Tecnológico. Uma das ações é o edital do Concurso Ideias Inovadoras, que tem inscrições abertas até o dia 4 de novembro. O edital é uma iniciativa do Governo do Estado da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia (Seect) em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa (Fapesq).

Poderão participar a comunidade acadêmica e inventores independentes da Paraíba. Serão destinados R\$ 250 mil, oriundos do Tesouro Estadual, sendo R\$ 180 mil destinados ao pagamento dos prêmios e R\$ 70 mil para despesas operacionais relacionadas ao julgamento das propostas e demais atividades relacionadas ao concurso.

“A ideia do concurso Ideias Inovadoras, com foco no centro histórico de João Pessoa, surgiu a partir da busca do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação por projetos e iniciativas de diferentes atores da sociedade em geral, desde alunos de Ensino Médio, passando por alunos da graduação em instituições instaladas na Paraíba, alunos de pós-graduação, pesquisadores das nossas universidades, até invento-



Em processo de instalação no antigo Colégio das Neves, Parque Tecnológico se propõe a ouvir propostas da comunidade, explica a coordenadora do espaço, Francilene Garcia

res da economia criativa (que são aquelas pessoas que, de alguma maneira, se situam no campo artístico-cultural), até professores das escolas que tenham algum tipo de iniciativa na construção de ferramentas pedagógicas inovadoras”, explica Francilene Garcia, coordenadora do Parque Tecnológico.

“A ideia é que essas pessoas possam associar os de-

safios que nós temos na região do centro histórico de João Pessoa, trazendo recomendações para diferentes problemáticas que afetam e que de alguma maneira causaram a degradação daquela área, no sentido de apropriação de conhecimento e ideia empreendedoras, considerando aí os atuais desafios”.

Assim, o Horizontes de Inovação se propõe a ouvir da

comunidade quais são as iniciativas que ele poderia apoiar de forma empreendedora. “É importante que essas ideias possam, na medida em que elas tenham mérito, ser incentivadas a se materializar e se tornarem projetos – quem sabe? – de futuras startups que vão ser apoiadas pelo Parque Tecnológico”, afirma Francilene. “Então, no fundo, a mensagem do concurso Ideias

Inovadoras é trazer a comunidade do estado a pensar sobre essa região, quem sabe ajudando os dirigentes públicos e alguns empreendedores do setor privado a transformarem essa região numa direção em que as pessoas voltem a habitar o centro? Esperamos, a partir daí, trazer a sociedade pra pensar junto com o Governo as iniciativas para o centro histórico de João Pessoa”.

Estudantes mapeiam a área para construir propostas

Outro projeto, este já em andamento na prática, é o Ouse Criar. O programa de inovação e empreendedorismo da Secretaria Executiva de Ciência e Tecnologia da Paraíba, que incentiva alunos da Rede Estadual de Ensino a pensar em soluções para os problemas de suas comunidades, ganhou uma edição voltada especialmente para o Centro Histórico.

“Tudo se congrega na ideia de criar projetos e experiências discentes com o

objetivo de valorizar a região do centro histórico de João Pessoa. Sendo assim, foram lançados alguns editais para a seleção de pessoal, tanto para atuar na coordenação quanto para participarem enquanto executores do projeto”, conta Thiago Silveira, um dos coordenadores do Ouse Criar – Parque Tecnológico Horizontes de Inovação.

“Temos a participação de algumas escolas estaduais, localizadas no Centro, representadas por um professor

mentor e cinco estudantes em cada equipe. Temos a participação de um professor e um aluno mentor do Centro Estadual de Tecnologia (Inotech) para cada equipe. E, por fim, temos a participação de graduandos do curso de História da UFPB, sendo um para cada equipe”.

Ao todo são sete equipes distribuídas em sete eixos (segurança pública, mobilidade urbana, iluminação pública, patrimônio cultural, habitação, economia e

turismo sustentável). Elas têm o objetivo de desenvolver ideias que valorizem e promovam o centro histórico, sob a ótica de cada eixo, de uma forma inovadora e empreendedora.

Por enquanto, as equipes estão na fase de diagnóstico, em execução desde 1º de outubro e chamada de “Fase de imersão”. “É a fase em que as equipes analisarão o centro histórico e escolherão o lócus de seu projeto. Assim, farão um levantamento de todos os

problemas existentes baseados em seu eixo temático”, diz Silveira. Elas devem enviar seu relatório sobre essa fase até o dia 3 de dezembro.

Na sequência entra a “Fase de ideação”. “A partir dos problemas encontrados, sob a ótica do seu eixo, as equipes terão que pensar em uma solução viável e criativa para o problema”, explica o coordenador. Esta fase vai até 21 de janeiro de 2022. A terceira e última é a “Fase de prototipagem”. “A partir da ideia desenvolvida, as equipes terão que construir um produto ou serviço, para solucionar a problemática encontrada”. A entrega do relatório final está prevista para 31 de março.

“Este projeto tem uma relevância imprescindível para a conscientização so-

bre a importância histórica e cultural daquela região em nossos jovens”, continua ele. “Eles serão protagonistas de um projeto que busca a valorização da região, voltando seus olhares para o uso de ideias inovadoras que solucionem os problemas relativos a cada eixo, mas que ao mesmo tempo busquem valorizar o centro histórico”.

Este projeto tem uma relevância imprescindível para a conscientização sobre a importância histórica e cultural daquela região em nossos jovens

Eventos irão de feiras a circuito de igrejas históricas

“Ambas as chamadas públicas não só têm como objetivo criar um diálogo de uma forma sistêmica com a sociedade para voltarmos a ter atenção sobre o centro histórico, mas, da mesma forma, premiar ideias interessantes com potencial criativo e empreendedor para serem apoiadas pela incubadora que será instalada dentro da área do parque”, conta Francilene Garcia. Mas além delas, outra iniciativa já aponta para o retorno do turismo pós-pandemia.

“Nós estamos organizando junto com o Sebrae e com a Arquidiocese da Paraíba, também com a área de turismo da Prefeitura de João Pessoa e do Governo do Estado – a nossa PBtur e a nossa Secretaria de Estado de Turismo –, um conjunto de atividades que visam voltar a estruturar eventos em áreas públicas da região do Centro, ali no entorno de onde se instalará o Parque Tecnológico”, conta ela.

“Buscando, inclusive, estruturar um diálogo com alguns arranjos produtivos locais que temos apoiado, como é o caso de produtos ligados

ao setor de leite, a produção de queijo, produtos relacionados aos engenhos, a nossa produção de cachaça e também a floricultura, que a gente desenvolve em algumas regiões aqui do Brejo”.

A ideia é organizar desde feirinhas em espaços públicos até revitalizar um turismo histórico-religioso em um circuito que percorra as antigas igrejas que ocupam o centro histórico. “Vamos iniciar, também com a Arquidiocese e os parceiros relacionados ao trade e as instituições que fazem apoio ao turismo local, a reorganização de um circuito de turismo religioso, que deve envolver aí uma caminhada de até duas horas em cinco das igrejas mais antigas”, diz a coordenadora do parque. “Nós estamos falando de igrejas que estão entre os itens de patrimônio histórico mais antigos do nosso país”.

“Esse turismo deve reacender, inclusive para a nossa própria população, o conhecimento da presença desses imóveis”, prossegue. “Vamos contar com a ajuda dos nossos his-

toriadores para contar um pouco da história do surgimento dessas igrejas. E obviamente vamos associar aí apresentações artístico-culturais, iniciando aí com os nossos grupos do Prima. Essas apresentações deverão incluir a própria capela que está lá, residente, no espaço do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação”.

Também já está sendo preparada a instalação de um museu da eletricidade dentro do prédio do parque. “Esse museu vem sendo trabalhado com a perspectiva de ter uma dinâmica bem atual, com formas de apresentação de conteúdo que tenham uma forte interação com a sociedade”, conta Francilene Garcia. “Nós estamos vivendo até um certo momento de diálogo contínuo e complexo. Enquanto uma boa parte da região brasileira vive, diante da escassez das hidroelétricas, uma certa reserva com relação a um possível apagão de energia, o Nordeste desponta como uma das áreas robustas para fornecimento de energia limpa, a exemplo da fonte eólica e solar”.

AVISO DE VENDA

IMÓVEIS EM ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA DO BANCO DO BRASIL, CONFORME LEI Nº 9514/97

EDITAL	PRIMEIRO LEILÃO	SEGUNDO LEILÃO
2021/950027	23 DE NOVEMBRO DE 2021, ÀS 11H00	30 DE NOVEMBRO DE 2021, ÀS 11H00

O Banco do Brasil S.A. torna público aos interessados que venderá, pela maior oferta, respeitando o preço mínimo de venda constante no edital nº2021/950027, disponível na página do Leilão, www.nordesteleiloes.com.br, os imóveis recebidos em garantia nos contratos inadimplentes de Alienação Fiduciária, de acordo com a Lei 9.514/97. A venda será realizada à vista. OARREMATANTEdeverá pagar: a) a importância correspondente a 5% (cinco por cento) do valor do lance vencedor ao leilão oficial, a título de comissão,até o primeiro dia útil após o envio dos dados bancários; b) a importância correspondente a 1,5% (um e meio) do valor do lance vencedor ou o valor de R\$ 750,00 (setecentos e cinquenta reais), o que for maior, à Pagimovel®, unidade de negócios da empresa Resale Tecnologia e Serviços S.A., responsável pela prestação de serviços financeiros, documentais, de formalização e registros necessários pelo aperfeiçoamento do processo de compra; c) o valor da proposta, para o Banco do Brasil S.A., em até 24 horas contadas a partir do envio do Contrato Particular de Promessa de Venda e Compra de Imóvel e Outras Avenças. Caso o ARREMATANTE não apresente a documentação exigida ou deixe de realizar os pagamentos citados nos itens A, B e C anteriormente, será considerado desistente do negócio e a venda será cancelada. Caracterizada a desistência, o ARREMATANTE vencedor perde a título de multa, os valores equivalentes à comissão do leilão e a taxa de serviço da Pagimovel®, sem prejuízo das demais sanções civis e criminais cabíveis à espécie. Correrão a cargo do ARREMATANTE todas as despesas relativas à aquisição do imóvel no leilão, como: pagamento de comissão do leilão de 5% (cinco por cento), sobre o valor de arrematação, que será realizado no ato da arrematação, pagamento da taxa de serviço da Pagimovel®, no valor de 1,5% (um e meio por cento) do lance vencedor, ou R\$ 750,00 (setecentos e cinquenta reais), o que for maior, despesas com escritura pública, imposto de transmissão, foro, taxas, alvarás, certidões, emolumentos cartorários, registrários, etc. Caso o imóvel se encontre ocupado, será vendido no estado em que se encontra, não podendo o ARREMATANTE alegar desconhecimento das condições, características e estado de conservação. A desocupação do imóvel deverá ser providenciada pelo comprador, que assume o risco da ação, bem como todas as custas e despesas, inclusive honorários advocatícios, mediante proposição da competente reintegração na posse, na forma do artigo 30, da Lei nº 9.514/97. O direito de preferência do devedor fiduciante, previsto no §2º do art. 27, da Lei nº 9.514/97 (incluído pela lei nº 13.465/17), deverá ser exercido até a data da realização do segundo leilão, não sendo aceitos lances virtuais para o exercício desse direito. Maiores informações podem ser obtidas no escritório do Leilão, por meio do telefone (75)98822-1482 e e-mail: arthur@nordesteleiloes.com.br. Local do leilão: pelo site: www.nordesteleiloes.com.br, portal eletrônico da NordesteLeilões, situada à Avenida Governador João Duval Carneiro, 101, Olhos D'Água, Feira de Santana/BA, CEP: 44003-401. Devido à pandemia do coronavírus, o evento será realizado apenas na modalidade online, através do endereço eletrônico: www.nordesteleiloes.com.br.

Arthur Ferreira Nunes – LEILOEIRO PÚBLICO OFICIAL – JUCEB05/260040-8



NE alivia crise hídrica do país com as águas do Velho Chico

Torneiras de reservatórios são abertas para garantir água e energia elétrica diante da estiagem registrada no Sudeste

André Borges
Agência Estado

Mesmo castigado pela constante degradação ambiental, por ocupações irregulares de suas margens e por anos sucessivos de seca, o Rio São Francisco sobrevive e, hoje, é um dos principais aliados do país contra a escassez hídrica e no combate ao risco de racionamento de energia.

Neste mês de outubro e em novembro, boa parte da energia que vai alimentar o Brasil e que ajudará a aliviar a situação drástica encara-da nos reservatórios das regiões Sudeste e Centro-Oeste, principalmente na Bacia do Rio Paraná, vai sair das águas do Velho Chico. Seu maior reservatório, o de Sobradinho, na Bahia, que cinco anos atrás agonizava com apenas 3% da água que é capaz de armazenar, hoje está com 38% do volume total. Por isso, a ordem agora é fazer uso de boa parte dessa água e ampliar a vazão rio abaixo.

No início deste mês, a estatal Chesf, da Eletrobras, acatou a determinação do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) para abrir as torneiras do São Francisco. Sobradinho, com seus 4,2 mil quilômetros quadrados, é o maior reservatório do Brasil em área alagada.

Em volume, pode acumular 28 bi-

lhões de metros cúbicos de água, só ficando atrás da capacidade de Serra da Mesa, na Bacia do Rio Tocantins, que tem uma calha mais profunda e chega a armazenar 43,2 bilhões de metros cúbicos de água. Serra da Mesa está com 23% de sua capacidade.

O volume de água que passa pela barragem de Sobradinho foi elevado de 1,3 mil metros cúbicos por

Produção

Com sistema interligado, é possível enviar energia elétrica de uma área a outra, equilibrando abastecimento

segundo para 1,6 mil metros cúbicos por segundo. A tendência é a de que esse volume aumente ao longo de outubro e novembro e chegue a 2,5 mil metros cúbicos por segundo, conforme as necessidades determinadas pelo setor elétrico.

A barragem de Sobradinho funciona como uma “caixa d’água” do Rio São Francisco, porque alimenta

uma sucessão de hidrelétricas instaladas no curso do rio, como as usinas de Luiz Gonzaga, o complexo de Paulo Afonso e de Xingó, a última em operação, até que o São Francisco vá bater no meio do mar.

Assim como fez com Sobradinho, o ONS determinou o aumento de vazão da hidrelétrica de Xingó no mesmo período. Como a geração de energia é distribuída por um sistema de transmissão interligado em todo o país - com exceção de Roraima -, é possível enviar energia de uma área para outra como forma de tentar equilibrar o abastecimento nacional.

Questionado sobre o assunto, o ONS confirmou que, com a elevação da geração nas usinas da bacia do São Francisco, pretende cumprir as medidas previstas pela Câmara de Regras Excepcionais para Gestão Hidroenergética (CREG), grupo ligado ao Ministério de Minas e Energia que tem avaliado o cenário e as ações em relação à crise hídrica e energética.

“Essa medida excepcional se torna viável pela melhor condição de armazenamento nesta bacia em relação à situação da bacia do Rio Paraná e, também, assegura melhores níveis de armazenamento nos reservatórios em outras bacias, como a dos rios Grande e Paraíba”, declarou o ONS.

+ Região vira protagonista

Na prática, é a região Nordeste, portanto, historicamente reconhecida pelas agruras da seca, que tem protagonizado o enfrentamento da pior época sem chuvas dos últimos 91 anos, em especial na bacia do Rio Paraná. “Os recursos energéticos da região Nordeste, no período seco de 2021, têm sido fundamentais até a chegada do período chuvoso”, disse o ONS.

Cinco anos atrás, a agonia do São Francisco atingia um nível mínimo inédito, o que exigiu o desligamento de diversas usinas que dependem de suas águas para funcionar. A navegação também foi afetada, e houve problemas com falta de abastecimento humano.

A situação de calamidade levou à liberação máxima de apenas 700 metros cúbicos de água por segundo, a partir de suas comportas, menos da metade do volume atualmente liberado. Foi a pior situação desde 1979, quando os militares fecharam a barragem no rio para formar o maior lago artificial do Brasil e um dos maiores do mundo.

“No passado, quando a região Nordeste estava com baixos níveis de armazenamento, o Sistema Interligado Nacional possibilitou socorrer a bacia do Rio São Francisco”, declarou o ONS. “Hoje a situação no Nordeste é bem mais favorável, permitindo auxiliar as demais regiões do país.” Além da geração hidrelétrica, o Nordeste tem sido protagonista na geração nacional de energia, com a participação crescente das gerações eólica e fotovoltaica, que têm batido recordes de desempenho.

Rio Paraná

As condições drásticas enfrentadas na bacia do Rio Paraná, onde o transporte fluvial já foi comprometido devido à escassez hídrica, poderão levar à paralisação das hidrelétricas de Três Irmãos (em Pereira Barreto-SP) e de Ilha Solteira (entre Ilha Solteira-SP e Selvíria-MS), as duas maiores da região.

Segundo medição do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), na semana passada, a hidrelétrica de Três Irmãos operava com cota de 320,96 metros. O cenário também é crítico na barragem de Ilha Solteira, que tem como referência de volume útil a cota de 323 metros definida pela Agência Nacional de Águas (ANA).

Esse é o volume mínimo para não interromper o funcionamento da hidrovía Tietê-Paraná. Ocorre que o reservatório já opera bem abaixo disso e chegou ao fim de semana com apenas 319,97 metros. Em caráter de exceção, o ONS está autorizado a manter a operação da usina até chegar à cota de 314 metros.

Mais do que recorrer à geração hidrelétrica de outras regiões para tentar equilibrar o sistema e evitar racionamentos, o setor elétrico tem colocado a toda carga as demais fontes de energia. Em níveis recordes, a geração térmica, produzida a partir de óleo diesel, gás, carvão mineral, biomassa e nuclear - tem respondido diariamente por até 35% da produção diária.

As eólicas também deixaram de ser acessórias para, praticamente, atuarem na base do sistema, suportando cerca de 18% do consumo nacional de energia. Sem os ventos, portanto, é certo que o país já estaria no escuro.

O Rio São Francisco é hoje um dos principais aliados do Brasil contra a escassez hídrica e no combate ao risco de racionamento de energia





Foto: Rafael Ribeiro/Vasco

Silvana Fernandes,
do parataekwondo

Paraibana no top 3 do mundo



Fotos: Reprodução/Instagram

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Atleta do parataekwondo brasileiro, Silvana Fernandes é uma das principais referências desse

esporte na Paraíba, no Brasil, e agora, também em nível internacional. Campeã dos Jogos Parapan-Americanos, realizados em Lima, no Peru, em 2019, disputando na classe K44 - para atletas com am-

putação unilateral do cotovelo até a articulação da mão -, do Para-Pan-Americano do México, neste ano, e medalha de bronze nos Jogos Paralímpicos de Tóquio, ela foi reconhecida com a número 3 do

mundo, no ranking da World Taekwondo (WT). Tudo isso com apenas 22 anos de idade. Agora, a jovem, natural de São Bento, no Sertão da Paraíba e que

só conheceu o parataekwondo em 2018, já está focada nos Jogos Paralímpicos de Paris, em 2024.

Um ano para guardar na memória

Desde que precisou mudar de esporte, conhecendo o parataekwondo, em 2018 - ela competia no lançamento de dardo -, por conta da retirada da sua modalidade no paratletismo, do calendário paralímpico, tudo na vida de Silvana aconteceu muito rápido. Nova modalidade, novos treinadores, mas um mesmo sonho: fazer do esporte um meio de vida, superação de seus limites e conquistas para ela, sua família e a Paraíba, estado que faz questão de carregar, para onde vai.

Depois do adiamento dos Jogos Paralímpicos que deveriam ter ocorrido em 2020, mas que só aconteceram esse ano, por conta da pandemia da covid-19, Silvana precisou reorganizar todo o seu planejamento. Com isso, teve que se mudar da Paraíba por seis meses, indo treinar na capital do Paraná. A partir de lá, elevou o nível de seus treinamentos e partiu para uma temporada de muitas conquistas.

“O ano foi muito desafiador e de muitas conquistas. No começo do ano, me mudei para Curitiba, onde passei seis meses treinando com foco nas Paralimpiadas de Tóquio. Dentro dessa temporada lá no Paraná, ocorreram duas competições de testes importantes. A Ásia Open e o Pan-Americano. Nessas disputas, especialmente o Pan-Americano, onde disputei com a número um do mundo, a dinamarquesa Lisa Gjessing, e venci dela, pudemos comprovar que estávamos no caminho correto.

Nos Jogos Paralímpicos, Silvana estreou lutando contra Brianna Salinaro, dos Estados Unidos. No combate, a paraibana venceu por 15 a 2. Já nas semifinais, ela voltou

a enfrentar Lisa Gjessing. Dessa vez, em uma luta duríssima, ela acabou sendo derrotada por 8 a 6. Assim, teve que ir para a disputa da medalha de bronze. Na luta pelo pódio, ela voltou a mostrar o seu melhor, vencendo com certa tranquilidade, a turca, Gamze Gurdal, por 26 a 9. Resultado que lhe conferiu a sua primeira medalha paralímpica, já aos 22 anos de idade.

“Chegando nos Jogos Paralímpicos, estávamos em um momento muito bom e acabamos enfrentando a dinamarquesa mais uma vez. Cada luta é uma história e nessa ela acabou levando a melhor. Depois disso, precisei viver um momento de resiliência dentro dos Jogos de Tóquio, pois quando perdi a semifinal, ainda havia a repescagem e a chance de buscar o bronze. Quando perdi a semifinal, baixei a cabeça e aceitei a derrota, mas rapidamente levantei por ter ainda essa nova oportunidade. Então fui ainda mais forte e fiz uma grande luta conquistando essa medalha tão importante para o Brasil e a nossa Paraíba”, relembrou.

Tóquio 2020 foi decisivo para que a paratleta paraibana de São Bento chegasse ao Top 3 no parataekwondo nesta temporada



Paratleta projeta Paris 2024

Depois de vivenciar a sua primeira experiência na maior competição do planeta, Silvana agora mira outros passos. Especialmente depois de ter recebido o reconhecimento da WT através do ranking mundial do parataekwondo, na classe K44. Agora, ela projeta brigar para subir dentro do ranqueamento para assim garantir vaga direta para os Jogos de Paris. Na “Cidade Luz”, em 2024, ela espera conquistar mais uma medalha, dessa vez a de ouro.

“Após o resultado dos Jogos de Tóquio, tivemos uma atualização do ranking mundial da minha categoria. Nele, subi para a terceira colocação geral. Como as quatro melhores do ranking mundial já garantem vagas para os Jogos de Paris, nosso foco

agora passa a ser manter e melhorar essa nossa posição. A confirmação do bom momento, através do ranking, mostra que o nosso trabalho está sendo feito da maneira correta. Agora vamos seguir treinando firme e forte, pensando já em Paris. Estamos montando um novo cronograma de treinos que será ainda mais forte para esse novo ciclo paralímpico. Com muito trabalho, vamos buscar em 2024 mais uma medalha, especialmente a de ouro”, afirmou Silvana.

CAMPEÃ NO CORINTHIANS

Katiuscia define comunidade LGBTQ+: 'Autonomia e liberdade'

Ela diz que o futebol feminino se orgulha de usar sua plataforma para combater o preconceito e buscar uma sociedade mais justa

Lateral do Corinthians, símbolo do movimento, lembra da importância e do respeito à diversidade no futebol

Rafael Sant'Ana Ferreira
Agência estado

No dia 26 de setembro, o Corinthians bateu o Palmeiras na Neo Química Arena e sagrou-se tricampeão do Campeonato Brasileiro Feminino. Após a partida, a lateral Katiuscia fez uma homenagem à comunidade LGBTQ+, levando a bandeira arco-íris, símbolo do movimento, para campo e lembrando da importância do respeito à diversidade no futebol.

“É uma luta diária para muitas pessoas. O Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTQ+, estamos aqui para mostrar que a gente está nessa luta juntas. Que a gente ama também, que tem que existir amor e respeito”, disse. Em entrevista ao Estadão, Katiuscia contou um pouco de sua trajetória no futebol e da força desse Corinthians dominante no cenário brasileiro. Também comentou sobre o significado da comunidade LGBTQ+ em sua vida, como o assunto é tratado no vestiário corintiano e pelo clube, e quais ações o futebol feminino pode tomar para continuar sendo influente em questões sociais.

Aos 27 anos, a lateral direita pode dizer que começou tarde no futebol. Sua trajetória teve início em 2012, quando acabou passando em uma peneira no XV de Piracicaba, no in-

Os dois clubes foram importantes no meu desenvolvimento e crescimento como atleta. O XV principalmente por ter trabalhado com o treinador Tchelo, que desde o início confiou no meu potencial e me ajudou muito, taticamente e tecnicamente

terior de São Paulo. A atleta ficou um ano na equipe e, após passar rapidamente por um clube de Botucatu, chegou ao Rio Preto, clube de prestígio no futebol feminino, mas que fechou as portas em 2019.

“Os dois clubes foram importantes no meu desenvolvimento e crescimento como atleta. O XV principalmente por ter trabalhado com o treinador Tchelo, que desde o início confiou no meu potencial e me ajudou muito taticamente e tecnicamente”, relembra Katuscia.

As boas atuações na equipe impressionaram o Santos, que a contratou no início de 2015. Os dois primeiros anos de Katiuscia em sua cidade natal foram de poucas presenças em campo, apenas três. Mas em 2017, as oportunidades começaram a surgir para a lateral. Além de virar titular do Santos, ela foi importante na campanha vencedora do clube no Campeonato Brasileiro. No entanto, não teve seu contrato renovado e voltou para o Rio Preto, onde foi campeã paulista e

eleita melhor lateral direita da competição.

O sucesso no interior fez com que o técnico do Corinthians, Arthur Elias, se interessasse pelo futebol de Katiuscia e a levasse para a capital em 2018. Logo no primeiro ano, a jogadora foi vice-campeã paulista e campeã brasileira pela segunda vez na carreira. Além de estender o vínculo com a equipe ao fim da temporada, a atleta ganhou uma bolsa de estudos meses depois e decidiu cursar Processos Gerenciais.

A parceria com o treinador corintiano motiva a jogadora a continuar vencendo e evoluindo na carreira. “A relação é muito boa, estou na minha quarta temporada com ele, sei que ainda tenho muito a evoluir aqui no Corinthians. Fico feliz de a cada ano que passa ir conquistando a confiança dele, o nível de competição aqui no Corinthians é altíssimo”, afirma.

Respeita as minas

Desde que chegou ao Corinthians, Katiuscia conquistou seis títulos, incluindo a Libertadores Feminina

de 2019 e mais duas taças de Brasileiro, em 2020 e 2021. A lateral explica o motivo de tanto sucesso em campo. “A maior força é o nosso elenco. Queremos sempre mais e acreditamos muito no trabalho da nossa comissão”, diz. O clube paulista tenta ser referência não apenas em campo, como também fora dele.

Recentemente, as equipes masculina e feminina integraram uma campanha conjunta de divulgação do terceiro uniforme para a temporada 2021/22. A camisa, na cor roxa, contém a frase “Respeita as minas” e é uma homenagem às mulheres, que formam 53% da torcida corintiana.

LGBT+

O apoio e tratamento igualitário às mulheres do time faz parte da identidade do clube, e isso inclui a liberdade para falar de temas relacionados à comunidade LGBTQ+. “Sim, eu sinto que nós temos liberdade e o apoio de todos aqui no Corinthians para tratar desse assunto. É um

ponto pacífico entre nós. Inclusive, esse ano, na ocasião do Dia Internacional Contra a LGBTfobia, todas nós entramos em campo com máscaras e pulseiras estampadas com a bandeira da diversidade”, disse.

Questionada sobre o significado da comunidade em sua vida, Katiuscia dá uma simples e clara definição. “Significa autonomia para ser quem você quiser e liberdade para viver com quem desejar. Se não prejudica ninguém, por que ser contra?”, questiona.

O futebol feminino se orgulha de usar sua plataforma para combater o preconceito e buscar uma sociedade mais justa para todos. Quando a atacante do Palmeiras, Chê Santos, fez um comentário homofóbico em seu perfil, as jogadoras não se calaram e protestaram contra a atitude da companheira de profissão. Agir assim, de maneira assertiva, é um dos objetivos das jogadoras que atuam no Brasil.

“Nós, atletas de futebol, temos um público numero-

so de crianças, adolescentes, adultos e idosos. Mas esse público varia não só em idade, como também em outras características sociais. Por isso, o que nós do Corinthians temos feito é tentar contribuir para os debates e o bom desenvolvimento da nossa sociedade”, afirma Katiuscia.

“Nesse caso, em específico, estamos falando em enviar uma mensagem de respeito a orientação sexual de cada um. Mas nós também procuramos atuar em outras frentes. Há poucas semanas, por exemplo, realizamos doações de cestas básicas. Sabemos que, também por conta da pandemia, muitas famílias estão enfrentando dificuldades para garantir a alimentação. É assim, com responsabilidade e empatia, que temos procurado causar algum impacto na sociedade”, concluiu.

Após faturar o Campeonato Brasileiro, o Corinthians se voltou para a disputa do Paulistão Feminino. Invicta, a equipe terminou a primeira fase da competição na liderança, com 31 pontos (10 vitórias e 1 empate). Na semifinal, o adversário é a Ferroviária, atual campeão da Libertadores Feminina e rival da decisão regional do ano passado. O primeiro jogo terminou com vitória do Corinthians por 1 a 0. A volta acontece no dia 31, na Neo Química Arena. Do outro lado, Santos e São Paulo disputam a outra vaga na final.

Katiuscia entrou em campo com bandeira do arco-íris, símbolo da comunidade LGBTQ+, após a vitória sobre o Palmeiras na final do Campeonato Brasileiro



Foto: Marco Galvão/Ag. Corinthians

Jogo decisivo hoje pela Série B

Náutico e Vasco seguem na briga pelo acesso e prometem um confronto dos mais disputados a partir das 16h, nos Aflitos

Da Redação

O Vasco tem a chance de terminar a rodada de número 31 do Campeonato Brasileiro da Série B ainda mais próximo do G4 e para isso precisa manter a boa fase e derrotar o Náutico, hoje a partir das 16 horas, no Estádio dos Aflitos.

Após essa rodada irão faltar apenas sete jogos para se definir os quatro clubes que vão disputar a Série A de 2022. Coritiba e Botafogo estão bem situados com grandes possibilidades de classificação.

O time paranaense tem 97% de chance contra 91% do carioca, dados coletados pelo site infobola. As chances do Vasco hoje chegam a 17%

e do Náutico apenas 6%.

O Náutico, que também está na briga pelo acesso, nunca venceu o cruz-maltino atuando nos Aflitos. Foram sete partidas disputadas, com duas derrotas e cinco empates. Na última vez que se enfrentaram no estádio, as equipes empataram em 1 a 1, em 2012, pela Série A.

Somando todos os confrontos com o “Timbu” sendo o mandante, são 18 jogos, com apenas três vitórias do clube pernambucano. Sete partidas terminaram empatadas e o time alvinegro venceu oito. A última vitória do Náutico foi em 2016, também pela Série B.

À época, a equipe mandava seus jogos na Arena de Pernambuco. Com brilho do

atacante Rony, que marcou dois gols e deu uma assistência, o “Timbu” superou o adversário por 3 a 1.

As outras duas aconteceram no Arruda, onde o clube mandava seus jogos em várias oportunidades há algumas décadas. A primeira foi em 1973, pelo Campeonato Brasileiro, quando o Náutico venceu o Vasco por 2 a 1. O segundo resultado positivo só foi ocorrer em 1986, também pelo Brasileiro. Os alvirrubros venceram por 1 a 0.

O Estádio dos Aflitos ainda traz mais uma lembrança amarga. A derrota pelo placar mais elástico, jogando como mandante, aconteceu justamente na casa dos alvirrubros. Em 2011, pela Copa do Brasil, o Vasco venceu por 3 a

0, com gols de Dedé, Alecsandro e Bernardo.

O outro jogo deste domingo pela Série B é entre Remo e Ponte Preta, às 16 horas, no Baenão, em Belém. As duas equipes estão na parte de baixo da tabela.

Série A

Quatro jogos dão sequência neste domingo à 28ª rodada do Brasileirão da Série A com o líder em campo a partir das 16 horas, no Mineirão. O Galo mineiro recebe o Cuiabá que, no domingo passado, segurou o Flamengo no empate de 1 a 1. O Atlético jogou no meio de semana pela Copa do Brasil e goleou o Fortaleza por 4 a 0, praticamente garantindo vaga na final da competição.

O domingo marca outro

grande clássico nacional com o confronto entre Internacional e Corinthians, também às 16 horas. As duas equipes foram derrotadas na rodada anterior. O time gaúcho perdeu de 1 a 0 para o Palmeiras e o Corinthians, pelo

mesmo placar foi derrotado pelo São Paulo.

Os outros dois jogos de hoje serão Bragantino x São Paulo, às 18h15, no Estádio Nabi Abi Chedid; e Bahia x Chapecoense, na Arena Fonte Nova.



Foto: Rafael Ribeiro/Vasco

JOGOS DE HOJE
BRASILEIRO

Série B

16h

Náutico x Vasco
Remo x Ponte Preta

Série A

16h

Atlético-MG x Cuiabá
Internacional x Corinthians

18h15

Bragantino x São Paulo

20h30

Bahia x Chapecoense

■ Segunda-feira

Série A

20h

Atlético-GO x Grêmio

21h30

Palmeiras x Sport-PE

Na rodada passada, o Vasco da Gama enfrentou o Coritiba, em São Januário, e conseguiu uma importante vitória diante do líder do campeonato por 2 a 1

Arrascaeta

Jogador tranquiliza torcedores com evolução nos treinamentos

Agência Estado

Em reta decisiva e ciente das dificuldades causadas por ausências, o Flamengo tenta correr contra o tempo para recuperar Arrascaeta. O meia uruguaio é o titular com situação mais delicada entre todos do departamento médico. Ainda sem uma previsão definida de retorno, o camisa 14 utilizou as redes sociais para tranquilizar e mostrar evolução aos torcedores rubro-negros.

Arrascaeta utilizou a sua conta pessoal no Instagram para publicar uma foto com Mario Galbi Peixoto, fisioterapeuta do clube rubro-negro, e escreveu: "Passo a passo com o fera". O Flamengo também compartilhou um vídeo da evolução do uruguaio nas redes sociais.

Diagnosticados pra-

ticamente no mesmo período, Arrascaeta e Bruno Henrique vivem momentos bem distintos no processo de evolução. A lesão do atacante é de grau 1, enquanto que do meia é 2. Bruno Henrique retornou às atividades em campo, ainda de maneira separada, mas é a grande esperança de retorno mais breve.

O meia está sendo preparado para o jogo do dia 30 contra o Atlético Mineiro, já que a sua participação no segundo jogo diante do Athletico-PR, pela Copa do Brasil, está totalmente descartada.

Mesmo assim, o departamento médico do clube segue muito cauteloso e só vai oficializar o retorno após a transição para o campo, o que deve ocorrer nos próximos dias. Arrascaeta se machucou jogando pela seleção uruguaia.



Foto: Alexandre Vidal/Flamengo

Arrascaeta segue treinando a parte física e esta semana deve fazer a transição para o campo

AVISO DE VENDA

A CAIXA ECONÔMICA FEDERAL - CAIXA, por meio da CN Manutenção de Bens, torna público aos interessados que venderá, pela maior oferta, respeitado o preço mínimo de venda, constante do anexo II, deste Edital, no estado físico e de ocupação em que se encontra(m), imóvel (is) recebido (s) em garantia, nos contratos inadimplentes de Alienação Fiduciária, de propriedade da CAIXA.

O Edital de Leilão Público - Condições Básicas, do qual é parte integrante o presente aviso de Venda, estará à disposição dos interessados, 31/10/2021 até 09/11/2021, no primeiro leilão, e de 16/11/2021 até 25/11/2021, no segundo leilão, em horário bancário, nas Agências da CAIXA nos estados de AL, BA, CE, DF, ES, GO, MA, MG, MS, MT, PA, PB, PE, PR, RJ, RN, RO, RS e SC e no escritório da leilão, Sr. Antonio Brasil II, no endereço abaixo:

Rodovia BR 153, KM 17, DAIAG - Aparecida de Goiânia/GO, CEP: 74993-405, (62) 3250-1500/ 99679-7104 no horário de segunda a sexta-feira, das 08:30 às 12:00hs e das 13:30hs às 17:30hs (Site: www.leiloesbrasil.com.br)

(O Edital estará disponível também no site: www.caixa.gov.br/ximoveis)

O 1º Leilão realizar-se-á no dia 10/11/2021, às 15:00 horas(horário de Brasília), e os lotes remanescentes, serão ofertados no 2º Leilão no dia 26/11/2021, às 15:00 horas(horário de Brasília), ambos exclusivamente no site do leilão, no endereço www.leiloesbrasil.com.br

COMISSÃO PERMANENTE DE LICITAÇÃO - CN MANUTENÇÃO DE BENS

REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

COMARCA DE CABEDELO

SERVIÇO NOTARIAL E REGISTRAL DE LUCENA/PB

Patrícia Cavicchioli Netto, Tabelã e Oficial de Registro

Rua Américo Falcão, 931, Centro, Lucena/PB - CEP: 58.315-000

E-mail: cartorio@lucena2021@gmail.com

Fone: 83 993132202

Edital do **LOTEAMENTO ENSEADA DOS COQUEIRAS**, localizada na área de terras denominada São Bento A4, situada à PB-008, em Ponta de Lucena, Estado da Paraíba, de propriedade de **FALCÃO ENGENHARIA CONSTRUTORA E INCORPORADORA LTDA**, CNPJ nº 13.076.046/0001-36.

PATRICIA CAVICCHIOLI NETTO, Oficial do Registro de Imóveis deste Serviço Notarial e Registral de Lucena, da Comarca de Cabedelo, Estado da Paraíba de acordo com o que estatui a Lei nº 6.766 de, 19 de dezembro de 1979, torna pública, para conhecimento de quem interessar possa, que foram depositados neste Cartório de Registro de Imóveis, sediada na Rua Américo Falcão, 931, Centro, Lucena-PB, CEP 58.315-000, provisoriamente instalado na Rua Américo Falcão, 1087, Centro, Lucena-PB, CEP 58.315-000, fone 83 993132202 (protocolo nº 9226, datado de 14/10/2021), pela **FALCÃO ENGENHARIA CONSTRUTORA E INCORPORADORA LTDA**, CNPJ nº 13.076.046/0001-36, registrada na Junta Comercial do Estado da Paraíba sob NIRE nº 25200539958, em 06/01/2011, com sede na Rua João Cândido, nº 655, Sala 101, bairro Manairá, na cidade de João Pessoa-PB, representada por seu sócio administrador na qualidade de beneficiário final, o Sr. **Jefferson Rodrigues Sampaio Júnior**, brasileiro, engenheiro civil, RG nº 1.136.394 SSP/PB, CPF nº 552.651.114-68, natural de João Pessoa/PB, nascido em 13/07/1967, filho de Jefferson Rodrigues Sampaio e Carmelita Falcão Sampaio, casado sob o regime da comunhão parcial de bens com Rafaela Cavalcanti de Andrade Sampaio (conforme certidão de casamento religioso com efeito civil expedida pelo Primeiro Registro Civil de Nascimentos e Óbitos e Privativa de Casamentos, Interdições e Tutelas da Comarca de João Pessoa-PB, onde consta o registro no Livro Baux 047, às folhas 193, sob o nº 15.693, em data de 05/06/2001), residentes e domiciliados à Rodovia BR-230, km-10, Quadra-19, Lote-233, Bairro Amazônia Park, CEP nº 58.104-402, em Cabedelo-PB, **Planta Memorial, e demais documentos**, referente ao **LOTEAMENTO ENSEADA DOS COQUEIRAS**, localizada na área de terras denominada São Bento A4, situada à PB-008, em Ponta de Lucena, Estado da Paraíba, com área total de **49.411,75 m²**. O mesmo é constituído de 157 (cento e cinquenta e sete) lotes, distribuídos em 10 (dez) quadras: A, B, C, D, E, F, G, H, I e J, destinadas exclusivamente a fins residenciais e área total dos lotes com 31.940,00 m², e, ainda, passará ao domínio do Município, no ato do registro em cartório, a **Área Verde** com 6.312,95 m², área destinada a

VÁLID EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL, IGUALMENTE AAR TITULAÇÃO DA RAÍZUA INVULSA ESTE DOCUMENTO

Nº 207683 C

Equipamentos Comunitários, com 1.240,00 m², e as Vias Públicas com área de 9.918,80 m², o que representa um percentual de 35,36% da área total loteada, objeto da matrícula nº **2.172**, do Livro nº 2, de Registro Geral, deste Registro de Imóveis do Município de Lucena, Comarca de Cabedelo, Estado da Paraíba, com as seguintes características: "Uma área de terras denominada São Bento - A4, com uma área de 49.411,75 m², situada na PB-008, em Ponta de Lucena, nesta cidade de Lucena-PB, com as seguintes características e confrontações: ao Norte, medindo 656,63 metros, com terras de Lucena Empreendimentos; ao Sul, medindo 479,65 metros, onde deflete a esquerda com um ângulo de 76° e segue com uma extensão de 24,17 metros, onde deflete a direita com um ângulo de 77° e segue com uma extensão de 145,56 metros com terras dos herdeiros de Julieta Falcão Feltoza; ao Leste, medindo 77,55 metros com área de terra denominada São Bento - A5 e ao Oeste medindo 80,50 metros, com a área de terra denominada São Bento - A3. Todo aquele que se julgar capaz ou com direitos sobre o imóvel loteado ou tenha justas razões para oferecer impugnação ao LOTEAMENTO, deverá fazê-lo dentro do prazo de 15 (quinze) dias, contados da última publicação deste EDITAL, findo o qual, não havendo reclamação ou impugnação, será o loteamento registrado.

Lucena/PB, 21 de outubro de 2021.

PATRICIA CAVICCHIOLI NETTO
Oficial de Registro de Imóveis



Foto: Reprodução/Instagram

Campeão paraibano, o Confiança está garantido e terá como adversários CRB e Náutico, além do vencedor de Botafogo e Santa Cruz

COPA DO NORDESTE SUB-20

Confiança na fase de grupos e Belo ainda busca sua vaga

Botafogo joga no próximo dia 6 contra o Santa Cruz, no Arruda, para definir o quarto integrante do Grupo D

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

A Copa do Nordeste Sub 20 terá início no próximo dia seis de novembro, e a Paraíba será representada pelo Confiança de Sapé e o Botafogo. Por ter sido o campeão estadual, o Bicho Papão entrará logo na fase de grupos, já o Belo, que foi escolhido pelo Ranking Nacional de Clubes, terá de participar da fase preliminar da competição. O time da estrela vermelha disputará uma vaga com o Santa Cruz de Recife, no próximo dia 6, às 15 horas, no Estádio do Arruda, na capital pernambucana.

O vencedor de Santa Cruz e Botafogo (Grupo B) fará parte do grupo D da competição, que já tem garantido o CRB-AL, Náutico-PE e Confiança-PB. Na primeira rodada do grupo, o Náutico receberá o CRB, em Recife, e o Botafogo, ou Santa Cruz, jogará em casa contra o Confiança. O local e o horário das partidas ainda não foram divulgados pela CBF.

A outra partida da fase preliminar será entre o Sampaio Corrêa-MA e América-RN (Grupo A), também no dia seis, às 15 horas, no Estádio Nhozinho Santos, em São Luís. O vencedor deste confronto vai integrar o grupo E, ao lado Sport-PE, ABC-RN e Floresta-CE. O grupo C é formado por Boca Juniors-SE, Jaciobá-AL, Vitória-BA e Bahia-BA. Já no grupo F estão Fortaleza-CE, Ceará-CE, Liga Médici-MA e Fluminense-PI. Na primeira rodada, o ABC enfrenta o Sport, em Natal e o Floresta recebe o Sampaio Corrêa ou América.

De acordo com o regulamento da Copa do Nordeste Sub-20 de 2021, os jogos da segunda fase serão disputados entre as equipes de um mesmo grupo, em sistema apenas de ida e os locais serão definidos através de sorteio, com cada equipe disputando dois jogos em casa e dois jogos fora. Esta fase irá de 13 de novembro a sete de dezembro. Apenas os primeiros colocados de cada grupo se classificam para a fase seguinte, as semifinais,

que também serão disputadas em jogo único, na casa do clube de melhor campanha. As partidas das semifinais estão programadas para o dia 11 de dezembro. Os vencedores disputarão a grande final, também em jogo único, no dia 18 de dezembro, em local e hora ainda não definidos. Nas semifinais e na final, terá de haver um vencedor do tempo normal e em caso de empate, a vaga será decidida na cobrança de pênaltis.

Na Copa do Nordeste Sub-20 do ano passado, o Náutico foi o campeão, ao vencer o Fortaleza por 5 a 1, na final. A Paraíba foi representada pela Perilima, que fez uma grande campanha, chegando às semifinais, quando empatou em 1 a 1 com o Fortaleza e perdeu nos pênaltis por 4 a 3.

Confiança
O Confiança, atual campeão paraibano, sofreu al-

gumas alterações após o estadual e ficou ainda mais forte para disputar a Copa do Nordeste. O time será dirigido pelo técnico César Wellington e o presidente do clube, Wilson Nascimento, está confiante em uma grande campanha.

“O time do Campeonato Paraibano para cá sofreu algumas mudanças. Alguns atletas deixaram o clube e outros chegaram. Trouxemos jogadores de vários es-

tados. O grupo está focado e treinando muito para representar bem o Estado. Fomos surpreendidos um pouco pelo regulamento, já que apenas uma equipe se classifica por grupo, mas estamos preparados. Sabemos que vamos enfrentar grandes equipes do cenário nordestino, mas vamos em busca da classificação e fazer uma campanha tão boa quanto a que fizemos no Campeonato Paraibano”, disse o dirigente.

SISTEMA DE DISPUTA			
A COPA será disputado em 4 (quatro) fases:			
• 1ª Fase (Preliminar): participam os 4 (quatro) últimos colocados oriundos do Critério 2 de participação (RNC 2021) – 4 (quatro) clubes distribuídos de forma regionalizada em 2 (dois) grupos de 2 (dois) clubes cada – jogo único;			
• 2ª Fase (Fase de Grupos): 16 (dezesseis) clubes distribuídos de forma regionalizada em 4 (quatro) grupos de 4 (quatro) clubes cada – Jogos em ida e volta dentro do grupo;			
• 3ª Fase (Semifinal): 4 (quatro) clubes distribuídos em 2 (dois) grupos de 2 (dois) clubes cada – jogo único;			
• 4ª Fase (Final): 2 (dois) clubes em 1 (um) grupo – jogo único.			
COMPOSIÇÃO DOS GRUPOS			
GRUPO C	GRUPO D	GRUPO E	GRUPO F
Bahia/BA	CRB/AL	ABC/RN	Ceará/CE
Jacioba/AL	Confiança/SE	Floresta/CE	Fluminense/PI
Vitória/BA	Náutico/PE	Sport/PE	Fortaleza/CE
Boca Juniors/SE	Vencedor do Grupo B	Vencedor do Grupo A	Liga Medici/MA

Fonte: CBF

Cagepa vai patrocinar times paraibanos no Brasileiro

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

A Companhia de Água e Esgotos da Paraíba - Cagepa -, lançou uma chamada pública com edital para patrocinar clubes de futebol da Paraíba. O edital prevê recursos de R\$ 500 mil e R\$ 250 mil para as equipes que tenham disputado as Série C e D do Campeonato Brasileiro, em 2021, respectivamente. Assim, o Botafogo da Paraíba, Campinense, Sousa e Treze podem ser contemplados. Os recursos devem ser pagos em 2022, em parcelas únicas. O edital já está disponível no site da companhia

A proposta da Cagepa é que os clubes exponham a

logomarca da companhia em seus materiais de divulgação e padrão de jogos. O documento também prevê um plano de trabalho. Este, deverá ser acordado entre as agremiações e a comissão estabelecida pela empresa estatal para o julgamento das propostas. Por fim, entre as propostas previstas na parceria, filhos de funcionário da companhia poderão ter acesso livre às escolinhas de futebol dos clubes.

Como único representante da Paraíba na Série C de 2021, o Botafogo tem a possibilidade de ser o maior contemplado, nessa primeira edição do patrocínio. Isso ocorre, pois o temporada que vale como parâmetro para a chamada pública, será a atual.

Assim, mesmo o Campinense tendo já se garantido na terceira divisão de 2022, só poderá receber a cota referente à sua participação na Série D deste ano. Mesmo valor que Treze e Sousa podem ter acesso, por também terem jogado a quarta divisão. Contudo, conforme revelou fonte da empresa, há perspectiva de continuidade do programa para as próximas temporadas.

O presidente do Campinense, Phelipe Cordeiro, informou que ainda não teve a possibilidade de analisar o edital em sua íntegra. No entanto, confirmou que após a conferência das condições, o clube irá buscar esse recurso disponibilizado pela Cagepa.

“Ainda não tivemos a

oportunidade de analisar o edital. No entanto, tudo aquilo que for viável e estiver à disposição para o bem do clube, nós iremos buscar. Vamos ainda analisar o edital juntos com meus pares de diretoria.. Contudo, pelo que já tivemos acesso, acredito que será positivo e, sendo assim, com certeza iremos buscar estabelecer essa parceria”, comentou Phelipe Cordeiro.

Já Alexandre Cavalcanti, presidente do Botafogo, também afirmou não ter tido tempo hábil para realizar a análise do edital lançado pela Cagepa. Contudo, afirmou que a possibilidade da parceria chega em boa hora e pode colaborar com a organização financeira do clube.



Foto: Nadya Araújo/Botafogo

O Botafogo será um dos times beneficiados com a iniciativa da Cagepa

Memorial Zé de Moura

Museu é um marco do misticismo, da religiosidade, da cultura e das artes de uma população que vive no Alto Sertão paraibano

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Antes de se tornar um município, as terras de Poço de José de Moura, que fica no Alto Sertão da Paraíba, a 540 quilômetros de João Pessoa, pertenciam a uma mulher chamada Tomásia de Aquino, uma solteirona que morava na cidade de Icó, no Ceará, e era proprietária da margem direita da cidade. Ela mandou um vaqueiro até lá com o seu rebanho em busca de água – a seca castigava à época – e, naquelas terras, ele encontrou um oásis, havia água por lá. Por isso, inicialmente, o lugar foi chamado de Poço. O vaqueiro era o tataravô de Zé de Moura e o ano era 1824.

Além da criação de gado, a agricultura começou a se expandir naquela área, e foi nesse contexto que Zé de Moura nasceu, em 13 de outubro de 1888. Foi ele o fundador da cidade que ganhou seu nome. “Zé de Moura tinha um lado místico, de oração, e as pessoas sempre iam lhe procurar para pedir conselhos e curas. “Era vidente, um João de Deus do bem”, observou o mestre José Vandervan, sobrinho em segundo grau de Zé de Moura.

“O povo dizia: vamos para o Poço de Zé de Moura. E foi assim que o local ficou conhecido com esse nome. Era uma pessoa inteligente e não cobrava nada, mas o povo era generoso. E ele investia tudo na comunidade”, contou. Entre seus feitos estão a construção da igreja e de casas para a comunidade. “Chegava um e dizia: seu Zé, eu não tenho um trabalho. E ele perguntava: o que você faz? Eu faço tijolo. Então, vá para o Poço que eu tenho serviço, vai fazer tijolos. Ele fazia uma economia sustentável, e todo dinheiro que recebia era usado dentro da comunidade”, relatou José Vandervan.

Místico e vidente, Zé de Moura foi o fundador da cidade que ganhou o seu nome: Poço de José de Moura

Além das rezas e conselhos à população, Zé de Moura gostava da música e da cultura, incentivou atividades culturais, especialmente com o Grupo de Reisado, que, mesmo após a sua morte, ainda resiste, sob a coordenação de Vandervan. Naquela época, o único detalhe é que no grupo não podia entrar mulher e, para fazer esse papel, um homem se vestia com roupas femininas.

Tinha também banda de música. Nas festas do padroeiro, ele mandava buscar músicos no Crato (CE), de caminhão. Mas os custos eram muito altos e ele resolveu chamar um maestro, formando uma banda. Hoje, a banda de música tem mais de 60 anos. “Herdei a patente de mestre de Reisado, que veio de meu pai, que já tinha herdado dele”, disse Vandervan. Por lá, a tradição se mantém viva.

Sobre as origens de Zé de Moura, o sobrinho comentou que, pela cor, os traços e a roupa que vestia, Zé de Moura era um negro, mas não se sabe se era filho de escravos. “Ele gostava de vestir uma roupa preta listrada, a calça preta arregaçada. Dizem que a mãe dele era uma senhora morena, criada na casa dos patrões, e que era negra”, relatou José Vandervan.

Histórias de assombrança

Muitos causos e histórias são contados no município de Poço de José de Moura. Entre elas, a procissão que sai do cemitério à meia-noite e segue pelas ruas da cidade é uma das mais assustadoras. Por lá, muitos evitam sair de casa nesse horário para não cruzar com o cortejo.

É não é só a procissão que arrepiava os cabelos dos moradores. A casa mal-assombrada, ao lado da igreja, também deixa a população assustada. Por lá, segundo reza a lenda, é possível ouvir barulhos durante a noite e ninguém sabe o que é. Pois bem, para quem acredita em histórias de assombrança, a cidade é repleta de misticismo que vem desde a sua fundação.

“Na casa ao lado da igreja, às vezes, aparece assombrança. Parece com um cachorro bebendo água, e esse cachorro nunca termina de beber água”, contou José Vandervan. “Tem ainda um corredor onde todo mundo que passa geralmente cai, de moto principalmente. São acidentes pequenos, mas dizem que é o diabo que fica derrubando quem passa lá, para dar gaitada”, afirmou.



Fotos: José Eduardo/Divulgação

Objetos que pertenciam ao fundador da cidade são preservados e atraem turistas e estudantes de escolas da região



Além de rezas e conselhos à população, Zé de Moura gostava da música e da cultura, e incentivou o Grupo de Reisado da cidade, que ainda é mantido até hoje



Na época de Zé de Moura, mulher não podia participar do Grupo de Reisado e, para fazer esse papel, um homem se vestia com roupas femininas

+ Doença, morte e legado de Zé de Moura

Quando ficou doente, com um câncer na garganta, em 1964, Zé de Moura foi para a casa de parentes em Campina Grande. “Naquele tempo, as pessoas tinham medo da doença. Ele foi procurar um médico lá e, antes de descobrir a doença, o médico disse que ele tinha que arrancar os dentes. Ao procurar o dentista, Zé de Moura informou que a recomendação era que extraísse todos. E o dentista explicou que não poderia fazer aquilo porque havia o risco de uma hemorragia.

“E eu não estou mandando?”, teria dito Zé de Moura. “E quem é o senhor”, perguntou o dentista. “Eu sou Zé de Moura, lá do Sertão”. E o dentista: “É aquele velho lá do Sertão? Pois não quero mais



Foto: José Vandervan

Quando morreu, em 1966, o dinheiro de Zé de Moura só deu para o caixão

arrancar dente seu”. Pegou, fechou e foi embora, com medo”, contou Vandervan. Zé de Moura morreu no dia 15 de julho de 1966, aos 78 anos de idade.

Para o sobrinho, o legado deixado por Zé de Moura é o respeito que ele tinha pela cidade e isso fica provado em sua forma de administrar. “Ele poderia ter ficado rico com o dinheiro que recebia do povo, mas investia dentro da cidade. Então, seu legado é de honestidade, de respeito, de cuidado com o outro”, resumiu.

Quando ele morreu, o dinheiro que tinha só deu para comprar o caixão, embora fosse costume na época enterrar numa rede, porque a maioria não tinha condição de comprar a urna funerária.

Local de visitas, de turismo e para pesquisas

Como forma de preservar os objetos que pertenceram ao fundador da cidade, foi criado em 2006 o Memorial Zé de Moura, que funciona até hoje. O local recebe visitas de turistas e de escolas que pedem para levar seus alunos e fazer pesquisas. No prédio tem de tudo um pouco e os itens, que pertenceram a Zé de Moura, contam a história dele que se confunde com a da cidade. São mais de 200 objetos espalhados num espaço de mais de 100 metros quadrados.

No Memorial, há fotos, escritos, objetos da casa dele, do contexto em que viveu, da comunidade também. O conjunto forma uma espécie de museu, um acervo cultural dele e da comunidade. Três funcionários são os responsáveis pela recepção e manutenção do espaço.

Entre os objetos mais curiosos que compõem o acervo está o breve, uma espécie de amuleto que pertenceu à avó de Zé de Moura. O breve era um artefato usado pelas parteiras durante o parto. Passou da avó para a mãe dele, para as irmãs, para as tias e chegou às mãos de Vandervan, coordenador do Memorial. O amuleto é um pedaço de tecido marrom e uma oração escrita em latim. É o objeto mais antigo, uma espécie de relíquia.

A Prefeitura de Poço de José de Moura tem um projeto para reformar e ampliar o Memorial Zé de Moura. O projeto está entre as 29 proposições apresentadas recentemente e que concorrem na busca de recursos do Fundo de Direitos Difusos da Paraíba (FDD-PB), financiados pelo Ministério Público da Paraíba (MPPB).

“Estamos na expectativa do projeto sair para ampliar o espaço e também fazer algumas melhorias, porque nunca houve uma reforma. Na reforma, está incluído um local para a banda ensaiar”, disse José Vandervan. O Memorial é mantido pela prefeitura.

A secretária da Cultura da cidade, Cíntia Mayara Linhares de Oliveira, disse que o recurso ainda não chegou, mas a prefeitura está aguardando a qualquer momento. Enquanto isso, o local permanece em funcionamento, com todos os cuidados estabelecidos pelo Ministério da Saúde devido à pandemia do novo coronavírus, que provoca a covid-19.

Ela destacou que o Memorial tem uma imensa importância para a cidade porque é onde está arquivada a história do lugar, do fundador Zé de Moura, e se tornou, inclusive, um ponto turístico. “Como Secretária da Cultura, tentamos zelar os objetos que lá são guardados. É algo muito bonito, que vem passando de geração a geração”, comentou. O Memorial é aberto de segunda a sexta-feira, das 7h às 12h e das 13h às 17h. Nos finais de semana, só quando há algum evento especial. A entrada é gratuita.



Prédio do Memorial Zé de Moura é mantido pela prefeitura e o acesso é gratuito

Albertina Correia Lima

Atuação voltada aos ideais de liberdade da mulher

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

A jornalista, educadora, filantropa e escritora Albertina Correia Lima nasceu na então Cidade da Parahyba do Norte – a João Pessoa atual – em 1889. Poucos meses antes, o Brasil havia defenestrado o regime monárquico absolutista que vigorava nos principais países do mundo e adotara a República, que se tornaria coronelista e corrupta.

Ela não herdou os ditames de nenhum dos dois sistemas de governo e, pelo seu modo diferente de agir, procurou um lugar digno para a mulher na sociedade, abolindo a deturpada e machista tradição, que afirmava ser o lugar delas atrás do fogão e no cabo de uma vassoura.

Morreu em João Pessoa, no dia 18 de março de 1975, sem atingir, em parte, o ideal que perseguiu por toda a vida. Coincidentemente no governo do presidente Ernesto Geisel, cujos decretos e leis não compartilhavam com os sonhos de liberdade almejados por Albertina. Geisel cassou onze parlamentares, fechou o Congresso Nacional por duas semanas, criou a Lei Falcão, que impedia os candidatos a cargos políticos de falarem na tevê e criou a figura do senador biônico (eleito sem votos, apenas por indicação do presidente).

Em 1970, aos 81 anos, também constatou que o seu almejado direito da mulher foi totalmente desrespeitado pelo presidente Médici, que consentiu na prisão e tortura da então guerrilheira e futura presidente do Brasil Dilma Rousseff (PT), severamente perseguida e punida pelo governo militar ditatorial.

Ainda lá atrás, no conturbado regime da Velha República brasileira, Albertina optou por seguir o que intuitivamente lhe indicava os sentimentos: a trilha de um espírito voltado para os ideais de liberdade – principalmente da mulher –, que continham itens estratégicos para a vida decente de qualquer cidadão, como os direitos iguais para ricos e pobres, a educação, a filantropia e a integridade da família. Por isso foi inovadora em criar ideias e projetos, onde a mulher – antes tabu nesses ideais machistas eivados de discriminação –, tivesse um papel de liderança e destaque, especialmente na política.

Segundo ela, “o voto político representava para a mulher o troféu glorioso de uma luta que remonta ao início da existência humana. E se trata de uma conquista pelos louros da justiça, do mérito e da verdade, contra a violência, o egoísmo e as convenções” (registrado na página 10 de A União, em artigo publicado por ela no dia 22 de fevereiro de 1922).

Filha do advogado e deputado estadual Lindolfo José Correia Lima e de Maria Correia Lima, Albertina tinha, como avós paternos, Lindolfo José Correia das Neves (que paralelamente atuava como professor, advogado, deputado provincial e geral) e Joana Desidéria Gomes. Os avós maternos eram João da Mata Correia Lima, famoso por ter sido governador da Paraíba, no minúsculo período de janeiro a outubro de 1877. João da Mata, cuja esposa era Gertrudes Paiva Lima, também foi juiz e deputado provincial.



Jornalista, educadora e filantropa, a paraibana defendia direitos iguais para ricos e pobres, a educação e a integridade da família

Ilustração: Tônio

A família, a carreira e o legado da educadora que escrevia em A União

Os irmãos de Albertina eram João da Mata Correia Lima, Álvaro Correia Lima, Otávio Correia Lima, Beatriz Correia Lima, Corina Correia Lima e Carmem Correia Lima. Albertina formou-se na Escola Normal e, em seguida, passou a lecionar na mesma instituição e no Liceu Paraibano, em João Pessoa. Passou a escrever para jornais de circulação regional, como **A União**, e nacional, como o *Correio da Manhã* e *O Jornal*.

Formou-se em Direito aos 42 anos, no ano de 1931, pela Faculdade de Direito de Recife – Paraíba ainda não possuía curso superior. Foi, a partir daí, uma jornalista, educadora, advogada e escritora. Com seu conhecimento sobre a Constituição Nacional, adquirida na faculdade, passou a lutar pelo voto feminino e pela entrada de mulheres na Câmara Legislativa da Paraíba. A imprensa foi o principal meio encontrado para difundir as reivindicações feministas em seu tempo.

Quando a Associação Paraibana pelo Progresso Feminino (APPF) foi fundada em 1933, Albertina participou da primeira direção como oradora. Além disso, escreveu para a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), foi membro da Associação Paraibana de Imprensa (API) e ajudou o desembargador Heráclito Cavalcante Carneiro Monteiro a fundar, em 2 de abril de 1922, o Orfanato Dom Ulrico, em João Pessoa, cujo prédio hoje abriga a escola do Sesc/Senac. Segundo seus biógrafos, “nessa obra ela representava a conscientização de alguns setores da sociedade civil, para a arrecadação de donativos estratégicos, necessários à construção do prédio”.

O legado deixado pela educadora e es-



Foto: Wallis Santos

Albertina Correia Lima ajudou o desembargador Heráclito Cavalcante Carneiro Monteiro a fundar, em 1922, o Orfanato Dom Ulrico, em João Pessoa, que hoje abriga uma escola

critora Albertina Correia Lima pode ser con-

ferido nos artigos que escreveu nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, onde ingressou em abril de 1938. Outro fato a merecer destaque é a participação da mulher no IHGP, todas elas ex-alunas da Escola Normal, a exemplo de Eudésia Vieira, Lylia Guedes, Albertina Correia Lima, Analice

Caldas, Olivina Olívia Carneiro da Cunha e Alice de Azevedo.

Ela também publicou outros escritos: ‘Georgina, a Estrutura da Terra’, em 1922; ‘A Mulher e seus Direitos em Face da Nossa Legislação’, em 1933; ‘João da Mata (biografia)’ e outros. A biografia de João da Mata foi escrita pela educadora

como forma de homenageá-lo, devido a sua atuação na política paraibana como deputado estadual, professor do Liceu Paraibano e por sua dedicação à profissão de advogado, mas não só por esses atributos, mas por ter sido um irmão dedicado à família, segundo pesquisa do escritor e jornalista Gilson Souto Maior.

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

O Estadão encolhe, o jornalismo impresso resiste

O jornal O Estado de São Paulo encolheu. Saiu do tradicional formato standard para o berliner, que tem centímetros a menos. A mudança chegou aos leitores no domingo passado, 17. Mais do que uma simples alteração no tamanho do papel, a medida adotada pelo Estadão revela que o jornalismo resiste. Além disso, evidencia vontade de inovar, em busca de leitores mais jovens, e de continuar investindo na plataforma impressa.

A decisão de aderir ao novo formato, claro, é reflexo da crise no modelo de negócio do jornalismo, em especial o impresso. Crise, aliás, que já sepultou vários veículos de papel Brasil afora, inclusive o Jornal da Paraíba, em 2016, e o Correio da Paraíba, em 2020 (ambos de João Pessoa). Em relação ao Estadão, a escolha pelo formato berliner também remete à própria história do veículo, que havia adotado esse modelo de jornal em edições noturna e vespertina nas duas Guerras Mundiais. Em tempo: o jornal standard tem o formato de 60 cm por 75 cm; já o berliner, 31,5 cm por 47 cm.

Navegando por uma rede social, assisti a um vídeo recente feito na gráfica do jornal O Estado de São Paulo e me emocionei. Juntos, vários jornalistas

aguardavam os primeiros exemplares do Estadão no novo formato. Antes, ainda na noite de sábado, um sino tocou na redação quando as últimas 116 páginas do veículo seguiram para a gráfica. Houve comemorações.

Vi também outros vídeos e me deu um calorzinho no coração. Num deles, um funcionário mais antigo mostrava ao fotógrafo Bruno Nogueirão como fazer a “prova” do jornal para saber se as cores estavam indo da forma correta para a impressora. Fiquei emocionada de novo, admito.

Só quem já trabalhou em jornal impresso sabe a magia que essa plataforma ainda guarda. Sabe o mundo de gente, além de fotógrafos, editores e repórteres, que se envolve no processo produtivo. Sabe quantas pessoas seriam demitidas se mais um veículo de comunicação fechasse.

Fazer investimentos em tempos de pandemia exige ousadia. Mas a mudança empreendida pelo Estadão não se deu em 15 ou 30 dias. Implicou praticamente um ano de trabalho, pesquisas com leitor, novo projeto gráfico. Pelas sondagens, conforme li em reportagem publicada pelo veículo, os assinantes simpatisavam com o formato berliner,

que é um modelo germânico, mas havia ainda a dúvida: será que a redução vai agradar mesmo?

No domingo, vários leitores foram às bancas em São Paulo para conferir o novo jornal. Alguns ligaram para a redação reclamando do tamanho da fonte de seções que (eu bem sei) parte do público leitor considera essencial: palavras-cruzadas e sudoku. As letras e os números ficaram muito pequenos, reclamaram. Mas o jornal se prontificou a corrigir a falha no próprio domingo, segundo registra matéria publicada em seu site às 22h40. Também no domingo,

na avenida que leva meu nome, a banca Buenos Aires informou ao veículo que não havia dado conta da demanda, e vários leitores fo-

ram embora sem levar o jornal para casa.

Estou torcendo muito para que o Estadão no formato berliner dê certo (ainda que eu tenha várias reservas quanto a editoriais no estilo “uma escolha muito difícil”). Só o tempo, no entanto, dirá se o encolhimento no formato do jornal não afetará a qualidade do conteúdo para o leitor. Ah, poderemos dizer: “Estadão” não se refere a tamanho; “Estadão” é um estado de espírito.



Foto: Reprodução

Tocando em frente

Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

The Platters

Quando, nos anos 1957/1958, por aqui, como quase que pelo resto do mundo, foi exibido um “furação” chamado de ‘Around the Clock’ (‘Ao Balanço das Horas’), surgia nos cinemas uma nova categoria de plateia, com domínio da juventude, que criava dois tipos de comportamento: os mais exaltados que, ao som do rock ‘n’ roll, se esbaldavam na dança do novo ritmo, e os – digamos – mais calmos que ficavam atentos ao som das baladas, em uníssonas e belas interpretações dos The Platters. Eu, ainda tímido e recatado, acostumado aos cantos da Schola Cantorum do Seminário Arquidiocesano e ao Coral do Colégio Pio X, ficava, em atitude oposta, boquiaberto, a admirar o quinteto norte-americano com tanta uniformidade melódica.

Amesma admiração, beirando o fanatismo, que depois me dominou quando advieram os Beatles ou mesmo o ABBA, tomava conta de mim a partir de ver nas telas e ouvir nos meus LPs o quinteto norte-americano, The Platters. Tanto que já me não lembro mais de quantas vezes vi o filme nas telonas, o que continuei a fazer, de tempos em tempos, na cópia moderna do meu blu ray. Em assim sendo, observava até a postura dos componentes do grupo, cujos nomes ainda os guardo na mente, de “cor e salteado”: Herb Reed (baixo vocal), David Lynch (tenor vocal), Tony Williams (lead vocal), Zola Taylor (vocal) e Paul Robi (barítono vocal), citados aqui, na mesma sequência da icônica fotografia que ilustra a coluna de hoje e que é original de um momento cativante daquela película.

O início do grupo data do ano de 1952, em Los Angeles. Originou-se de formações anterio-

res de outros grupos compostos por adolescentes, como The Flamingos, The Coasters e The Peguins, de onde adveio uma das primeiras formações do The Platters, contando essa com Tony Williams, David Lynch e Alex Hodge, para se chegar à formação básica que aparece do filme ‘Ao Balanço das Horas’. Pelo menos por uma década, essa formação se manteve, mas, ainda hoje, com o mesmo nome, o grupo ainda atua, respeitando, de certa forma, o repertório original, evidentemente, com menos sucesso.

Foi pelas mãos e pela experiência do compositor e empresário do show business Samuel ‘Buck’ Ram que a carreira musical decolou. Ele já havia trabalhado com os grupos supracitados, bem como com o The Drifters e até com Bing Crosby, intérprete, ator, apresentador bastante requisitado nos anos 30/40 e início dos 50 (1903-1977). Pode-se afirmar que ‘Buck’ Ram, com a criação da empresa Five Platters Inc., foi o fundador do The Platters, de vez que, além de manager, ele compunha os principais sucessos do grupo: ‘The Great Pretender’, ‘Only You’, ‘The Magic Touch’, ‘Twilight Time’, ‘Enchanted’, entre inúmeros outros, participando e orientando o grupo até em seus figurinos, suas posições e posturas de palco quando de suas apresentações (qualquer semelhança com alguns caminhos seguidos por Brian Epstein, nos Beatles, não será mera coincidência).

‘Buck’ Ram, que seria – pode-se dizer – o sexto “platters”, nasceu em Chicago, Illinois, Estados Unidos (1907), e morreu em Las Vegas (1991) e foi considerado pelo BMI (Broadcast Music, Inc.) como um dos maiores compositores de língua inglesa, junto com Paul Simon, Kris Kristofferson, Jimmy Webb e Paul McCartney.

Dos componentes da formação mais conhecida do The Platters, havemos por bem resumir suas participações no grupo:

- Tony Williams – nasceu em New Jersey (1928) e já havia feito um certo sucesso com a gravação de ‘That’s my Desire’, junto ao grupo The Flamingos. Como, praticamente, liderou todos os hits do grupo, era cognominado de “a voz dos Platters”. Morreu em New York, em 1992. Seus solos mais marcantes: ‘The Great Pretender’, ‘Only You’, ‘The Magic Touch’, ‘My Prayer’, ‘My Dream’, ‘You’ll Never Never Know’;

- Paul Robi – natural de New Orleans (1931), faleceu em Los Angeles (1989). No grupo, costumava fazer duetos com Zola Taylor, daí porque a proximidade deles nos eventos musicais. Tanto é que, em 1962, juntos, os dois deixaram o grupo. Solos marcantes: ‘At Your Back and Call’, ‘Glorify of Love’, ‘You’ve Changed’, ‘Take me in Your Arms’ e ‘Don’t Blame me’... E, em dueto com Zola, ‘Let’s Fall in Love’, ‘Immortal Love’, ‘Advertise’, ‘Love is’, ‘I Miss You So’, ‘I Love You Truly’;

- Herb Reed – foi um dos fundadores do grupo, em 1952, (com Joe Jefferson, Alex Hodge, David Lynch e Cornel Günter), tendo sido o último sobrevivente da formação inicial. Nasceu em Kansas City, Missouri – Estados Unidos (1928) e faleceu em Boston, Massachusetts (2012). Dos cinco que integravam o The Platters, foi o único a participar de todas as gravações, com o grupo original, como o conhecemos. Ele faz a voz de baixo, em contraponto, no backing vocal da gravação ‘You’ll Never Never Know’ e, dentre os seus solos mais marcantes, destaca para ‘Sixteen Tons’ e ‘Singing in the Rain’;

- David Lynch – como já citado, fez parte do grupo que criou os The Platters. Nasceu em St. Louis, Missouri (1929), foi o participante a falecer mais “jovem” (1981), aos 51 anos. Seus solos marcantes ocorreram nas gravações de ‘I Wanna’, ‘Thanks for the Memory’, ‘Prisoner of Love’, ‘Hula Hop’, ‘On a Slowboat to China’;

- Zola Taylor – integrou o grupo de 1954 a 1962. Seus solos mais conhecidos: ‘Bark Battle and Ball’, ‘He’s Mine’, ‘Someone to Watch Over Me’, ‘I Don’t Know Why’, ‘Mean to Me’. Após deixar o grupo, criou o seu Zola Taylor’s Platters, em 1980, em que permaneceu até 1996, quando fez a última apresentação, já em cadeira de rodas. Natural de Los Angeles, Califórnia (1934), faleceu em 2007.

A título de curiosidade: de uma viagem do grupo ao Rio de Janeiro, resultaram três versões de ‘Buck’ Ram para sucessos de Tito Maiz: ‘Quero-te assim’ (‘I Wish’), ‘Rio Triste’ (‘Sad River’) e ‘Chove lá fora’ (‘It’s Raining Outside’).

Filmes de que os The Platters participaram: ‘Rock All Night’, ‘Carnival Rock’ e ‘Rock Around the Clock’.

Após o desmembramento do grupo, já com formações alternativas, a música latina passou a ter vez na voz dos novos The Platters: ‘Cuando calienta el Sol’, ‘Maria Elena’, ‘Siboney’, ‘Aquellos Ojos Verdes’, ‘Besame Mucho’, ‘Malagueña’ e até ‘Day-O’ (‘Banana Boat Song’, de Harry Belafonte) e o nosso ‘Aquarela do Brasil’.



Foto: Reprodução



COM O CHEF **WALTER ULYSSES**



Walter Ulysses- Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tevê e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoullysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Praias do Litoral Sul

A Paraíba tem praias que deixam muitos estados com inveja. E podemos falar um pouco do nosso Litoral Sul, das praias de nossa Paraíba. Cercadas por muito verde, temos aproximadamente sete praias com nomes diferentes com contextos e mares diferentes, dependendo da maré, porém, de belezas inafiançáveis, todas pertencentes ao município de Conde, na Região Metropolitana de João Pessoa.

Tenho uma visão específica do local por vários fatores. Além de gestores que por lá passaram e não fizeram o que o local merece, em qualquer outro local do Brasil um prefeito faria uma gestão turística melhor, pois seria de

grande valor para o município e para o Estado. Ainda é necessária capacitação de pessoas para diversas áreas, principalmente na área de hotelaria.

Vamos falar um pouco de uma das praias que ficam bem no início de Jacumã, chamada Praia do Amor. Esse nome se dá por causa da beleza natural que o próprio local tem e do encontro de um rio com o mar, e poucos são os paraibanos que conhecem o local.

Chegando lá, não deixe de visitar o Gurugy Restaurante e Eventos, um ambiente familiar, com uma comida deliciosa e uma variedade de frutos do mar, além de ter o prato-chefe que é o peixe inteiro frito, acompanhado

de arroz, salada e pirão; e serve até a três pessoas. Se você quiser curtir a praia, ela está a menos de 150 metros; e existe um Dayuse no valor de R\$ 10 para usar sua piscina e todas as áreas que lá tem.

Não esquecendo que o Litoral Sul ainda conta com uma das poucas praias de nudismo do Brasil: Tambaba.

E você pode visitar todas essas praias que ficam a menos de 30 minutos da capital, João Pessoa. Procure informações nos locais turísticos de João Pessoa, que vão mostrar os meios e os melhores locais de conhecer esses locais. A Paraíba está sempre de portas abertas para o turismo.



Foto: Reprodução

PRATO DO DIA Camarão do amor

Ingredientes

- 200g de filé de camarão
- 1/2 cebola picada
- 2 dentes de alho picado
- 1 colher de sopa de manteiga da terra
- 1 colher de sopa de salsa picada



- Sal e pimenta-do-reino a gosto
- Toque de noz-moscada
- 100ml de cachaça para flambar
- 200g de macaxeira frita para acompanhar



Modo de preparo

■ Tempere os camarões e reserve. Em uma frigideira, coloque a manteiga, cebola e o alho, jogue os camarões, deixe no seu ponto e flambe com a cachaça. Sirva com macaxeira frita ou batata rústica.

O Gurugy Restaurante faz reservas para seu evento, além de reservas de mesas para o almoço com sua família. Você pode entrar em contato pelo WhatsApp 98794-0858 ou através da rede social Instagram: @gurugyrestaurante.

Para receber em casa frutas, legumes e hortaliças, a dica é a Verd Nova. São produtos selecionados por uma equipe que faz questão de escolher o melhor produto, embalar e deixar tudo certinho na sua casa. Visite o Instagram @verdnova e saiba quais as opções. Vale a pena.

PITADAS A GOSTO

A macaxeira é uma planta já cultivada pelos índios antes mesmo da chegada dos portugueses ao Brasil. Hoje é um dos maiores produtores do mundo.

É macaxeira ou é mandioca? “A espécie é ManihotesculentaCrantz para ambas, o que diferencia é o teor de cianeto presente na raiz”, explica a professora Priscilla Andrade, do Curso de Ciência e Tecnologia de Alimentos da Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra). “A ManihotesculentaCrantz é originária da Amazônia, planta já cultivada pelos índios antes mesmo da chegada dos portugueses ao Brasil. O Brasil é um dos maiores produtores mundiais, com produção de 23 milhões de toneladas de raízes frescas de mandioca e o período da safra é de janeiro a julho”, diz.

A macaxeira pode ser consumida logo após um curto período de cozimento. Enquanto a mandioca, a indicação é apenas o consumo de seus derivados, após preparação e retirada de todo veneno. A macaxeira também é conhecida como mandioca mansa ou aipim, e possui menos de 50mg de HCN por kg de raiz fresca sem casca. Já a mandioca, ou mandioca brava, apresenta acima de 100mg de HCN por kg de raiz fresca sem casca. E não adianta tentar fazer essa identificação só no “olhômetro”, que irá se dar mal!

É a convicção que uma pessoa tem, de ser capaz de fazer ou realizar alguma coisa; é como uma característica de personalidade humana, assim como a capacidade de refletir e analisar seus atos.

Foto: Pixabay

A implacável vontade de poder

Autoconfiança: de onde vem a crença em si mesmo?

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

“Pessoas com essa personalidade [de autoconfiança] não duvidam de si, e estão plenamente convencidas de suas crenças”

Diogo Moraes



Foto: Arquivo Pessoal

Quem nunca ouviu a expressão popular “eu confio no meu taco”? Diante de uma situação desafiadora, a pessoa que faz tal afirmação demonstra ter fé em suas próprias potencialidades, ou seja, ela tem autoconfiança. Originária da combinação de dois verbos – o grego “autós” (si mesmo) e o latino “confidentia” (acreditar, ter fé) –, a autoconfiança é uma característica do ser humano que, segundo o professor de Filosofia Diogo Moraes, tem relação com a atitude individual daquele que crê plenamente em si.

Para o público externo, algumas atitudes de quem tem esse traço em seu perfil podem até parecer esnobismo, mas trata-se de um comportamento quase involuntário, algo que está realmente no íntimo do interlocutor. “Pessoas com essa personalidade não duvidam de si, e estão plenamente convencidas de suas crenças”, afirma Moraes.

Remontando aos conceitos filosóficos, o professor salientou que a noção de superação do homem pelo “além-do-homem”, presente nas argumentações do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, nos permite pensar sobre o conceito de autoconfiança. O homem, conforme o autor, precisa ser superado, e para alcançar esse feito necessita ir além dele mesmo. Nesse contexto, “a autoconfiança é implacável em sua vontade de poder”.

“O homem tem que ter convicção em suas vitórias, vencer a si mesmo em busca da excelência, gritar ‘bis’ para

a própria vida, ao ponto de autoafirmar-se em sua força. Saber ter um estilo de vida decidido é ser gerador dessa vontade de poder, sendo um arco estendido para o futuro”, frisa.

A boa prática do poder é fundamental para gerar uma “vontade de vida” e, de acordo com Diogo, aquele que aprendeu a obedecer a si mesmo, carrega consigo a marca da autoconfiança. “Aos que não acreditam na autoconfiança resta se perguntar: não seria melhor encarar o desamparo que a precede, e deixar-se levar pela fragilidade?”, indaga Moraes, que acrescenta: “Desse modo, a autoconfiança seria apenas mais uma máscara social”.

Aquele que não guarda a crença em si vivencia o outro lado da moeda, ou seja, a insegurança, o receio que faz permanecer a indecisão, a falta de entendimento para se prosseguir com os planos no dia a dia. Daí vem a importância de tentar alimentar a autoconfiança, característica pessoal que também é benéfica à coletividade. O professor Diogo explica que “a vida do outro se torna melhor quando dou o melhor de mim. E para dar o melhor de mim devo estar decidido”.

Podemos dizer então que os reflexos da autoconfiança vão além da satisfação exclusiva do “eu”. Outro ponto importante é que crer nas próprias capacidades também conquista o respeito do próximo e, segundo Moraes, a maturidade da boa convivência em equipe requer essa firmeza de compromisso entre as pessoas.

Aquele que não tem fé em si pode comprometer inclusive o seu próprio futuro, uma vez que duvida de um resultado positivo de uma ação que repercutirá posteriormente. Desse modo, aquele que é autoconfiante, idealiza um amanhã melhor, confia em suas ações do hoje, que irão gerar bons resultados amanhã.

Isso não significa dizer, necessariamente, que essas pessoas não correm riscos, ou que não estão sujeitas a se deparar com imprevistos. O indivíduo autoconfiante encara sobretudo o grande risco de acreditar em si mesmo. Ele está imerso em um estado emocional que o lança de forma positiva em relação aos desafios do mundo.

Esse combustível o conduz a ir adiante mais rapidamente, pois, mesmo diante dos obstáculos ou do “novo”, está sempre se erguendo e prosseguindo na trajetória da vida. “Devemos nos impor de forma afirmativa, visando empreender nossa capacidade criativa de encontro aos nossos desejos. Enfrentar nossos medos garante o ganho de novas experiências e, consequentemente, a obtenção de mais confiança. Aquele que supera as adversidades estará apto aos desafios de um mundo contemporâneo repleto de inovações”, salienta o professor.



“Além de ter dentro de seu íntimo a crença de que é capaz, a pessoa autoconfiante precisa também se preparar

+

Comodismo gera efeito reverso

Saber administrar os próprios limites e ter a real noção de que ninguém é senhor de todas as verdades também é relevante para conduzir a vida de forma equilibrada. O aprendizado constante faz parte da existência de qualquer cidadão e, segundo o professor de Filosofia Diogo Moraes, a autoconfiança é um problema quando condicionada à “passividade”.

Ele conta que o indivíduo que torna essa qualidade meramente um artefato de experiências já vividas, transformando essa vivência passada como único garantidor de sua segurança, acaba se acomodando. Consequentemente, ele tende a cometer falhas ou agindo apenas quando se depara com situações já vividas.

“Um motorista que guiou um carro por vinte anos ininterruptos e que teve de se ausentar por dez da profissão, pode voltar a dirigir depois desse intervalo no mesmo estado de autoconfiança. Mas terá que adaptar-se às novas leis de trânsito, para que sua autoconfian-

ça não se transforme em excesso e infração”, exemplifica.

Caso não atente para a necessidade de adaptação, essa pessoa estaria ignorando o fato de o mundo estar em constante renovação e que diferentes desafios não tardam a aparecer. “Essa passividade é o teor negativo da autoconfiança. A zona de conforto torna-se um problema nesse cenário”.

Portanto, além de ter dentro de seu íntimo a crença de que é capaz, a pessoa autoconfiante precisa também se preparar, se dedicar e se instruir para o “novo”. Ao citar Bauman (Zygmunt Bauman, sociólogo e filósofo polonês), o professor Diogo declara que cada indivíduo vive preso a um dilema: quanto maior é sua liberdade, menor é sua segurança; e quanto maior sua segurança, menor é sua liberdade. “Podemos então entender que a autoconfiança pode ser negativa quando se transforma em descuido, ocasionando atos desmedidos e irresponsáveis”.



Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

A autoconfiança, porém, não é algo inerente a todo ser humano, não está no DNA dos homens. Segundo profissionais que lidam com a psiquê humana, indivíduos com essa qualidade a constroem por meio da assimilação de eventos registrados desde a mais tenra infância. Um dos fatores que interferem no desenvolvimento da autoconfiança é a autoestima.

“A autoestima influencia consideravelmente o desenvolvimento da autoconfiança, processo que se inicia desde a infância. Gostar de si mesmo e acreditar que é possível realizar esta ou aquela tarefa é essencial para o êxito em nossas atividades”, afirma o médico psiquiatra Bruno Moura Lacerda.

A psicóloga Janaína Ferreira frisa que existem outros conceitos da construção individual que são importantes no desenvolvimento da autoestima que, por sua vez, também depende da presença da autoconfiança para poder existir. Esses conceitos são cristalizados na mente desde a infância, como o autoconceito (o que a pessoa pensa sobre ela mesma); a autoimagem (que opinião tem da sua aparência); o autorreforço (em que medida você se permite ou se gratifica); e a autoeficácia-autoconfiança (quanta confiança tem em si mesmo). “Esses são passos para uma autoestima”, destaca.

Janaína destaca que a autoconfiança-autoeficácia “não vem no DNA, é uma construção que tem extrema importância na formação da personalidade do indivíduo”. De acordo com ela, indivíduos que foram incentivados a se tornarem autônomos e independentes por seus cuidadores, sendo apoiados e incentivados,

Uma construção que começa na infância

Fotos: Pixabay



constroem autoconfiança (autoeficácia). Por outro lado, “aqueles que foram muito criticados ou superprotegidos têm um pezinho na insegurança”.

O psiquiatra Bruno Lacerda complementa que experiências malsucedidas, traumas, ausência de genitores, são alguns exemplos que podem contribuir de forma negativa para o desenvolvimento da confiança em si. Porém, ele alerta que não existe regra para a construção desse traço da personalidade, uma vez que há mecanismos de defesa mentais que também podem ser criados. Algumas pessoas, mesmo passando

por eventos negativos, podem ter conquistado um grau de autoconfiança elevado.

Então, o que faz de uma pessoa autoconfiante e outra não? Bruno Lacerda conta que, além de ter interferência das experiências acumuladas ao longo da vida, essa qualidade está diretamente relacionada aos traços de personalidade de cada pessoa. “Indivíduos que realizam atividades mentais, comparando-se excessivamente a outras pessoas, distorcendo a realidade, demonstrando negatividade no desfecho de tarefas, em geral, possuem menor autoconfiança,

maior incerteza e sentimento de medo”.

Entretanto, os que dominam essas áreas e fomentam, sobretudo, a valorização do “eu” e o amor a si, mesmo quando frustrados, se mantêm numa linha mais positiva. Lacerda conta que esse processo funciona como se “fosse criado um sentido evolutivo para essas pessoas, e com isso reduzem a insegurança e o medo”.

A boa notícia é que aquele que não tem e deseja desenvolver a autoconfiança pode realizar seus objetivos por meio de uma mudança de comportamento e ajuda profissional.



Interferência das experiências acumuladas ao longo da vida é uma qualidade que está diretamente relacionada aos traços de personalidade de cada um

“A autoestima influencia consideravelmente o desenvolvimento da autoconfiança, processo que se inicia desde a infância. Gostar de si mesmo e acreditar que é possível realizar esta ou aquela tarefa é essencial para o êxito em nossas atividades

Bruno Moura Lacerda



Foto: Arquivo Pessoal

Dicas para a autoeficácia

A psicóloga Janaína Ferreira lista alguns passos que ajudam no desenvolvimento da autoconfiança (autoeficácia):

- 1 Experimentar-se, ter coragem de errar. Os erros são fontes de aprendizados;
- 2 Saber dos seus limites, aprender a entender e falar sobre seus sentimentos;
- 3 Aceitar-se. Sua vida é original e todo o ônus e bônus das suas escolhas são só seus. Não tentar se encaixar nas expectativas das outras pessoas, você não caberá nesse lugar;
- 4 Ter cuidado com a sua voz crítica. Não tentar o “perfeito” o “ideal”. Tentar o feito, perceber suas conquistas, cada avanço, e reforçar positivamente, gerando novas crenças.

“Aqueles que foram muito criticados ou superprotegidos têm um pezinho na insegurança”

Janaína Ferreira



Foto: Divulgação

Autoconhecimento

Para os cristãos, a escuta atenta da palavra de Deus pode ser um caminho para fortalecer e encontrar a autoconfiança. O padre Roberto Coura, da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, no Conde, localizado na Região Metropolitana de João Pessoa, explica que “Deus nos capacita para juntos percebermos o nosso potencial que, com sua graça, nos fornece”.

Ao citar alguns livros da Bíblia, o padre diz que “tudo é possível àquele que crê” (Marcos 9,23) e acrescenta que “tudo posso naquele que me fortalece” (Filipenses 4,13); “portanto, você, meu filho, fortifique-se na graça que há em Cristo Jesus” (II Timóteo 2,1).

Coura destaca que todos os seres humanos são dotados de uma complexidade “bio-psico-social-espiritual” e sofrem várias reações do mundo desde o momento da fecundação. Ao nascermos, somos inseridos em um contexto familiar que, por sua vez, tem sua história e dinâmica própria. Com o passar do tempo, cada indivíduo vai se determinando dentro desse princípio macro da formação humana, e cabe a cada um entender que tudo depende da estrutura formativa.

São vários os contextos em que as crianças vêm ao mundo e nem sempre elas estão inseridas em um ambiente de aconchego e boas expectativas. Roberto Coura destaca que alguns indivíduos foram fecundados e seus pais não os desejavam. Outros foram muito desejados, e alguns são adotados, só para citar alguns exemplos. Ainda deve-se levar em conta os fatores externos, que influenciam na formação psicológica, social e espiritual das pessoas.

“Assim, temos que, antes de julgar se alguém tem ou não autoconfiança, compreender sua realidade pessoal, pois somos produtos de uma macroformação humana”. E ao mencionar mais uma vez livros bíblicos, ele lança mão de Filipenses 1,6: “Estou convencido de que aquele que começou boa obra em vocês vai completá-la até o dia de Cristo Jesus”.

Segundo o religioso, entre os fatores que determinam a autoconfiança está a “formação primeira”, ainda no útero materno, pois

trazemos na nossa história questões intrauterinas que terão impacto ao longo da existência do indivíduo.

Assim como os psicólogos e psiquiatras, o padre também concorda que é possível se trabalhar a parte psicológica para superar algumas realidades. Acrescente-se pois a esse processo uma atenção especial à espiritualidade. “Sempre existe tempo para evoluir como pessoa”, alerta Coura.

E não há uma idade ou fase da vida específica para se aperfeiçoar e desenvolver a autoconfiança. Todos os momentos da existência são favoráveis a essa evolução. Coura destaca que as pessoas devem ter uma mente aberta para lidar com as necessidades que vão surgindo ao longo da caminhada. A inércia é a pior opção diante de um obstáculo. “Parar diante de nós e ficarmos só contemplando a dificuldade não vai ajudar no processo de evolução humana. Todos os dias temos uma nova oportunidade para despertar nossas potencialidades”.

Positividade

Para o padre Roberto Coura, a autoconfiança é sempre um aspecto positivo na vida. Ele ressalta, porém, que ter segurança em si não é sinônimo de prepotência e autossuficiência, mas algo que temos de desenvolver sempre, porque ajuda no amadurecimento pessoal, profissional e pessoal.

Essa característica também está ligada ao autoconhecimento, algo que, assim como a fé, não é tangível ou passível de ser observada com o sentido da visão. Mas pode ser sentida e percebida. “A autoconfiança sempre vai ser útil, pois conhecer e perceber quem somos faz parte de nossa construção bio-psico-social-espiritual. Sócrates na Grécia Antiga já afirmava: ‘Conhece-te a ti mesmo’”, afirma.

Ele acrescenta que, “se conhecer é também um dos primeiros passos para a autoconfiança”. “Somente quem sabe suas potencialidades e fragilidades pode ter autoconfiança, mas para tal faz necessário um amadurecimento diário. Se necessário for, deve-se buscar a ajuda de profissionais para um melhor trabalho”.

“Temos que, antes de julgar se alguém tem ou não autoconfiança, compreender sua realidade pessoal, pois somos produtos de uma macroformação humana”

Roberto Coura

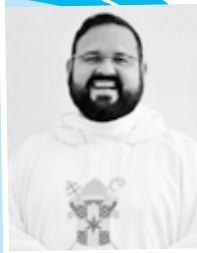


Foto: Divulgação

Sala de aula e escola da vida

Primeiras provas de autoconfiança

Carol Cassoli

Especial para A União

Confiança: segurança em relação a alguma coisa. Autoconfiança: confiança em si próprio. Ambas as definições estão presentes no dicionário e resumem os sentimentos de quem conhece suas qualidades e aceita seu potencial produtivo integralmente, sem permitir que interferências externas abalem seu rendimento. Em teoria, tanto o conceito quanto sua aplicação são simples. Na prática, no entanto, nem tudo são flores e muitas pessoas desenvolvem problemas de confiança... mesmo que, nesse caso, a confiança seja em si e não nos outros.

Gestora da Everest, escola que oferece ensino preparatório para concursos na capital, Paula Miguel explica que, além da aptidão teórico-prática, o preparo mental é muito importante para que as pessoas tenham sucesso em um concurso ou em outros



Foto: Pixabay

desafios do dia a dia. Paula nota que a autoconfiança é uma problemática bem presente na vida de alguns concurseiros, especialmente por causa de fatores que podem interferir diretamente no resultado de uma avaliação, como a grande cobrança em relação à aprovação e a alta concorrência em determina-

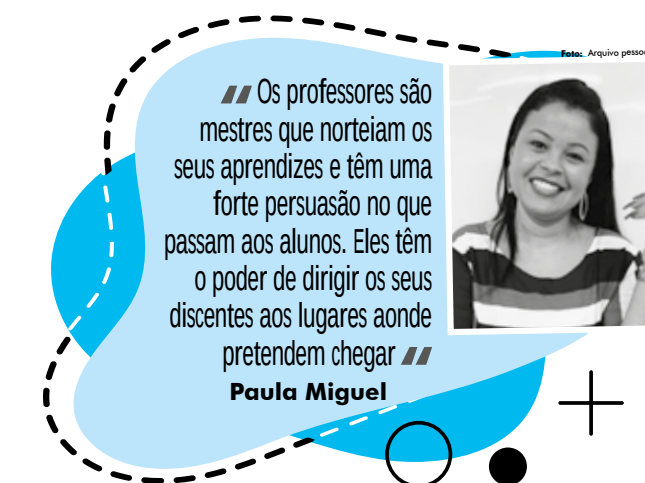
dos concursos.

“Se esta questão for trabalhada de forma positiva, no entanto, pode contribuir muito para um resultado excelente: a tão sonhada aprovação. Um dos primeiros passos é o concurseiro acreditar em seu potencial, ter a certeza de onde está e onde quer chegar”, Paula afirma que por

meio dos estudos é possível chegar a qualquer cargo.

A gestora da Everest Concursos comenta que a autoconfiança surge através de estímulos e essa motivação pode acontecer por meio de palestras motivacionais ou incentivos sensoriais nos ambientes em que os alunos convivem, por exemplo. “Na Everest criamos um ambiente de estudo sadio, tudo para que o concurseiro se sinta à vontade e acolhido. Inclusive, acompanhamos o aluno individualmente até a posse para que ele não se sinta sozinho nessa caminhada”, destaca.

Paula observa, ainda, que é possível potencializar a autoconfiança das pessoas com atitudes simples, que fazem (ou deveriam fazer) parte do cotidiano de todo mundo. “É preciso trabalhar o lado emocional, como a ansiedade; praticar atividade física; assistir a vídeos motivacionais e tentar conviver com



“ Os professores são mestres que norteiam os seus aprendizes e têm uma forte persuasão no que passam aos alunos. Eles têm o poder de dirigir os seus discentes aos lugares aonde pretendem chegar ”

Paula Miguel



pessoas que tenham histórias de superação, que possam somar positivamente ao momento dos estudos”, a gestora da escola preparatória enfatiza que, nessa jornada, o foco é essencial.

Além do foco, porém, outros fatores são determinantes na jornada de autoconfiança das pessoas. Pensando no passo a passo da formação de um cidadão, por exemplo, a escola é o local onde cada um passa pelos primeiros

testes de autoconfiança e é lá, também, que ele pode se desenvolver ou se retrair. Nesse contexto, Paula Miguel afirma que existe um agente condutor muito importante no resultado desse trajeto: o professor. “Os professores são mestres que norteiam os seus aprendizes e têm uma forte persuasão no que passam aos alunos. Eles têm o poder de dirigir os seus discentes aos lugares aonde pretendem chegar”, afirma.

Confiança para superar dificuldades

Prova de que é na escola que começam os desafios, Larisa Souza decidiu, em seu último ano no ensino secundário, que tentaria uma aprovação em Letras por meio de sua nota no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). A estudante, que nunca havia realizado a prova, procurava ingressar em Língua Portuguesa e a única certeza que tinha era a de que a experiência seria um grande desafio. “Sempre estudei em escolas públicas e o que se sabe é que, no Enem, não há uma disputa de igual para igual. O aluno da rede pública geralmente possui mais pedras no caminho”, observa a jovem que, à época, tinha apenas 15 anos.

Pensando nas dificuldades que enfrentaria no mercado se optasse por outro curso, como Jornalismo, a então estudante decidiu que a carreira que estava seguindo era mais compatível com sua realidade e, por isso, mais segura também. Ainda adolescente, Larisa, que é do interior da Paraíba, percebeu que se optasse por outro curso naquele momento poderia ter alguns problemas para conseguir um emprego quando chegasse a hora de se inserir no mercado de trabalho.

“Entrar na educação é desafiador e são poucas as pessoas que incentivam. Eu mesma ouvi péssimas recomendações, até de professores meus”, Larisa relata que, assim como há pessoas para incentivar, há também aquelas para realizar o caminho contrário.

Quando finalizou o curso, em 2019, Larisa se deparou com um novo desafio que pôs à prova sua confiança em si mesma: o lançamento de um edital do Governo do Estado para a contratação de novos professores. “Vi ali a oportunidade de conseguir um emprego ideal. Aquele concurso era o que eu realmente queria”, lembra.

Diante do sonho da aprovação, a recém-formada professora de Língua Portuguesa se viu em meio às memórias de quando, por apenas uma questão, não foi aprovada em um concurso de nível médio na área de administração. “Isso foi bem triste para mim, pois não era experiente nessa área. Concluí que um concurso não pode ser feito sem intensa preparação”, relata ao, instintivamente, concordar com as dicas de Paula Miguel, da Everest Concursos.

Ao lembrar de quando estava em busca da aprovação, Larisa Souza conta que acredita que até mesmo as energias externas fazem diferença em momentos decisivos como esses. E, por isso, a jovem só

havia comentado sobre o concurso com pessoas próximas e de confiança, como a família, o namorado e alguns colegas de turma na faculdade. “Resolvi não expor, pois às vezes contar nossos sonhos durante a trajetória atrai pensamentos negativos de quem nem imaginamos”.

E, apesar de ter sido extremamente discreta quanto aos planos para depois do término do curso, Larisa afirma que o apoio dos que sabiam foi crucial na construção de sua autoconfiança: “Eles me incentivaram bastante e eram as pessoas que me viam estudando e batalhando pelos meus sonhos”.

Mesmo com toda a concentração em atingir seus objetivos, hoje, aos 22 anos, Larisa conclui com humildade que não era autoconfiante para ser aprovada e sim o contrário. “Não foi a confiança que me levou a me esforçar pela vaga no concurso, mas o contrário: era o meu esforço que me levava a ser confiante. Eu realmente tentei me dedicar ao máximo e vencer o cansaço e a procrastinação”, destaca.



“ Às vezes, contar nossos sonhos durante a trajetória atrai pensamentos negativos de quem nem imaginamos ”

Larisa Souza



Da vida para o palco e do palco para a vida

E não é apenas Larisa que acredita que a autoconfiança não é natural, mas sim uma construção. Aos 36 anos, a cantora e compositora Nathalia Bellar analisa que o palco é, para ela, o lugar onde se sente mais segura no mundo e, talvez por isso, seja lá também que seus melhores feitos foram registrados; com toda a autoconfiança necessária para entoar belas canções. “Arrisco dizer que o palco é uma espécie de estado de espírito. Você pode se sentir poderosa cantando no ‘Rock in Rio’ ou na frente do espelho do banheiro. Nada machuca, não existe medo ou indecisão. Só uma profunda vontade de viver e cantar”, enfatiza, apaixonada.

Nathalia, que começou a viver a arte nos palcos de teatro, explica que primeiro foi atriz e, depois, enveredou pelos caminhos da música (onde aprendeu a fazer, fazendo): “Acho que é daí que vem minha autoconfiança: do fazer artístico que sempre me foi vital. Do sentimento avassalador de poder ser quem eu quisesse”.

A artista explica que nem sempre confiou em seu potencial; pelo contrário, enfrentou (e ainda enfrenta) muitos problemas com insegurança. “No começo, tudo era muito intuitivo. Cantava e tocava para me divertir e divertir as pessoas. Não sentia tanto o peso das responsabilidades que o ofício pode trazer. Realmente, eu não pensava muito”, constata.

Apesar disso, no entanto, Nathalia afirma que, com o tempo, as pessoas aprendem com as frustrações da rotina e acabam por amadurecer, compreender o sistema e dar destaque a autocrítica em vez da opinião alheia: “Acho que estou bem nesta fase. Me preocupo mais em acertar hoje em dia. Aquela afinação, aquela intenção, aquele ro-

“ A consciência do nosso lugar de fala ajuda a entrar e sair por esses caminhos virtuais com mais segurança e leveza ”

teiro. É algo de mim comigo mesma. O que eu sinto em relação ao público, por exemplo, é um desejo de continuar deixando marcas positivas, tocando em lugares profundos... sendo ouvida”.

Ainda pensando na crítica do público, a cantora enfatiza que, mesmo não dando tanta atenção à opinião alheia, percebe que o universo digital possui um potencial destrutivo muito grande. E isso não está relacionado unicamente ao público, mas também à autodestruição e competitividade dos próprios artistas que convivem no mesmo meio.

Nathalia observa que o digital é muito desigual e, nesse contexto, o *mainstream* domina e todo o resto sobrevive: “É muito difícil. Outro

dia postei sobre o quanto me entristece ver os artistas independentes brigando por um espaço no mundo dos algoritmos, quando a maioria não tem como investir em patrocínios dentro das redes para potencializar o alcance de seus trabalhos”.

A cantora (que no ano que vem completará 15 anos de carreira) afirma que as redes ampliam as possibilidades, mas também oferecem seus monopólios, principalmente porque o consumo está cada vez mais acelerado. E, para ela, isso pode influenciar a autoconfiança de muitos artistas. “Essa ascensão do TikTok (uma rede social voltada à produção de vídeos curtos) é uma prova disso. Por ter essa característica de produção de conteúdos curtos e, em grande maioria, engraçados, o artista virou influencer e comediante também. Eu, particularmente, acho bem cansativo”, lamenta.

Entre outros fatores, Nathalia também nota que a internet se transformou em um ambiente muito hostil. Sob a ótica da cantora, é preciso escolher bem o que dizer, com quem dizer e como dizer algo para que o retorno dos internautas não afete a confiança do artista. “A consciência do nosso lugar de fala ajuda a entrar e sair por esses caminhos virtuais com mais segurança e leveza”, analisa.



“ Acho que é daí que vem minha autoconfiança: do fazer artístico que sempre me foi vital. Do sentimento avassalador de poder ser quem eu quisesse ”

Nathalia Bellar



Autoconfiança:

um prazer acima de tudo

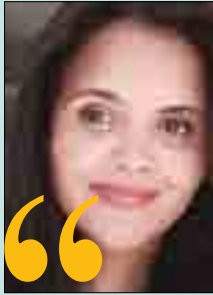
Carol Cassoli
Especial para A União

Para a bailarina e coreógrafa Denilce Regina, do Ballet Jovem da Paraíba, a dança é uma arte que, assim como todas as outras, deve ser feita com prazer. Mesmo assim, é necessário que os bailarinos tenham acompanhamento psicológico, porque, com a chegada das temporadas de apresentação, por exemplo, é comum que os dançarinos se sintam pressionados. “No Ballet Jovem da Paraíba temos esse acompanhamento, principalmente em temporadas e competições, quando os trabalhos são mais intensificados, pois o emocional fica mais aguçado”. A coreógrafa diz que, dessa forma, tudo fica mais leve e organizado.

A bailarina explica que a dança é capaz de potencializar a autoconfiança de uma pessoa e, por isso, é importante que um bailarino esteja em plenas faculdades físicas e mentais: “É fato que a dança tem o poder de potencializar a autoconfiança, pois esse processo se constrói com o desenvolvimento do trabalho proposto para o bailarino. E, se estiverem com corpo, mente e alma bem trabalhados, ficam mais fortes para enfrentar toda uma jornada”.

Fundadora da escola de atores Telart, Thaymara Costa concorda com Denilce e enfatiza que a arte faz parte de um processo de doação e, principalmente, de amor que pode corroborar para o desenvolvimento da autoconfiança

Foto: Arquivo Pessoal



“É preciso que as pessoas saibam trabalhar suas emoções, como acontece no teatro

Thaymara Costa

e melhorar a capacidade de socialização de cada pessoa.

Segundo Thaymara, que também é diretora da Telart, os cursos da escola bateram recorde de inscrições durante a pandemia. Isso porque, enclausuradas em casa, muitas pessoas perceberam que têm problemas para se comunicar. “Muitos procuram nosso curso por questões de socialização. As pessoas ficaram muito tempo presas em casa, tiveram contato com a arte – através de filmes ou músicas, por exemplo – e ela desempenhou papel terapêutico neste momento, mas muita gente também percebeu, através da arte, dificuldades de comunicação”, explica.

Para a fundadora da Telart, é fundamental que as pessoas saibam expressar seus sentimentos corretamente para que, então, autoestima e autoconfiança se elevem e andem juntas. “Com o regresso do convívio social, muitas pessoas se sentem inseguras para desenvolverem uma comunicação efetiva; uma crença limitante que a pandemia deixou para muitos dos nossos alunos”, observa.

Além dos desafios de uma entrevista ou reunião pessoal, Thaymara nota que a autoconfiança também se mostra através do ambiente tecnológico, por meio de aplicativos de bate-papo ou de redes sociais. “É preciso que as pessoas saibam trabalhar suas emoções, como acontece no teatro”, enfatiza a criadora da Telart.



Fotos: PixaBay

Ser seguro de si na prática

Na teoria, tudo é muito simples. Para Pedro Borges, no entanto, nem tudo é tão fácil quando o assunto é autoconfiança. O jovem, de 19 anos, conta que se considera autoconfiante hoje, mas que se o perguntassem sobre o tema há dois anos certamente a resposta seria outra. “Na minha vida em geral eu sou bem tímido e essa timidez fazia com que eu não tivesse confiança em mim mesmo. Notas, trabalhos... Até perdi oportunidades por achar que não era bom o suficiente”, lembra o estudante universitário.

Pedro avalia que, mesmo sem saber ao certo quando aconteceu, houve um momento em que percebeu que não precisava ser bom em tudo: “Eu entendi que a minha opinião era válida e que por não confiar no meu instinto, inteligência ou sentimento, já tinha perdido muita coisa”.

Assim como para Paula, Larisa, Nathalia, Denilce e Thaymara, no entendimento de Pedro, o desenvolvimento da autoconfiança foi um processo. “Se você falha, quer desistir. E hoje eu acho que a palavra pra ter uma autoconfiança é persistência”, orienta.

Para o jovem universitário, a autoconfiança pode ser compreendida através de uma simples analogia que envolve gincanas de programas de televisão dominicais: “Às vezes você bate na porta errada e cai; às vezes você abre a porta certa e prossegue. É só persistir”.

Foto: Arquivo Pessoal



“Sou bem tímido e essa timidez fazia com que eu não tivesse confiança em mim mesmo (...) Até perdi oportunidades por achar que não era bom o suficiente

Pedro Borges

Abrir mão faz parte da jornada

Persistência. Mais presente que o termo autoconfiança, a persistência é recorrente no vocabulário dessas pessoas. Educadoras, artistas, estudantes... Todas autoconfiantes e, acima de tudo, persistentes.

Larisa Souza mesmo conta que, ainda que possuísse toda a confiança do mundo, sem uma estratégia, não seria capaz de conseguir a aprovação em seu concurso. E, de toda forma, saber o que queria foi indispensável para que não negociasse sua prioridade, porque, nesse caminho, abrir mão faz parte. “Semanas antes da prova do concurso, surgiu a oportunidade de tentar seleção para o mestrado na minha área, outro grande sonho. Porém, eu precisava me preparar para isso. Não sei como consegui conciliar, mas tentei me preparar para isso também”.

Em meio ao preparo para a seleção da pós-graduação, a data da prova chegou. Larisa conta que saiu de lá com apenas um pensamento: “Gostei da prova, mas não sei se ela gostou de mim”. E, apesar do pensamento singelo, tanto a prova do concurso quanto os avaliadores do mestrado gostaram de Larisa e a estudante universitária obteve a aprovação – em primeiro lugar – em cada um deles.

Apesar disso, no entanto, Larisa optou por não assumir a responsabilidade de cursar o mestrado; isso porque assumiu uma vaga em tempo integral através do concurso. Mas, para a ainda jovem professora de Português, escolhas fazem parte da vida e, em outro momento, ela terá a oportunidade de olhar com mais atenção para o sonho do mestrado.

“Hoje, sou professora de Português na cidade de Juripiranga (no interior do Estado) e na escola que estudei”, conta.

Um tesouro escondido

Ainda que a autoconfiança seja uma construção constante, a cantora Nathalia Bellar pensa o sentimento como uma caixinha secreta que nasce com cada indivíduo e que tem sua abertura interferida por inúmeros fatores. “Minha autoconfiança nasceu da minha paixão por cantar, por fazer arte. Hoje sinto que o trabalho exige muito mais de mim”, enfatiza.

A compositora explica que, no seu caso,

o mercado da música, por exemplo, tem mudado muito rápido e todos ainda precisam aprender muito sobre tudo, principalmente aqui no Estado da Paraíba. Para Nathalia, não há dúvidas de que isso também interfere diretamente na autoconfiança.

Em seu relato, Nathalia Bellar aponta que, ao longo da vida, surgem muitas dúvidas sobre quais caminhos a seguir. E, para

complementar, a pandemia também se tornou realidade na vida de todos. “Hoje, trabalho bastante minha autoconfiança em terapia. Recomendo muito. A nossa saúde mental é constantemente ameaçada pelo caos do mundo moderno. Dentro do universo artístico, cuidar dos medos, do autobicoite e do perigoso ego, é garantir longevidade na vida e no trabalho”, encerra.

Foto: Divulgação



“É fato que a dança tem o poder de potencializar a autoconfiança, pois esse processo se constrói com o desenvolvimento do trabalho proposto para o bailarino

Denilce Regina

